



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

MANOEL BRITO MENEZES

**ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO A PARTIR DA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO GIL
RODRIGUES NA CIDADE DE VERTENTES - PE**

Campina Grande/Paraíba
Setembro de 2020

MANOEL BRITO MENEZES

**ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO A PARTIR DA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO GIL
RODRIGUES NA CIDADE DE VERTENTES - PE**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG) como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
(PROFSOCIO) para obtenção do título de
Mestre.

Orientador

Prof. Drº Luciano da Silva

Linha de pesquisa

Educação, Escola e Sociedade

Campina Grande/Paraíba
Setembro de 2020

M543a

Menezes, Manoel Brito.

Alienação em relação à disciplina de Sociologia no Ensino Médio : um estudo a partir da escola de referência em Ensino Médio Gil Rodrigues na cidade de Vertentes - PE / Manoel Brito Menezes. - Campina Grande, 2020.

137 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação: Prof. Dr. Luciano da Silva.

Referências.

1. Ensino Médio. 2. Sociologia. 3. Marx. 4. Alienação - Alunos - Conteúdos de Sociologia. I. Silva, Luciano da. II. Título.

CDU 316:37.016(43)

MANOEL BRITO MENEZES

**ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO A PARTIR DA ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO GIL
RODRIGUES NA CIDADE DE VERTENTES - PE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PROFSOCIO) para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Drº Luciano da Silva

Banca Examinadora:

Aprovada em _____

Professor Dr. Luciano da Silva

Universidade Federal de Campina Grande - Orientador

Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo

Universidade Federal de Campina Grande – Examinadora Interna

Professor Dr. Matheus Maria Beltrame

Universidade Estadual da Paraíba – Examinador Externo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Como parte das exigências para a concessão do grau de mestre, às 14:00 horas do dia 29 setembro de 2020, totalmente através de videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de TCC do aluno: MANOEL BRITO MENEZES. O trabalho tinha como título "**ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: Um estudo a partir da Escola de Referência em Ensino Médio Gil Rodrigues**".

Compunham a banca examinadora os professores (as) doutores (as) os (as) professores (as) doutores (as) Luciano da Silva (Orientador), Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna) e o Prof. Dr. Matheus Maria Beltrame (Examinador Externo). O candidato expôs oralmente a defesa via **videoconferência**, em seguida os membros da banca procederam à arguição também por meio de videoconferência. A sessão foi finalizada com a .Aprovação por parte da banca examinadora, do trabalho.

Foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da referida banca e pela aluno e por mim, como coordenadora do PROFSOCIO/UFCG- CH-PRPG.

Prof. Dr. Luciano da Silva

(Orientador)

Manoel Brito Menezes

(Orientando)

Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo

(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Matheus Maria Beltrame

(Examinador Externo)

Maria de Assunção Lima de Paulo

Coordenadora do PROFSOCIO/UFCG- CH-PRPG

Campina Grande, 29 de Setembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE ASSUNCAO LIMA DE PAULO, COORDENADOR (A)**, em 29/09/2020, às 20:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCIANO DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/09/2020, às 20:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MANOEL BRITO MENEZES, Usuário Externo**, em 29/09/2020, às 22:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Matheus Maria Beltrame, Usuário Externo**, em 05/10/2020, às 20:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1044631** e o código CRC **AFE61FEA**.

Referência: Processo nº 23096.038063/2020-74

SEI nº 1044631

Dedico este trabalho aos meus pais, Alice Carvalho Brito (*in memoriam*) e Severino Agnelo Menezes (*in memoriam*), retribuindo todo amor e carinho recebido ao longo de nossa vivência juntos.

AGRADECIMENTOS

Este é um espaço pequeno diante a gratidão a ser expressa nestes agradecimentos. Adianto-me pedindo desculpas aos que não foram incluídos aqui, porém contribuíram de maneira significativa do processo de construção desse trabalho.

Ao meu orientador, Professor Luciano da Silva, que incansavelmente me ajudou de maneira prestativa, paciente e com uma excelência formidável na orientação deste trabalho. A esse ser humano e profissional ímpar, meu muito obrigado.

À Coordenadora do PROFSOCIO-UFCG, Professora Maria de Assunção Lima de Paulo, pessoa maravilhosa que nos acolheu de uma forma muito aconchegante e nos proporcionou uma caminhada mais cômoda organizando toda a parte burocrática do programa.

Aos colegas que tive o prazer de conhecer no curso de mestrado PROFSOCIO- UFCG, Anne, Bruno, Cassiano, Érika, Flávio, Grygena, Jefferson, Timoteo, Wilton, Kaline, Rosymere, Thiago Santos, Tiago Melo e em especial aos companheiros das viagens semanais Monica e Fabiano. Agradeço aos momentos compartilhados, as resenhas de corredores, da hora do lanche, as angústias divididas, o incentivo e o carinho. Sintam-se abraçados, sem vocês essa trajetória seria ainda mais árdua.

Aos colegas do PROFSOCIO do campus Sumé, Ceciliano, Alcilene e Aracele. Agradeço muito a vida por te me apresentado a vocês, pessoa as quais tenho grande afeição e representam a hospitalidade e a gentileza do povo paraibano.

Aos professores do curso, que dedicaram seu tempo, paciência e conhecimento a uma turma de mestrandos-professores que se dividias em várias funções durante a trajetória do curso.

Ao professor Matheus Beltrame, por atender de maneira solícita ao convite para compor a banca de qualificação e defesa deste trabalho.

Ao Professor Kleber Fernando, grande incentivador disto tudo, que desde o primeiro momento acreditou em um potencial que nem eu mesmo acreditava ter, que além de um brilhante professor é um ser humano formidável.

À Mayara Andrade, pelo carinho, dedicação, cumplicidade e incentivo. Agradeço por me dar forças mesmo quando já não havia e me acompanhar com serenidade, compreendendo as ausências, obrigado por tudo.

Aos meus amigos Carlos Magalhães, Janailson Magalhães, e em especial Adriano Silva e Gilvan Ferreira, verdadeiros irmãos que a vida me deu.

Ao amigo José Ailton Marcolino da Silva, do PROFSOCIO-Fundaj, uma fonte de inspiração dentro do mestrado, um apaixonado pela vida e pelas reflexões sociológicas.

Ao grande irmão Anderson Rafael, que no decorrer de uma graduação e uma especialização foi companheiro de dúvidas, inquietações, troca de conhecimentos e suporte fraterno em muitos momentos.

Aos/as professores/as e alunos/as entrevistados da pesquisa, que foram muito solícitos ao contribuírem para o desenvolvimento deste trabalho.

À Camila Brito, minha irmã, pessoa que demonstra um orgulho imenso e me faz querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu amigo Letiere, que tenho um imenso carinho e admiração. Pessoa que contribuiu bastante para minha trajetória profissional e durante o período do curso de mestrado hospedava minha moto nos fins de semana.

À gestão da escola campo de pesquisa por acolher sem ressalvas o projeto de pesquisa.

A todos os trabalhadores da educação que acreditam, dedicam suas vidas e sonham com uma educação democrática, laica e de qualidade para os jovens brasileiros. Obrigado por não me deixarem caminhar sozinho.

A todos que participaram direta ou indiretamente, eis minha gratidão.

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une”.

Milton Santos

RESUMO

A presente pesquisa desenvolve um estudo de caso sobre a situação da disciplina de Sociologia na Escola de Referência em Ensino Médio Gil Rodrigues, localizada na cidade de Vertentes-PE. Objetiva refletir sobre os elementos que contribuem para que os/as alunos/as se mostrem alienados dos conteúdos desta disciplina. Nesse sentido, o referencial teórico articula a concepção de alienação de Marx (1982, 2004, 2011, 2013), Marx e Engels (2010, 2011a, 2011b) e sua recepção no contexto brasileiro (RANIERI; FREIRE, 2000, 2017). Busca-se, dessa forma, uma apropriação reflexiva do conceito de alienação para realizar uma interpretação da dinâmica do funcionamento do ensino de sociologia nas escolas públicas a partir das perspectivas do/a professor/a e dos/as alunos/as (HANDFAS, MAIÇARA e FRAGA; LEAL e YOUNG; CARNIEL e BUENO, 2015, 2015, 2018). A pesquisa tem um caráter qualitativo, utilizando a entrevista como instrumento de coleta de dados e a observação simples como técnica complementar do processo, no qual os sujeitos pesquisados são alunos/as e professores/as da escola campo. Todos os dados levantados na coleta passaram por um processo de análise onde a realidade encontrada foi ancorada pelas teorias discutidas neste trabalho. Como resultado, a pesquisa demonstra que a alienação em relação à sociologia pode ser compreendida a partir de vários fatores, dentre eles: a falta de interesse por parte dos/as discentes, a quantidade de aulas durante a semana, a carência de profissionais formados na área de sociologia e o próprio sistema educacional, que através de questões burocráticas inviabilizam um avanço dessa área de conhecimento. Assim, percebe-se que a alienação está presente de maneira sutil na medida em que os/as alunos/as se mostram alheios às próprias produções, refletindo diretamente na maneira como tomam decisões na vida social.

Palavras-chave: Ensino Médio, Sociologia, Marx, Alienação

ABSTRACT

This research develops a case study on the situation of the discipline of Sociology at Gil Rodrigues Reference School, located in the city of Vertentes - PE. It aims to reflect on the elements that contribute for the students to show themselves alienated from the contents of this discipline. Along this line, the theoretical framework articulates the concept of alienation by Marx (1982, 2004, 2011, 2013), Marx and Engels (2010, 2011a, 2011b) and their reception in the Brazilian context (RANIERI; FREIRE, 2000, 2017). In this way, a reflexive appropriation of the concept of alienation is sought to carry out an interpretation of the dynamics of the functioning of sociology teaching in public schools from the teachers' and students' perspectives (HANDFAS, MAIÇARA and FRAGA; LEAL and YOUNG; CARNIEL and BUENO, 2015, 2015, 2018). The research has a qualitative character, using the interview as an instrument of data collection and simple observation as a complementary technique of the process, in which the researched subjects are students and teachers from the field school. All data gathered in the collection went through an analysis process where the reality found was anchored in the theories discussed in this work. As a result, the research shows that alienation concerning sociology can be understood from several factors, including: the students' lack of interest, the number of weekly classes, the scarcity of professionals trained in the field of sociology and the teaching system itself, which, due to bureaucratic issues, make it impossible to advance in this area of knowledge. Thus, it is clear that alienation is present in a subtle way, as students are alien to their own productions, directly reflecting on the way they make decisions in social life.

Keywords: High school, Sociology, Marx, Alienation

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Perfil dos Professores	p. 83
Tabela 1	Perfil dos Alunos	p. 87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EREM	Escola de Referência em Ensino Médio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDEPE	Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEBEP	Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
SEE	Secretaria de Educação e Esportes

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	p. 13
2.	ESTADO DA ARTE	p. 17
2.1.	MARXISMO E EDUCAÇÃO	p. 17
2.1.1.	Educação omnilateral do sujeito	p. 17
2.1.2.	Estranhamento e alienação no pensamento de Marx	p. 27
2.1.3.	Alienação e emancipação no contexto educacional brasileiro	p. 40
2.2.	A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO	p. 42
2.2.1.	Visão multifacetada da Sociologia na escola	p. 42
2.2.2.	Alunos e o conhecimento sociológico	p. 60
2.2.3.	Professores e o conhecimento sociológico	p. 66
3.	MÉTODO E ETAPAS DO TRABALHO	p. 71
3.1.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p. 71
3.2.	DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p. 73
4.	ANÁLISE	p. 78
4.1.	ANÁLISE DOS SUJEITOS PESQUISADOS	p. 82
4.1.1.	Professores	p. 82
4.1.2.	Alunos	p. 86
5.	CONCLUSÃO	p. 98
6.	REFERÊNCIAS	p. 101
7.	APÊNDICES	p. 104

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolvida dentro do programa do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) tem como área de concentração o Ensino de Sociologia, desmembrado na linha de pesquisa “Educação, Escola e Sociedade”. O seu campo de estudo é Educação e Ambiente Escolar, tendo como subcampo o Sistema escolar. Este trabalho surge a partir de uma série de inquietações observadas no cotidiano escolar, mais precisamente nas aulas de sociologia e nas suas implicações dentro da escola.

Ao longo de sete anos como professor da rede pública de ensino, desenvolvemos grande afinidade com a disciplina de sociologia, mesmo tendo formação em outra licenciatura (História). O contato direto com a disciplina possibilitou a ampliação dos questionamentos, principalmente sobre como a sociologia é abordada e discutida dentro da escola. Assim, a procura por respostas tornou-se constante e veio a ser saciada a partir do ingresso no PROFSOCIO que, para além de uma formação continuada, nos deu a oportunidade de discutir os mais diversos temas e problemas envolvendo a educação e o ensino de sociologia.

Dentro do mestrado, com um novo olhar e novas perspectivas, já não éramos estudantes de licenciatura, mas professores compartilhando experiências, angústias e resultados exitosos da nossa prática docente e passeando por temáticas como o ensino de sociologia, as juventudes, o cotidiano escolar dentro de um dos poucos espaços que ainda nos resta para essas reflexões: a universidade. Todo período de realização de curso nos garantiu uma bagagem de conhecimento e enriqueceu nossa prática docente.

Compreendemos que esta formação, enquanto mestrado, foi uma oportunidade de melhorar nosso desempenho diante das aulas de sociologia, garantido uma melhor apropriação dos conhecimentos sociológicos para poder compartilhar com um público tão especial e necessitado como os/as alunos/as da rede básica. Sabemos da necessidade de nos aperfeiçoarmos e o mestrado profissional proporcionou uma rica experiência sobre a sociologia e suas mais diversas aplicações. O desafio foi lançado e abraçamos com carinho a jornada árdua no desempenho das nossas funções em um cenário de desigualdades e injustiças sociais marcantes como o da sociedade brasileira.

A sociologia é uma ferramenta muito importante no cenário escolar a partir do momento em que contribui para que o aluno reflita sobre seu contexto social. Seu desenvolvimento e permanência na escola constitui um importante elemento de resistência que visa revalorizar as Ciências Humanas.

Em nosso convívio cotidiano em sala de aula observamos que a sociologia vem se tornando uma subárea do conhecimento dentro da escola. Esta afirmativa tem sustentação mediante a apreciação do caso pesquisado dentro da escola campo e neste estudo nos situamos enquanto professor e pesquisador. Ao longo da nossa experiência como docente, percebemos o desinteresse dos alunos em relação à disciplina de sociologia. Esse cenário nos trouxe preocupação, principalmente pelo contexto social que envolve a escola e os/as alunos/as. A nosso ver, eles têm demonstrado resistência para refletir e discutir problemas sociais em seu entorno. Este trabalho compreende uma análise de um contexto particular, pois une elementos de um quadro específico, mas que pode ser aplicada em outros contextos.

As aulas de sociologia constituem espaços de discussão e construção coletivas de conhecimento social. Teorias e conceitos são debatidos em vista da compreensão da realidade social. Para além de uma perspectiva didático-pedagógica a sociologia se mostra capaz de trazer discussões relacionadas à vida dos/as alunos/as e consequentemente a possibilidade de uma transformação social.

Enquanto relevância pessoal e profissional, este trabalho traz a possibilidade de um aprofundamento sobre a área do ensino de sociologia, bem como refletir sobre nossa prática docente. Ao abordar as diversas temáticas inseridas nessa pesquisa aumentamos nosso campo de conhecimento e domínio sobre o pensamento sociológico.

Em um cenário heterogêneo como a sala de aula, o professor tem que se mostrar capaz de contribuir para que seu/sua aluno/a possa despertar para um conhecimento crítico, autônomo, hábil e traduzir o mundo complexo das teias sociais. Sabemos o quanto isso é difícil dentro das instituições de ensino que privilegiam disciplinas que fomentam dados para atingir metas.

Ao discutirmos a importância da sociologia e como ela deve ser apresentada a um público cada vez mais exigente, evidenciamos a relevância social e acadêmica da nossa pesquisa, pois ela contribui abrindo espaço para que os/as alunos/as conheçam e transformem o seu entorno social. Este trabalho também reflete a preocupação com a sociologia e sua permanência no ensino médio. Escolhemos fazer da nossa produção um instrumento de defesa e divulgação da sociologia, diante dos ataques e retrocessos que a mesma vem sofrendo nos últimos anos.

Para justificar a construção do nosso problema a experiência em sala de aula foi imprescindível. O interesse pelo tema surgiu de algumas inquietações. Assim, passamos a observar a forma como o contexto social influencia a percepção que os/as alunos/as têm dos

assuntos apresentados na disciplina de sociologia em sala de aula e definimos o seguinte problema de pesquisa: qual o fator preponderante para a causa da alienação desses/as alunos/as em relação a sociologia no ensino médio?

O espaço escolar tornou-se um cenário social de variadas manifestações na interação entre prática e teoria. Cabe aos agentes transformadores da educação, os professores, diagnosticar e mediar problemas para a melhoria da educação, abrindo uma janela para novas possibilidades. Nesse sentido, delimita-se o seguinte problema: Considerando o sistema escolar e os/as alunos/as, o que causa a alienação em relação à sociologia no ensino médio? Este problema envolve várias questões fundamentais dentro do processo de ensino e aprendizagem já que é um tema complexo e requer a apropriação de vários conceitos e teorias. Ante o referido problema de pesquisa, definimos como objetivo geral analisar o sentido dessa alienação a partir do nosso próprio ambiente de trabalho.

Sabendo da necessidade de construir uma base sólida para defesa dos argumentos, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) Discutir o conceito de alienação, associando-o com a estrutura da educação na sociedade; b) Compreender, a partir do perfil do/a aluno/a e sua fala, como o contexto social, escola e sala de aula influenciam para a alienação em relação à sociologia; c) Refletir sobre a visão multifacetada de alunos/as e professores/as em relação a sociologia na escola; d) Entender, a partir do contexto escolar, como a alienação em relação à Sociologia acontece.

Com isso, temos uma pesquisa desenvolvida a partir das vozes de atores sociais que estão diretamente ligados a uma experiência singular dentro um ambiente que deveria ser plural como o espaço escolar. Para o escopo dessa dissertação dividimos suas partes da maneira como foi orientado pelo Manual do trabalho de conclusão, disponibilizado pelo PROFSOCIO, com a seguinte estrutura: a primeira refere-se a Introdução (Apresentação), a segunda parte refere-se ao Estado da arte, a terceira parte apresenta o Método e Etapas do Trabalho, e a quarta parte apresenta as Análises.

No estado da arte (ou referencial teórico) apresentamos o conceito de alienação a partir de Marx (1982, 2004, 2011, 2013), Marx e Engels (2010, 2011a, 2011b), Ranieri (2000) e Freire (2017) como categoria central, buscando estabelecer uma linha de pensamento que questiona a forma como a educação oferecida pelo o Estado tem um caráter burguês que pretende manter as classes sociais sob seu domínio. Marx esclarece que, para que a educação seja emancipatória, ela deveria ser integral (no sentido literal), para garantir uma formação omnilateral. A concepção marxiana combate uma educação que leve à alienação do sujeito, uma

condição de opressão através da educação que é proporcionada a fim de manter as classes sociais estáticas.

A partir da apropriação reflexiva do conceito de alienação, analisamos as implicações que rodeiam essa temática e as dificuldades do processo de institucionalização da disciplina de sociologia no ensino médio, visando evidenciar as ideologias que fundamentam o currículo desta disciplina. Ainda sobre essa ótica nos debruçamos sobre a questão de como a sociologia é percebida dentro do espaço escolar por alunos/as e professores/as. Para tanto, utilizamos Handfas, Maiçara e Fraga (2015) com seus estudos sobre o ensino de sociologia, bem como Leal e Young (2015). Carniel e Bueno (2018) foram fundamentais para a compreensão da realidade da sociologia com o campo de visão do professor.

Partindo desta construção teórica, na terceira parte do trabalho apresentamos a metodologia utilizada, bem como a descrição de todas as etapas do processo de pesquisa. Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo optamos, a princípio, por entrevistas, mas devido à circunstância da suspensão das aulas por conta da pandemia não foi possível aplicar a todos/as alunos/as, sendo logo em seguida substituída pelo instrumento do questionário. É neste capítulo que se encontra a caracterização da escola campo e dos sujeitos participantes. Também foi necessário para se compreender o objeto pesquisado apresentarmos a estrutura da educação no estado de Pernambuco e o seu modelo de escola em tempo integral. Cabe ao leitor tentar compreender que o objeto vai ganhando corpo conforme vai se apresentando o contexto em que esse estudo foi produzido.

Na quarta parte do trabalho fizemos a análise dos dados coletados e através deles conseguimos evidenciar quais são os principais elementos que caracterizam a alienação dentro do caso pesquisado. Vale salientar que tivemos uma riquíssima produção enquanto coleta de dados, pois todos os personagens envolvidos conseguiram se expressar de maneira lúcida contribuindo bastante para este trabalho.

Por último, na conclusão, vemos como todo o processo de investigação foi necessário para verificar a pertinência da nossa hipótese inicial, a saber, o lugar reservado à sociologia, ante a estrutura atual do ensino médio, contribui para que os/as alunos/as se sintam alienados em relação à sociologia. Compreendemos o fenômeno pesquisado, deixando uma abertura para um possível enfrentamento e aprofundamento do referido problema, em uma etapa mais avançada da pós-graduação. A pesquisa abriu uma nova janela para a compreensão da sociologia e possibilitou uma maior aproximação do nosso campo de trabalho, reafirmando nosso compromisso com o ensino de sociologia.

2. ESTADO DA ARTE

2.1. MARXISMO E EDUCAÇÃO

Apresentamos a seguir o processo de construção do referencial teórico que contribui para este trabalho, fazendo um levantamento sobre a produção e utilização do tema em outros estudos. Partiremos da análise do pensamento marxiano e outras obras marxistas que discutem os temas da alienação, da educação e da emancipação humana.

2.1.1. Educação omnilateral do sujeito

A História humana é a história da luta de classes. Nesse sentido, compartilhamos da tese de Lombardi (2008) de que o marxismo precisa ser ouvido sobre as questões importantes deste século. O projeto revolucionário do pensamento marxista e superação desta corrente de pensamento, anunciada várias vezes por diferentes críticos, não se sustenta diante do contexto social que vivemos, como assevera Lombardi (2008):

[...] o regime socioeconômico vigente e internacionalmente hegemônico é o capitalista, pode-se concluir que enquanto os problemas produzidos e gestados por esse modo de produção não forem resolvidos e superados, não faz sentido afirmar que o marxismo foi ultrapassado (LOMBARDI, 2008, p. 2).

O pensamento de Marx continua sendo um referencial importante para a compreensão do nosso tempo. No entanto, ao tempo em que é um referencial fundamental, a dimensão de suas obras não oferece um caminho fácil para se estabelecer um fio condutor entre suas obras. Ou seja, compreender a proposta revolucionária de seu pensamento pode exigir o tempo de uma vida.

Esta reflexão se torna ainda mais difícil quando se pretende tomar o pensamento de Marx como referencial para uma reflexão sobre a educação, mais precisamente sobre como os alunos/as se reconhecem em relação ao ensino que lhes é oferecido. Dessa forma, este primeiro capítulo tem a intenção de responder a seguinte questão: como o marxismo pode nos ajudar a pensar a alienação dos/as alunos/as do ensino médio em relação à disciplina de

sociologia?

Iniciamos este capítulo com a afirmação de que a história da humanidade é a história da luta de classes, porque consideramos que a educação não pode ser pensada separada das contradições sociais da sociedade, ou seja, a educação não pode ser pensada numa dimensão abstrata. Ao tempo em que um sujeito vivencia a educação, também vivencia as contradições da vida social. De acordo com Lombardi (2008):

Como as observações de Marx e Engels sobre a educação, ensino e qualificação profissional foram construídas a partir da crítica das teorizações e práticas burguesas, como foi a crítica da economia política e, antes dela, a da filosofia alemã e as das várias matizes de socialismo, é no contexto do modo capitalista de produção que a problemática em questão deve ser colocada (LOMBARDI, 2008, p. 4).

Lombardi compreende que as lutas de classes se parecem com um pêndulo, que se movimenta de um lado para o outro continuamente. A seu ver, a educação capitalista também se desenvolve a partir dos “[...] vaivéns da luta entre burguesia e proletariado” (LOMBARDI, 2008, p. 5), um movimento se conforma aos processos históricos de cada época, ou seja:

[...] quando em seguida, reorganiza-se a burguesia e hegemoniza o poder do Estado, volta a educação a ter um caráter dual, com defesa de uma educação pública que deve coexistir com escolas privadas nos diferentes níveis escolares, em que a gratuidade aparece como concessão do Estado aos que não podem pagar por seus estudos, etc. (LOMBARDI, 2002, p. 79).

O embate entre burguesia e proletariado no âmbito da educação não é percebido apenas por pensadores marxistas, intelectuais liberais também percebem esse fato, porque a educação tem um papel fundamental no equilíbrio de qualquer sociedade. Enquanto a burguesia utiliza educação para manter e ampliar seus privilégios, às classes trabalhadoras veem a educação como um meio de superação de sua condição de explorados. De acordo com Cambi (1999, p. 408), “as burguesias têm frequentemente uma visão paternalista da educação: o povo deve ser educado para evitar desordem sociais, formando-se pelos valores burgueses da laboriosidade, da poupança, do sacrifício”. Cambi lembra que muitos pedagogos pertencentes à burguesia também defendem a emancipação dos trabalhadores por meio do

reconhecimento de seus direitos.

O interesse em defender a própria ideologia burguesa se aprofunda ao longo do século XIX, notadamente no contexto europeu. O crescimento da sociedade industrial, nesse período, dá vazão ao

[...] processo de redefinição dos objetivos e dos instrumentos de pedagogia, estimulando-a a assumir finalidades mais explicitamente laicas (formar o cidadão, difundir os valores burgueses, organizar o consenso social) e uma identidade cada vez mais nítida de saber científico (embora desenvolvido segundo diferentes modelos: científico-técnico ou histórico-crítico) (CAMBI, 1999, p. 465).

Tais valores defendidos pela burguesia, contrastam com os anseios dos trabalhadores em relação a educação. A esse respeito, destaca a crítica de Newton Duarte (2008, p. 6) onde esclarece que se pode inserir a “pedagogia das competências no grupo das pedagogias do aprender a aprender, com o construtivismo, a Escola Nova, os estudos na linha do "professor reflexivo" etc.". Duarte defende que essas pedagogias fazem parte das ilusões do que se tem chamado de sociedade do conhecimento. No seu entender, a pedagogia do aprender a aprender estabelece uma hierarquia que privilegia a formação em que o aluno aprende sozinho em detrimento da formação em que o aluno aprende sob a coordenação de um professor. Dessa forma, se faz necessário defender uma “[...] educação que fomente a autonomia intelectual e moral por meio da transmissão das formas mais elevadas e desenvolvidas do conhecimento socialmente existente” (DUARTE, 2008, p. 8). As obras de Marx e Engels oferecem um caminho para a autonomia humana.

O tema da educação encontra-se diluído nessas obras porque eles não sistematizaram uma teoria da educação em um texto específico. Para Suchodolski (2010, p. 51) “O ponto central em torno do qual se cristalizaram todas as questões principais da pedagogia foi a atividade revolucionária de Marx e Engels e sua teoria”. No entender de Suchodolski não é relevante o fato de que as questões da educação não tenham sido abordadas numa obra específica, porque as questões referentes à política, à economia e à história coincidem com as questões da história da pedagogia.

Na crítica desenvolvida pelo jovem Marx sobre o Estado absolutista percebe-se a exigência da efetivação da democracia. Sua afirmação de que o Estado burguês deve ser

desmascarado permanentemente tem em vista a garantia da dignidade humana. Nesse sentido, a educação aparece no pensamento de Marx quando este trata da relação entre filosofia, vida e os problemas da realidade social do homem na sociedade dominada pelo capitalismo. Assim, Marx defendia que para cumprir esse papel revolucionário, a filosofia precisaria ser convertida em arma do proletário.

É fato que a crítica da economia política também foi realizada sobre a relação entre a educação e as condições de vida do proletariado. Esta crítica objetivava evidenciar a forma como a burguesia aparelhava a escola e a relação ensino-aprendizagem. Com isso, visava mostrar para o proletário o valor da educação para a formação de consciência autônoma, a educação com uma função de crítica da sociedade burguesa em geral.

Considerando esse contexto, encontra-se no *Manifesto comunista* (2005) a determinação de que os proletários devem operar uma revolução que os elevem à condição de classe dominante e se estabeleça a democracia no sentido de igualdade entre todos. O proletariado deve tomar o poder da burguesia através de um processo que se desenvolverá aos poucos e concentrar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado para aumentar as forças produtivas. Para Marx e Engels (2005, p. 58), “Isso naturalmente só poderá ser realizado, a princípio, por intervenções despóticas no direito de propriedade e nas relações de produção burguesas [...]”, pois só assim legitimará o processo revolucionário.

Para essa revolução o proletariado deve tomar todas as providências necessárias, respeitando o contexto de cada país. No entanto, Marx e Engels definem dez medidas que podem ser tomadas imediatamente pelos países mais adiantados. Entre essas medidas, a décima faz referência direta à educação, a saber: “10. Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc.” (MARX e ENGELS, 2005, p. 144).

Marx e Engels não propõem um abandono das conquistas da burguesia no campo da educação (MANACORDA, 2007), ao contrário, propõem preservar a universalidade, a laicidade, a estatalidade, a gratuidade, a renovação cultural e a primazia do trabalho. A educação deve permanecer como o meio pelo qual o indivíduo deve ter acesso a todo o conhecimento produzido pela humanidade. O comunismo proposto por Marx e Engels deve realizar a igualdade social que a burguesia não demonstrou competência para realizar. De

acordo com Manacorda (2007):

Aliás, exatamente esta objeção, explícita e contextual, distingue Marx de quantos, antes dele, haviam associado ou defendido a oportunidade de associar o ensino ao trabalho de fábrica, inclusive a de Owen, que modificava, de fato, a forma do trabalho de fábrica das crianças na época, e a do próprio Engels. Deve-se ter presente, por outro lado, que a situação real, na metade do século XIX, era de que as crianças pertencentes às classes trabalhadoras ainda não possuíam qualquer direito ou possibilidade concreta de acesso ao ensino escolar, reservado às classes possuidoras, e já haviam perdido a possibilidade de participar da única forma de ensino a eles reservada por séculos ou milênios, isto é, aquela que se desenvolvia, não em instituições educativas expressamente reservadas ao desenvolvimento humano das crianças, ou escolas, mas diretamente no trabalho, junto dos adultos, na produção artesanal ou campesina (MANACORDA, 2007, p. 99).

O marxismo defende que as crianças não trabalhem em fábricas, que a educação esteja atrelada à produção material e à educação politécnica, a qual deve proporcionar a formação do homem omnilateral. Esta forma de educação deve considerar os aspectos “[...] mental, físico e técnico, adequados à idade das crianças, jovens e adultos; inseparabilidade da educação e da política; e articulação entre o tempo livre e o tempo de trabalho, isto é, o trabalho, estudo e o lazer” (LOMBARDI, 2008, p. 11, 2), o que caracterizaria uma formação integral do ser humano.

Marx observa que a indústria moderna considera a utilização de crianças, meninos e meninas, no seu processo produtivo como uma situação legítima e saudável, porque será desenvolvida de acordo com as condições físicas dessas crianças.

Apesar de crítico do trabalho infantil nas atividades econômicas do campo, da cidade e na indústria, Marx recomendou que a partir dos nove anos a criança deveria participar do trabalho produtivo não apenas com o cérebro, mas também com as mãos, desde que a criança não fosse submetida à condições insalubres (LOMBARDI, 2008). A forma como Marx busca relacionar trabalho produtivo e educação está descrita nas *Instruções aos Delegados ao I Congresso da Internacional dos Trabalhadores*, realizado em Genebra em 1866, a saber:

Por educação entendemos três coisas:
Primeiramente: *Educação mental*.

Segundo: *Educação física*, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar.

Terceiro: *Instrução tecnológica*, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios.

Um curso gradual e progressivo de instrução mental, gímnica e tecnológica deve corresponder à classificação dos trabalhadores jovens. Os custos das escolas tecnológicas deveriam ser em parte pagos pela venda dos seus produtos.

A combinação de trabalho produtivo pago, educação mental, exercício físico e instrução politécnica, elevará a classe operária bastante acima do nível das classes superior e média.

É evidente que o emprego de todas as pessoas dos [9] aos 17 anos (inclusive) em trabalho noturno e em todos os ofícios nocivos à saúde tem de ser estritamente proibido por lei. (MARX, 1982, n.d.).

No Livro I d'O *Capital*, Marx (2013) considera que legislação fabril é um produto necessário tanto quanto o algodão. Em relação às cláusulas educacionais, essa legislação define o ensino primário como obrigatório para o trabalho. Também considera viável relacionar o ensino, a ginástica e o trabalho. De acordo com Marx, o discurso Senior proferido no “Congresso de Sociologia”, realizado na cidade de Genebra em 1863, havia demonstrado a improdutividade de uma jornada escolar unilateral, que era aplicada às crianças das classes burguesas, só serviam para aumentar a jornada dos professores. Dessa forma, Marx (2013, p. 554) entende que:

Do sistema fabril, como podemos ver em detalhe na obra de Robert Owen, brota o germe da educação do futuro, que há de conjugar, para todas as crianças a partir de certa idade, o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não só como forma de incrementar a produção social, mas como único método para a produção de seres humanos desenvolvidos em suas múltiplas dimensões (MARX, 2013, p. 554).

Marx entende que a relação entre trabalho e educação não visava apenas o aumento da produtividade, mas a formação integral do homem, o qual ele define como omnilateral. Esta formação integral era uma demanda da própria transformação da indústria, a saber:

Por meio da maquinaria, de processos químicos e outros métodos, ela revoluciona continuamente, com a base técnica da produção, as funções dos

trabalhadores e as combinações sociais do processo de trabalho. Desse modo, ela revoluciona de modo igualmente constante a divisão do trabalho no interior da sociedade e não cessa de lançar massas de capital e massas de trabalhadores de um ramo de produção a outro. A natureza da grande indústria condiciona, assim, a variação do trabalho, a fluidez da função, a mobilidade pluridimensional do trabalhador (MARX, 2013, p. 557).

Pode-se observar que as transformações da indústria levaram a reboque as mudanças na educação. Esta última, até então, se desenvolvia sob o domínio da Igreja. O aprofundamento do pensamento liberal que reivindicava, pelo menos no âmbito da teoria, a igualdade entre todos foi responsável pelo aprofundamento do aparato escolar, levando a educação a uma profunda dependência do Estado. O problema reside justamente neste ponto. O domínio que o capitalismo exerce historicamente sobre o Estado se reflete também no aparato escolar. É nesse sentido que Marx vai fazer a crítica da educação, uma vez que esta se mostra como um instrumento de dominação ideológica, por meio do qual a burguesia aprofunda seus valores.

A educação refletia a divisão da sociedade em classes (MARX e ENGELS, 2011). De acordo com Lombardi (2008, p. 15), Marx e Engels “[...] repudiam o controle que o Estado exercia sobre ela, já que esse repúdio era a forma de impedir que a burguesia contasse, além dos outros poderes de que já dispunha, com todo aparato escolar posto a seu serviço”. Preocupava muito a Marx e Engels que a burguesia, que controlava o estado, além dos outros poderes, também contasse com um aparato escolar para desenvolver sua ideologia. Deve-se frisar que Marx e Engels não duvidam dos operadores da educação, nem das Instituições públicas. Assinalam a necessidade de que haja certo grau de centralização para evitar o taifismo do sistema escolar. A crítica de Marx e Engels à educação estatal traz também uma sugestão, a de que educação como um todo esteja sob o controle dos trabalhadores. Trata-se de uma proposta de democracia direta na formação do currículo escolar, como havia sido proposto na Comuna de Paris (LOMBARDI, 2011), ou seja, uma educação do povo para o povo.

Na “Associação Internacional dos Trabalhadores” (AIT), Marx fez uma intervenção na Exposição das seções dos dias 10 e 17 de agosto de 1869 no Conselho Geral da AIT, analisando a situação dos Estados Unidos da América:

O cidadão Marx afirma que uma dificuldade de índole particular está ligada a esta questão. [...]

O ensino pode ser estatal sem que esteja sob o controle do governo. [...]

Sem a menor dúvida, o Congresso pode decidir que o ensino seja obrigatório. [...]

Os proudhonianos afirmam que o ensino gratuito é um absurdo, posto que o Estado deve pagar. É evidente que um ou outro terá de pagar, porém não é necessário que sejam os que menos podem fazê-lo. O ensino superior não deve ser gratuito.

A discussão avançou após a proposta de ratificar a resolução do Congresso de Genebra, que exige a combinação do trabalho intelectual com o físico, os exercícios físicos com a formação politécnica. Ninguém se opôs a este projeto.

[...] Nas escolas elementares - e, mais ainda, nas superiores, não faz falta autorizar disciplinas que admitem uma interpretação de partido ou de classe. Nas escolas só se deve ensinar gramática, ciências naturais... As regras gramaticais não mudam, seja um conservador clerical ou um livre pensador que as ensine. As matérias que admitem conclusões diversas não devem ser ensinadas nas escolas; os adultos podem ocupar-se dela sob a direção de professores que, como a senhora Law, façam conferências sobre religião (MARX, 2011a, p. 138-140).

Resta claro que Marx recusa qualquer tipo de interferência no ensino. Sua intervenção foi em defesa de uma escola livre e laica, posição reforçada na seguinte passagem de *A Guerra Civil na França*, a saber:

Não houve tempo, é claro, para reorganizar a instrução pública (educação); mas ao remover dela o elemento religioso e clerical, a Comuna tomou a iniciativa da emancipação mental do povo. Formou uma comissão para a organização de *l'enseignement* (primário (elementar) e profissional) (28 de abril). Ordenou que todos os materiais didáticos, como livros, mapas, papel etc., fossem dados gratuitamente aos professores, que doravante passam a recebê-lo das respectivas mairies às quais pertencem. A nenhum professor é permitido, sob nenhum pretexto, exigir de seus pupilos pagamento por esses materiais (28 de abril) (MARX, 2011b, p. 117).

Esta passagem do texto de Marx e Engels mostra o caminho tomado pela *Comuna* para o serviço público, ou seja, a escola deve ser pública (financiada pelo Estado), gratuita, popular e erguida sob os alicerces das ciências. É imprescindível que seja livre de qualquer influência de qualquer religião. A educação deve ser um instrumento de emancipação do

proletariado, é um caminho para a efetivação da revolução do proletariado. Dessa forma, colocaram duas importantes propostas para a educação: a primeira é a de que a educação não deve estar dissociada do trabalho produtivo; a segunda é a de que a educação deve ser pensada sempre em relação à sociedade, ou seja, a educação deve se pautar no trabalho intelectual e no trabalho produtivo (CAMBI, 1999), para que assim traga sentido para aquele que faça uso dela.

No mesmo sentido, Marx e Engels defendiam a educação numa relação direta com a sociedade no sentido de que a igualdade entre as pessoas fosse o marco regulatório. Em um sentido mais geral, se pensarmos no atual contexto da educação, eles propõem a suspensão dos controles que existem sobre as políticas educacionais que têm a intenção de assegurar e ampliar os valores da burguesia. No entanto, para a educação alcançar esse propósito, se faz necessária uma transformação no modo de produção dos homens, o que implica uma justa divisão do trabalho e das riquezas. Nesse sentido, uma diferença fundamental que precisa ser eliminada é a que separa trabalho intelectual e trabalho manual. Conforme explica Cambi (1999), os pontos da pedagogia marxista podem ser caracterizados da seguinte forma:

1. uma conjugação “dialética” entre educação e sociedade [...]
3. a centralidade do trabalho na formação do homem e o papel prioritário que ele vem assumir no interior de uma escola caracterizada por finalidades socialistas; 4. o valor de uma formação integralmente humana de todo homem [...] (CAMBI, 1999, pp. 555-556).

Esta concepção de educação vai se difundir entre os marxistas depois de 1917, notadamente no primeiro período do pós-revolução na Rússia. Nota-se, portanto, que a concepção de Marx e Engels sobre a educação vai se tornar a base da pedagogia comunista. Nesse sentido, Manacorda (1992) observa que Lenin, Krupskaja e Makarenko vão contribuir para o desenvolvimento da pedagogia marxista ao longo do século XX. A pedagogia marxista se desenvolverá por meio do socialismo. De acordo com Manacorda (1992):

No nosso século é impossível prescindir de um fato novo, o socialismo, que não é somente mais uma ideologia emergente de novas classes sociais suscitadas pelo desenvolvimento do moderno industrialismo, mas já é, embora em crise como o liberalismo durante a Restauração, a ideologia oficial dominante de Estados baseados na força dessas classes novas

(MANACORDA, 1992, p. 313).

O socialismo propõe uma nova concepção da relação ensino-trabalho e deve superar a relação burguesa de ensino. A concepção marxista de educação tem sido acolhida no Brasil por vários intelectuais. Entre esses, uma das vozes mais influentes compreende a escola como instituição determinada historicamente. Nos referimos a Dermeval Saviani (2012), que diz:

[...] o método que preconizo deriva de uma concepção que articula educação e sociedade e parte da consideração de que a sociedade em que vivemos é dividida em classes com interesses opostos. Consequentemente, a pedagogia proposta, uma vez que se pretende a serviço dos interesses populares, terá contra si os interesses até agora dominantes (SAVIANI, 2012, p. 75).

No entender de Saviani, a escola precisa romper com os interesses da burguesia e estabelecer uma concepção pautada na *práxis*. Ante esse contexto, cabe retomar a questão central deste capítulo: considerando a indubitável importância da concepção marxista de educação, em que sentido essa teoria pode contribuir para a compreensão da alienação do aluno/a do ensino médio em relação à disciplina de sociologia? Nossa hipótese inicial é a de que o conceito de alienação pode ser uma importante chave de leitura para a compreensão desse problema, o que demanda compreender melhor este conceito nas obras de Marx e Engels.

2.1.2. Estranhamento e alienação no pensamento de Marx

Na célebre obra *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, publicado em 1995, Ricardo Antunes, ao referir-se à história do ser social, defende que esta se objetiva a partir da produção e reprodução da existência. Este processo se desenvolve por meio do trabalho. Através deste o homem se distingue de todas as formas não humanas. O trabalho é a condição sem a qual o ser social não pode existir. De acordo com Marx (2013, p. 120) “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 2013, p. 120). Mas na sociedade capitalista o trabalho é

subvertido e, dessa forma, torna-se *estranhado*, conforme explica Antunes (2015):

14. Utilizamos a expressão o trabalho estranhado (*die entfremdete Arbeit*) e estranhamento (*Entfremdung*) e não alienação (*Entäusserung*), porque, enquanto esta última é um aspecto ineliminável de toda objetivação, o estranhamento refere-se à existência de barreiras sociais que se opõem ao desenvolvimento da personalidade humana (ANTUNES, 2015, p. 181).

Assim Antunes (2005) propõe pensar a existência humana a partir do trabalho, sendo aquilo que vai trazer valor para sua vida. Nota-se que ele faz uma breve distinção entre os conceitos de estranhamento e alienação, que será aprofundada a seguir.

Ao traçar um perfil da teoria da alienação no pensamento de Marx, Ranieri (2000) também defende que é necessário evidenciar a distinção entre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*) entre as obras de Marx compreendidas no período que vai de 1844 a 1845-6. Os *Manuscritos econômico-filosóficos* datam de 1844. Também dessa mesma data é a *Sagrada Família*, mas esta só foi publicada em 1845 e a *Ideologia alemã* data de 1846. Ranieri (2000) considera que este é o período em que Marx mais discorre sobre o tema da alienação e do estranhamento. Notadamente, o tema em conteúdo aparece pela primeira vez nos primeiros esboços da *Crítica da economia política*, nos *Extratos sobre James Mill* e na *Crítica da fenomenologia hegeliana*. De acordo com Ranieri, a concepção marxiana de alienação encontra fundamento no pensamento de Hegel. No pensamento de Hegel a alienação apresenta-se nos aspectos positivo e negativo, ou seja,

Em Hegel, se por um lado a alienação (*Entäusserung*) tem um caráter ao mesmo tempo positivo e negativo (posto que significa tanto a *exteriorização* da atividade quanto o *despojamento* do espírito na sua abstratividade), ela é acompanhada por uma determinação extrínseca visível no estranhamento (*Entfremdung*), tornando esta confrontação ineliminável, ao mesmo tempo que constituidora da essência do espírito na conformação do seu ser para si. O estranhamento aparece como contraposição lógica ao trabalho do si (*Selbst*), submetendo as determinações materiais postas pela posição dessa objetividade (RANIERI, 2000, p. 80).

Na filosofia hegeliana há unidade entre contradição e objetividade, que visa controlar a oposição entre matéria e espírito. De acordo com Ranieri (2000, p. 81), a supressão das

alienações só pode ser efetivada por meio da “[...] integração pelo espírito da totalidade das contradições anteriores vivenciadas pela sua própria história e por ele mesmo postas em atividade”. Em Feuerbach, a alienação e o estranhamento vêm a ser a passagem de um momento a outro da realidade. Mas esse movimento ainda é pensado no âmbito da abstração. Ou seja, é a passagem do universal abstrato, que é autodeterminado, para o particular concreto e indeterminado. Feuerbach considera que Hegel compreende a alienação em seu aspecto abstrato, portanto é ilusório, porque Hegel não parte da fonte de toda a realidade na materialidade. Nesse sentido, Feuerbach compreende alienação e estranhamento como uma só categoria (RANIERI, 2000) e encontram-se no âmbito da crítica da teologia e da filosofia especulativa. Feuerbach, por sua vez, propõe a superação do pensamento especulativo, ou seja, os sujeitos singulares devem, ao tempo em que tomem consciência da sua situação, inverter a relação sujeito-predicado estabelecida pela filosofia e pela religião. Isto, no entender de Feuerbach, levará a uma “[...] revolução na composição do gênero, que passaria a ser, em virtude do auto-reconhecimento sensível, objeto de si mesmo” (RANIERI, 2000, p. 82).

Temos, então, que Feuerbach não compreende a categoria trabalho da forma como Marx a compreende. Feuerbach apenas enxerga o chão da realidade, mas não pisa nele. A emancipação humana do homem depende de sua própria vontade.

Se quisermos compreender a realidade a partir dos conceitos de alienação e estranhamento trabalhados por Feuerbach, notaremos que, apesar de originalmente crítica, esta teoria não é instrumento de investigação com elementos suficientes para desvendar a lógica de objetos cujo fundamento material seja historicamente mutável, variável, ou cuja origem esteja posta não numa construção abstrata, mas numa base concreta a partir da qual é impossível proceder através da compreensão dualista (singular/universal, abstrato/concreto). E isto acontece porque a expectativa de Feuerbach gira sempre em torno do contraponto entre a ilusão, crença, a reflexão teológica, por um lado e, por outro, a sua negação sensível, pela realidade quantificada (RANIERI, 2000, p. 83).

Marx não vê dessa forma. Para ele o ponto de partida da emancipação é o próprio objeto, sendo necessário partir da relação entre a posição objetiva do objeto e a posição subjetiva do sujeito. Esta relação é estabelecida antes de se realizar uma epistemologia do objeto, isto é, “a articulação entre diferentes singularidades e particularidades formadoras da

totalidade é o resultado último que conformará a teoria, do ponto de vista do método, e caberá ao pensamento estabelecer precisamente a unidade destas conexões” (RANIERI, 2000, p. 84). Dessa forma, para Marx o elemento que define a sociabilidade entre os homens são as categorias da produção e reprodução sobre bases materiais. O estranhamento se estabelece quando o trabalho se torna o elemento fundante e se transmuta para capital. A emancipação humana só pode ser compreendida a partir do desenvolvimento histórico do trabalho, isto é, “a partir das formas de apropriação, expropriação e desenvolvimento das forças produtivas até sua forma estranhada sob o domínio do capital” (RANIERI, 2000, p. 85).

Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, ou *Manuscritos de Paris*, ou ainda *Manuscritos de 1844*, Marx analisa o conceito de estranhamento como elemento principal associado ao domínio da propriedade privada. Nesse sentido, é preciso compreender a distinção entre estranhamento (*Entfremdung*), alienação (*Entäusserung*) e fetichismo (*Fetischismus*). De acordo com Ranieri (2017):

Entfremdung, ao contrário, é objeção socioeconômica à realização humana, na medida em que veio, historicamente, determinar o conteúdo do conjunto das exteriorizações - ou seja, o próprio conjunto da nossa socialidade - através da apropriação do trabalho, assim como da determinação dessa apropriação pelo advento da propriedade privada (RANIERI, 2017, p. 16).

Marx aponta que para se estabelecer as relações de trabalho numa perspectiva moderna se faz necessário romper com o uso feudal da terra. Ao seu ver, “agora temos, portanto, de conceber a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valor e desvalorização do homem, monopólio e concorrência etc., de todo este estranhamento (*Entfremdung*) com o sistema de dinheiro” (MARX, 2004, p. 80).

Essa definição de propriedade privada será o divisor de águas de seu estudo sobre as relações de trabalho, capital e todo o processo que coloca o homem como ser subserviente desse capital. Marx relaciona a produção do capital à exploração do trabalhador e consequentemente a sua miséria. Ele mostra que quanto mais riqueza este indivíduo produz menos lhe é dado em direito, sua produção é subtraída não só economicamente como também existencialmente. Assim “o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria” (Marx, 2004, p. 80), afastando-se cada vez mais do resultado do produto de

seu trabalho.

Originalmente o fruto do trabalho não é somente a mercadoria, mas também o trabalhador se torna mercadoria. Dessa forma, “o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se defronta como um ser *estranho*, como um *poder independente* do produtor” (MARX, 2004, p. 80) distanciando-se cada vez mais do seu criador.

Essa objetivação do trabalho vai criar no trabalhador um distanciamento e perda de sentido da sua produção, ou seja, uma servidão em relação ao objeto. Observa-se, dessa forma, que “o produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho” (MARX, 2004, p. 80). Para o trabalhador, a efetivação do seu trabalho é a sua objetivação. Mas o estado nacional-econômico compreender essa objetivação como desobjetivação. É necessário superar o aspecto apenas econômico do trabalho e refletir sobre as relações entre produto, produtor e produção. O resultado da interação entre esses componentes com o capital define sua influência na vida social do homem e sua concepção de natureza. Quanto mais o homem produz, mais se distancia daquilo que é necessário para sua sobrevivência como também do seu trabalho produzido. Seu trabalho passa a ser um mero objeto, com um valor efêmero, vazio de sentido. O fruto do seu trabalho já não lhe pertence e “a apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio seu produto, o capital” (MARX, 2004, p. 81).

Já não existe um critério de definição entre produto e produtor, seu valor, valor da produção e do produto. O homem tem a necessidade de produzir, principalmente para subsistir e através do seu trabalho dar sentido à sua existência. Se esse trabalho lhe é estranho implica diretamente na sua concepção de vida. O distanciamento do real valor das coisas, a transformação do homem em objeto e a perda de sentido do seu trabalho diante do capital, sua relação com a transformação da natureza, que norteia sua existência, foi transformada em trabalho estranhado.

Esse estranhamento se dá numa proporção tão áspera que “o trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto” (MARX, 2004, p. 81), ou seja, a produção aumenta, mas o pertencimento diminui e o homem se torna coisa. O objeto ganha uma conotação diferente da que deveria ter, se tornando valioso, indo além do valor da produção e mais ainda do produtor. Ora, a natureza é fundamental para o trabalhador,

sem ela nada acontece. É nela que seu trabalho se efetiva e o torna diferente dos outros animais; ela fornece os meios para sua subsistência. A vida do homem é condicionada ao modo como ele se percebe dentro da natureza, sem a qual ele se priva dos meios de existência.

Devemos destacar que nesta pesquisa o conceito de estranhamento interessa como meio, não como fim, ou seja, no sentido em que pode ser percebido em todo o processo produtivo e não apenas no resultado final do produto. De acordo com Marx (2004, p. 82), “[...] o estranhamento não se mostra somente no resultado, mas também e principalmente, no ato da produção, dentro da própria atividade produtiva”. Sendo assim, toda a atividade é estranhada e gera um fruto também estranho. O produto, nesse aspecto, é somente a condensação da atividade produtiva e o estranhamento está inserido em todas as suas fases, resultando na desvalorização do trabalho. Marx (2004) aponta dois aspectos fundamentais do estranhamento:

- 1) A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente.
- 2) A relação do trabalho com *ato da produção* no interior do *trabalho*. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a apropriação como castração. A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal - pois o que é vida senão atividade - como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da *coisa* (MARX, 2004, p. 83).

Nessa fase o homem começa a se sentir alheio a natureza e não consegue compreender sua existência no estado natural: “a natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano” (MARX, 2004, p. 84). Sendo assim, o homem depende, num processo permanente, da natureza e de seus meios para não definhar. Sua existência está estritamente ligada à natureza e quando essa relação se torna estranha o próprio homem começa a sepultar sua existência.

A condição natural do homem se traduz na sua atividade vital e o diferencia dos outros seres, condicionando-o a viver de maneira harmoniosa com a natureza, mas agora com o estranhamento dessa atividade isto passa a ser cada vez mais distante:

O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência [...] “o objeto do seu trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” (MARX, 2004, p. 85).

Sendo assim, sua produção terá um efeito distinto da sua condição natural e sua vivência será reduzida a uma autoatividade, evidenciada na condição de explorado que garantirá apenas sua sobrevivência física.

É nesse aspecto que o homem também perde a sua semelhança com os outros homens, ele já não se reconhece no outro, o estranhamento está no produto e na relação de produção, que é seu trabalho. O trabalhador se sente externo a natureza e, agora, também em sua relação com os outros homens. Nas palavras de Marx (2004, p. 86): “O estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com o outro homem”. Essa relação agora se dá através dos valores dados aos produtos e ao processo produtivo. Trata-se de um auto estranhamento (*Selbstentfremdung*), no qual todos os elementos apontados (homem, natureza, produto, produção e principalmente outros homens) mostram-se diferentes entres si. O estranhamento rompe os elos que naturalmente deveria envolver essas relações. Marx reforça este entendimento dizendo que “através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos” (MARX, 2004, p. 87). O trabalho do homem é transformado em um suplício e sua sobrevivência se torna um peso, afastando-o da sua condição natural.

Em *A Sagrada Família* (1845) aparece de forma embrionária o elemento da alienação. Michael Löwy (2012) considera que esta é a primeira obra em que Marx e Engels escreveram em conjunto. A obra é de 1844, mas só veio a público em 1845. Contudo, apesar de ser escrita em conjunto, Löwy considera que é possível separar as partes do texto que são de autoria de Marx daquelas que são de Engels.

A obra tem como ponto central “[...] a crítica radical do *leitmotiv* da ‘crítica’: oposição entre ‘espírito’ e ‘massas’ ” (LÖWY, 2012, p. 134), que tem como ponto de partida a

diferença entre o espírito e a massa, conforme declaram alguns dos jovens hegelianos. Nesse contexto, Bruno Bauer e consortes consideravam impossível um reconhecimento com as massas, porque estas se colocavam contra o espírito crítico. Observava-se também a posição de Ruge, para o qual as massas precisavam ser postas em movimento para a realização da teoria. E a posição de Marx, o qual defendia a “reciprocidade dialética entre a teoria socialista e o proletariado revolucionário” (LÖWY, 2012, p. 135). Para o propósito da nossa pesquisa interessam as posições de Ruge e Marx, para as quais as massas devem ser postas em movimento. Dessa forma, em *A Sagrada Família*, Marx endereça sua crítica a Bauer, mas faz também uma autocrítica da sua “Introdução” da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*.

Bauer, segundo Marx (2011) apenas repete a tese hegeliana sobre a história, a de que a partir do desenvolvimento do espírito absoluto a humanidade se desenvolve apenas como massa. Esta serve apenas de suporte ao espírito absoluto. No entender de Marx, esta posição de Bauer é apenas mais uma expressão da filosofia especulativa que interpreta a realidade como oposição entre Deus e mundo. Para Marx (2011):

Até aqui a Crítica crítica pareceu ocupar-se, ora menos, apenas da elaboração crítica de diferentes objetos *massivos*. Agora vemos que ela passa a se ocupar do objeto absolutamente crítico, *de si mesma*. Até aqui ela hauria sua fama relativa da humilhação, da repulsa e da transformação críticas de *determinados* objetos e pessoas de massa. Agora ele passa a haurir sua *absoluta* da humilhação, da repulsa e da transformação críticas da massa em geral. Havia limites relativos se antepondo à crítica relativa. À crítica absoluta se antepõe o limite absoluto, o limite da massa, a massa na condição de limite (MARX, 2011, p. 95).

É na crítica a Bauer e consortes que se afigura a crítica de Marx a alienação em *A sagrada família*. Marx vê nas teses daqueles autores a expressão da ideologia política que compreende a realidade como a oposição entre uma minoria esclarecida e a massa ignorante.

A teoria da revolução no jovem Marx se opõe a essa concepção. Ao romper com o idealismo dos jovens hegelianos, Marx funda sua concepção de comunismo a partir do materialismo francês do século XVIII, visando romper com a concepção de socialismo que trata da emancipação apenas no âmbito da teoria. A concepção comunista de Marx (2011) é a seguinte:

Segundo a Crítica crítica, todo o mal reside apenas no modo de "*pensar*" do trabalhador. É certo que os trabalhadores ingleses e franceses formaram associações nas quais não são apenas suas necessidades imediatas enquanto *trabalhadores*, mas também suas necessidades enquanto *homens* as que formam o objeto de seus mútuos ensinamentos e nas quais se exterioriza, ademais, uma consciência bastante ampla e cuidadosa sobre a força "monstruosa" e "imensurável" que nasce de sua cooperação. Mas esses trabalhadores *massivos* e comunistas, que atuam nos ateliers de Manchester e Lyon, por exemplo, não creem que possam eliminar, mediante o "*pensamento puro*", os seus senhores industriais e a sua própria humilhação prática. Eles sentem de modo bem doloroso a *diferença* entre *ser* e *pensar*, entre *consciência* e *vida* (MARX, 2011, p. 65).

De acordo com Löwy (2012) a posição de Marx tem como base o materialismo francês do século XVIII não é cartesiano e que vai ter como consequência o socialismo e o comunismo, ou seja, "Se o homem é formado pelas circunstâncias, será necessário formar as circunstâncias humanamente" (MARX e ENGELS, 2011, p. 150). O ponto de partida do comunismo de Marx é o materialismo francês, o qual compreenda que as circunstâncias formam os homens. Nesse sentido, Marx entende que para transformar os homens é preciso transformar as circunstâncias. Löwy considera que neste momento Marx retoma Feuerbach, a saber: "Mas assim como *Feuerbach* representava, no domínio da *teoria*, o *materialismo* coincidente com o *humanismo*, o *socialismo* e o *comunismo* francês e inglês o representam no domínio da *prática*".

O Marx que encontramos n'A *sagrada família* é aquele que nega a tese de Bauer. É também aquele que nega a mística que se encontra em Feuerbach. Trata-se de um avanço importante do pensamento de Marx, porque é uma "[...] etapa necessária, que representa a reação radical à etapa neo-hegeliana anterior, mas que permanece parcial, 'metafísica', porque é ainda incapaz de restabelecer a unidade não mística entre o 'coração' e a 'cabeça'" (LÖWY, 2012, p. 139). Assim, *A sagrada família* representa um momento no pensamento de Marx que significa "comunismo de massa", um comunismo material, concreto, prático, oposto ao pensamento espiritual de Bauer. O comunismo de massa representa a "[...] autoemancipação do proletariado por meio da tomada de consciência da sua miséria, que o conduz à ação revolucionária" (LÖWY, 2012, p. 140). Vale lembrar que a condição do proletário é a perda da sua condição de homem, mas esta condição é recuperada por meio da consciência, como explica o próprio Marx (2011, p. 48): "[...] a classe do proletariado [...] para fazer uso de uma

expressão de Hegel, no interior da abjeção, a *revolta* contra essa abjeção [...]”. A ação de tomar consciência é explicada por Marx (2011) na seguinte passagem:

Não se trata do que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode *imaginar* de quando em vez como sua meta. Trata-se *do que* o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu *ser*. Sua meta e sua ação histórica se acham clara e irrevogavelmente determinadas por sua própria situação de vida e por toda a organização da sociedade burguesa atual. E nem sequer é necessário deter-se aqui a expor como grande parte do proletariado inglês e francês já está *consciente* de sua missão histórica e trabalha com constância no sentido de elevar essa consciência à clareza completa (MARX, 2011, p. 49).

O proletariado apresenta uma tendência histórica para o socialismo e os intelectuais não devem ser os responsáveis por criar a consciência do proletário. O papel dos intelectuais deve ser o de “[...] ajudar o proletariado em seu trabalho intelectual, em sua evolução da consciência ainda vaga e informe em direção ao esclarecimento e a coerência total” (LÖWY, 2012, p. 141). As primeiras manifestações do comunismo pensado por Marx (2011) se apresentam nas correntes sociais da Revolução Francesa.

A Revolução Francesa, que escapa ilesa desse exame, trouxe à baila ideias que conduziram além das *ideias* do velho estado universal das coisas. O movimento revolucionário iniciado em 1789 no *Cercle social*, que no centro de sua trajetória tinha a *Leclerc* e *Roux* como seus principais representantes, até que, no fim, sucumbiu por um momento através da conspiração de *Babeuf*, havia trazido à baila a ideia comunista, que *Buonarroti*, o amigo de *Babeuf*, voltou a introduzir na França depois da Revolução de 1830. Essa ideia, consequentemente elaborada e desenvolvida, é a *ideia da nova ordem universal das coisas* (MARX, 2011, p. 138).

Redigida entre setembro de 1845 e maio de 1846. *A Ideologia alemã* é a obra em que, para Löwy (2012), Engels tem uma participação maior do que em *A sagrada família*. Também n’*A ideologia alemã* é mais difícil separar o que é de Marx e o que exclusivamente de Engels. De qualquer forma, é nesta obra que Marx ao tempo em que faz uma crítica aos ideólogos alemães, “[...] visa também as etapas anteriores de sua própria trajetória filosófica e supera-as definitivamente” (LÖWY, 2012, p. 150). Significa dizer que Marx e Engels fazem uma crítica aos fundamentos das teses dos jovens hegelianos, notadamente sobre os postulados que

defendem, os quais não lhes permitem enxergar o mundo realmente existente. Nesse sentido, a crítica é dirigida principalmente a Bruno Bauer, que demonstra uma fé inabalável na consciência modificada e de que a partir desta é possível mudar o mundo. O comunismo de Marx e Engels (2007), no entanto, visa a transformação do mundo existente:

O comunismo não é para nós um *estado de coisas* [*Zustand*] que deve ser instaurado, um Ideal para o qual a realidade deverá se direcionar. Chamamos de comunismo o movimento *real* que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento [devem ser julgadas segundo a própria realidade efetiva. (S. M.)] resultam dos pressupostos atualmente existentes. (A. M.) (MARX e ENGELS, 2007, p. 38).

No entender de Marx e Engels, o comunismo é um movimento prático que se utiliza de métodos práticos. Ou seja, não aceitam as teses que separam os homens das transformações que ocorrem no mundo. Os homens se modificam a medida que modificam o mundo, “[...] a começar pela atividade produtiva, o trabalho” (LÖWY, 2012, p. 152). Este é o ponto central da autoemancipação presente n’*A ideologia alemã*, a revolução do proletário. O fundamento dessa revolução se divide em dois pontos:

A apropriação é, ainda, condicionada pelo modo como tem de ser realizada. Ela só pode ser realizada por meio de uma união que, devido ao caráter do próprio proletariado, pode apenas ser uma união universal, e por meio de uma revolução na qual, por um lado, sejam derrubados o poder do modo de produção e de intercâmbio anterior e o poder da estrutura social e que, por outro, desenvolva o caráter universal e a energia do proletariado necessária para a realização da apropriação; uma revolução na qual, além disso, o proletariado se despoje de tudo o que ainda restava de sua precedente posição social (MARX e ENGELS, 2007, p. 74).

A revolução é o meio pelo qual o proletariado pode emancipar-se

4) que tanto para a criação em massa dessa consciência comunista quanto para o êxito da própria causa faz-se necessária uma transformação massiva dos homens, o que só se pode realizar por um movimento prático, por uma revolução; que a *revolução*, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe *que derruba* detém o

poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade (MARX e ENGELS, 2007, p. 42).

Esta emancipação, no entanto, não é uma tarefa fácil. Marx retoma a sua tese já apresentada na “Introdução” da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, na qual expõe o caráter emancipador do proletário. Contudo, n’*A ideologia alemã* o sofrimento do proletário não tem mais um caráter passivo. O caráter revolucionário do proletário só se efetiva por meio da prática histórica. O ser do homem só se efetiva no processo de desenvolvimento da vida real, isto é, no processo produtivo de cada homem individualmente e todos os homens em conjunto. Para Löwy (2012, p. 154) “[...] o proletariado só se torna revolucionário apenas por meio de sua própria prática revolucionária”. É na luta contra a burguesia que o proletariado se afirma como sujeito de direitos. Sozinho o proletário pode pouco, mas quando se organiza em classe dos proletários, deve empregar métodos revolucionários. Quando um grupo de proletários, seja qual for o seu tamanho, se organiza e se torna inevitável o uso de métodos revolucionários. É dessa forma que nasce entre os operários a consciência comunista, a compreensão da *práxis* existente, o que demanda uma transformação total dos homens. Em suma, a consciência comunista só pode ser realizada por meio de uma revolução. De acordo com Marx e Engels (2007):

[...] e, ligada a isso, surge uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens e que, expulsa da sociedade, é forçada à mais decidida oposição a todas as outras classes; uma classe que configura a maioria dos membros da sociedade e da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, que também pode se formar, naturalmente, entre as outras classes, graças à percepção da situação dessa classe (MARX e ENGELS, 2007, pp. 41-42).

A consciência comunista não tem origem em ideias abstratas, mas na luta de classes iniciada pelos proletários e é desse entendimento que Marx direciona sua crítica contra os socialistas verdadeiros. Estes tratam a literatura comunista apenas do ponto de vista teórico, ou seja, elevam as lutas concretas dos proletários para o nível da abstração da filosofia alemã tradicional. A crítica aos socialistas verdadeiros também demonstra um amadurecimento do pensamento revolucionário do próprio Marx. Mas não se trata de uma afirmação, por parte de

Marx, de que a consciência comunista não tenha também influência de membros de outras classes. Graças a classe proletária, a consciência comunista pode se formar em outras classes também. Os membros de outras classes que alcançaram essa consciência comunista podem, no entender de Marx, ser representantes teóricos (*theorischen Vertreter*) do proletariado e o papel desses teóricos é fundamental e deve garantir a manutenção e ampliação da consciência comunista, a saber:

Na realidade, de um lado estão os verdadeiros proprietários privados, de outro os proletários comunistas sem propriedade. Essa oposição torna-se mais acirrada a cada dia e impele para uma crise. Portanto, se os representantes teóricos dos proletários quiserem conseguir alguma coisa com sua atividade literária, deverão insistir sobretudo em que sejam eliminadas todas as fraseologias que enfraquecem a consciência do acirramento dessa oposição, todas as fraseologias que mascaram essa oposição e até oferecem aos burgueses o ensejo de, por segurança, aproximar-se dos comunistas por força de seus devaneios filantrópicos (MARX e ENGELS, 2007, p. 452).

Ante esse contexto, pode-se perguntar: por que a teoria da alienação de Marx e Engels é importante para esta pesquisa? Para responder esta questão, vamos tomar de empréstimo uma frase de Mészáros (2016, p. 265) diz: “Nenhuma sociedade pode persistir sem seu próprio sistema de educação”. A partir desta frase, Mészáros desenvolve uma reflexão sobre a crise da educação. Notadamente ele não se refere ao contexto brasileiro, mas certamente podemos partir dessa reflexão para refletir sobre o contexto da educação brasileira, a saber: a alienação do aluno do ensino médio em relação à disciplina de sociologia.

Mészáros (2016) não considera que é suficiente apontar para o mecanismo de produção e troca do real sentido do funcionamento da sociedade capitalista. A verdadeira funcionalidade dessa sociedade precisa ser explicada por meio das ações dos seus indivíduos.

Para Mészáros (2016), qualquer sociedade que se pretenda exitosa deve ter como fim realizar os objetivos de seus indivíduos. É preciso compreender que o problema educacional tem uma dimensão bem maior do que o ponto de vista formal que tem sido tratado. Este ponto de vista é apenas um pequeno seguimento daquele problema. Nesse sentido, é oportuno lembrar a reflexão de Gramsci (1982) a esse respeito:

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma,

todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982, pp. 7-8).

Nesse sentido, deve-se destacar que o sistema educacional é responsável pela produção e reprodução de valores morais de uma sociedade e é dentro desse conjunto de valores que os indivíduos definem seus objetivos de vida. A reificação das relações depende da forma como os indivíduos interiorizam esses valores que advêm dos contextos em que vivem, mas também são adotados de outros contextos. Para Mészáros (2016, p. 265) “eles adotam as perspectivas globais da sociedade de mercadorias como se fossem os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações”. É dessa forma que os indivíduos formam suas concepções de mundo. Portanto, corroboramos com a afirmação de Mészáros (2016, p. 266) de que “[...] a transcendência positiva da alienação é, em última análise, uma tarefa educacional, exigindo uma ‘revolução cultural’ radical para sua realização”. Por isso, não basta uma mudança política nas instituições formais de ensino, porque o sistema educacional é comandado de fora dessas instituições. As obras de Marx e Engels que estamos tratando neste capítulo dão uma boa ideia disso e, ao nosso ver, Mészáros (2016) tem razão ao dizer que:

É por isso que a tarefa de transcender as relações sociais de produção capitalisticamente alienadas deve ser concebida no quadro de referências global de uma estratégia educacional socialista. Esta última não deve ser confundida com alguma forma de utopismo educacional (MÉSZÁROS, 2016, p. 266).

No entender de Marx, a economia política se coloca do lado da propriedade privada, submetendo o trabalho inteiramente ao capital. O capitalismo é entendido por Marx como um sistema de compra e venda da força de trabalho, na qual o trabalhador, que detém a força de trabalho, é transformado em mercadoria: “A máquina acomoda-se à *debilidade* do ser humano para tornar o ser humano *débil* uma máquina” (MARX, 2004, p. 141). A alienação do trabalho é originária de várias outras formas de alienação que alcança outras formas de trabalho

distintas das relações de trabalho que podem ser observada dentro de uma fábrica. Entre essas relações de trabalho que podem apresentar o fenômeno da alienação, ao nosso ver, encontra-se a relação professor-aluno que também é pautada por “especialização do trabalho” (SILVA, 2005, p. 105). Ora, também nesta relação a alienação se mostra presente, uma vez que na escola a divisão do trabalho está presente e tem como fundamento a organização econômica. Não se trata de tomarmos a escola como uma fábrica, mas de compreendermos que o professor é um trabalhador, como muitos outros, e a formação dos alunos é parte do seu trabalho. Ao mesmo tempo que produtor da formação dos alunos, o professor é também um empregado que deve reproduzir as determinações do currículo formal que vêm dos dirigentes do sistema educacional brasileiro. Notadamente, muitos professores não se sentem como pertencentes à classe dos trabalhadores explorados por esse sistema educacional e, embora sejam assalariados, podem participar de ações contrárias ao interesse de sua classe.

Enquanto trabalhador, o professor pode ser transformado em mercadoria, bem como, no espaço escolar, “[...] o aluno tem necessidade de objetos para realizar seus poderes, mas não dispõe da oportunidade de adquirir esses objetos. Nesse processo, os alunos são transformados em produtos ou mercadorias a serem vendidas no mercado” (SILVA, 2015, p. 106). Ante esse contexto, entendemos que esta alienação é vivenciada pelos alunos de sociologia no ensino médio, conforme vamos explicitar no próximo tópico.

2.1.3. Alienação e emancipação no contexto educacional brasileiro

Considerando que o trabalho do professor pode ser um trabalho alienado, ao nosso ver, o aluno que recebe o resultado desse trabalho também se encontra alienado desse processo. No texto *Educação e emancipação*, Theodor Adorno (1995) comenta que a emancipação é uma exigência sem qual não é possível pressupor a democracia. O ponto de partida desta afirmação é o texto de Kant intitulado *Resposta à questão: o que é esclarecimento*, de 1784. Kant (2012), em seu texto, defende que a menoridade é a situação em que um indivíduo permite que o outro o tutele. Em termos práticos, isto equivale a dizer o seguinte: o indivíduo precisa ouvir de um médico que é necessário ter moderação no comer e beber; outro indivíduo precisa ouvir de um Padre que é necessário levar uma vida regrada pelos princípios morais; outro indivíduo, que já se encontra na universidade, precisa ouvir do

professor o que deve ler, como escrever e como deve organizar sua vida acadêmica. Por isso, Kant julga que o indivíduo que se encontra em uma situação como essa é o próprio culpado. Kant amplia seu exemplo sobre a emancipação humana para o âmbito do Estado e afirma que se este deve criar as condições necessárias para que cada indivíduo possa decidir ser livre ou continuar na menoridade. Ser livre, para Kant, significa sair da menoridade e assumir a maioridade. Esta significa fazer uso do seu próprio entendimento e razão, isto é, andar com as próprias pernas e pensar por si mesmo. Para Kant, o indivíduo não deve abrir mão de sua capacidade de escolher.

Adorno (1995) considera que o problema da emancipação humana é fundamental para a democracia, de tal forma que não faz sentido pensar um sistema pedagógico que não tenha a emancipação como pressuposto. No entanto, ao analisar o sistema educacional da Alemanha de sua época, constata que o que há é “[...] um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia” (ADORNO, 1995, p. 172). Para Adorno, o problema da emancipação é internacional. Nas escolas ele identifica que a emancipação do aluno, por sua vez, encontra um forte obstáculo na autoridade do professor. Esta autoridade encontra significado específico em cada contexto social. Portanto, apesar de reconhecer a atualidade da tese kantiana, Adorno apresenta uma tese distinta: “O modo pelo qual - falamos psicologicamente - nos convertemos em um ser humano autônomo, e portanto emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo autoridade” (ADORNO, 1995, p. 176, 7). Na escola a figura da autoridade impõe aos estudantes um padrão que não é formulado dentro da escola, mas que é imposto à escola bem antes. Trata-se de um papel que se esperar que o aluno represente. Nesse sentido, é “[...] repugnante a versão normativa do conceito de papel, e é preciso contrapor-se a ele com todo o vigor” (ADORNO, 1995, p. 178).

Ocorre que vivemos em uma sociedade na qual uma pessoa não pode viver segundo suas próprias determinações. As pessoas são formadas por meio de instâncias mediadas, de maneira que absorvem os comportamentos impostos sem se darem conta. Esta situação se estende até as instituições escolares nas quais a emancipação dos alunos enfrenta o obstáculo da alienação que lhes é imposta por meio do ensino que recebem. De acordo com Adorno (1995, p. 183), o caminho para enfrentar esse problema é o de “[...] uma educação para a

contradição e para a resistência”.

Freire (2017) compreendia essa resistência como enfrentamento da educação bancária. Esta última vem a ser uma “falsa visão dos homens”. A educação bancária sugere uma separação entre homem e mundo, ou seja, não o “homem mundo”, como sugere a fenomenologia que vai de Husserl a Merleau-Ponty. Na educação em que o educando e o mundo estão separados, os educandos não são criadores do mundo, não são conscientes do mundo, portanto, esses educandos não “são mundo”.

A educação bancária entende que cabe ao educador preencher a consciência do educando, pois ela não cria e não pensa, ou seja, “é o de fazer depósitos de ‘comunicados’ - falso saber - que ele considera como verdadeiro saber” (FREIRE, 2017, p. 88). O sistema educativo ao qual Freire se contrapõe apassiva mais ainda seus educandos. Esta forma de educação é contrária ao pensamento autêntico. Ela quer controlar a leitura do aluno e padronizar suas respostas e perspectivas futuras. Por isso, sua superação é urgente.

Frente a essa forma de educação, Freire retoma as concepções de Kant (2012) e Adorno (1995) de emancipação ao afirmar que a educação que se pretende libertadora não “[...] se sirva das mesmas armas da dominação, isto é, da propaganda dos *slogans*, dos ‘depósitos’” (FREIRE, 2017, p. 93). A educação libertadora não compreende os educandos como consciências vazias, mas como consciências *intencionadas* ao mundo. A educação libertadora é problematizadora e deve objetivar superar a contradição educador-educandos. Ao nosso ver, esta deve ser a proposta do ensino de sociologia para o ensino médio.

2.2. A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Nesta etapa do trabalho expomos como a sociologia é enxergada a partir de olhares diferentes entre discentes e docentes. A sociologia percebida através destas experiências mostra suas carências, habilidades e o que teoria e prática dentro do contexto escolar sobre a disciplina de sociologia.

2.2.1. Visão multifacetada da Sociologia na escola

A discussão sobre a sociologia dentro do ambiente escolar passou por diversas fases de análises e embates, pois ainda havia grande preocupação ao que se tornaria a disciplina, o que iria abordar e como seria essa abordagem. Neste sentido tivemos grandes pensadores da sociologia brasileira trazendo contribuições para que essa inclusão se efetivasse.

Uma das vozes mais firmes nesse debate foi a do sociólogo Florestan Fernandes, um dos maiores defensores dessa causa, que produziu um texto retratando a necessidade da sociologia dentro da formação dos jovens brasileiros. No seu texto “*O ensino da sociologia na escola secundaria brasileira*”¹, o sociólogo inicia indagando como a sociologia pode estar sendo discutida como uma disciplina escolar. Fernandes (1954) aponta para a contradição em se formar profissionais da área das Ciências Sociais que muitas vezes não tinham espaços para exercer o que foi construído na academia, sendo o ensino secundário o espaço para exercer suas atividades, bem como ampliar o campo de pesquisa e estudos sociológicos.

Refletindo o início do texto percebemos a complexidade em se pensar a sociologia como componente curricular. Na escola ela consegue escoar toda uma produção de conhecimento sobre a sociedade e suas mais profundas transformações ou continuidades. Sabemos que o seu advento aconteceu no século XIX diante de uma ruptura nas estruturas sociais e o surgimento de novos elementos e estilo de vida marcado pelo mundo industrial, uma nova classe trabalhadora na Europa e novas relações de trabalho. Neste cenário a sociologia ganha seu espaço de análises e construção de conhecimento.

No Brasil, em meio as suas contradições e transformações, temos problemas sociais de outros tempos que ainda não foram resolvidos, tradições e costumes que estão enraizados e precisam ser problematizados, todos esses aspectos criam um ambiente fértil para a aplicação do conhecimento sociológico. Um histórico colonial presente envolvido em um processo de globalização que importa problemas de grandes centros urbanos que vão sendo somados a problemas da nossa realidade.

A sociologia no ensino secundário seria uma maneira de se apropriar de tudo o que nos é imposto sem reflexão e construir um diálogo com as teorias sociológicas. Assim, Fernandes (1954) pensa na ruptura entre uma área de conhecimento estritamente acadêmico que, dentro das paredes frias da universidade, não conseguisse dar conta de tudo sem o auxílio de colaboradores que possam apresentar a sociologia ao estudante na fase do ensino médio:

1 Texto proferido no I Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954.

O ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1954, p. 90).

Sabendo da carência de incluir a sociologia no ensino secundário, outra questão agora a se pensar é o que se deveria ser discutido e como ser discutido no ensino secundário. Em um primeiro momento a sociologia enquanto disciplina escolar direcionou-se para questões amplas, que envolve todas as sociedades modernas, as implicações do modo de produção capitalista, suas crises e como estas afetam a vida das pessoas, porém, tudo de maneira genérica.

Os especialistas que estavam esboçando essa disciplina viam no campo da educação um local propício para as discussões dos problemas sociais, sendo a disciplina de sociologia a principal arma que possuíam, não só no campo teórico como no campo prático. Sob este aspecto Fernandes menciona um estudo de Emílio Willems para ampliar a narrativa do campo educacional intervindo racionalmente em algumas áreas da sociedade:

Ele não só contribui para abrir novas perspectivas, em nosso meio intelectual, para o debate da significação do ensino das ciências sociais, quanto para assinalar certas esferas em que uma intervenção racional, com apoio em conhecimentos antropológicos e sociológicos obtidos empiricamente, poderia favorecer a mudança de determinadas atitudes em um sentido desejável (WILLEMS in FERNANDES, 1954, p. 91).

Outro aspecto importante seria compreender o espaço que a sociologia estaria ganhando ao adentrar no currículo escolar, pois só seria possível se a sociedade estivesse estável com prerrogativas democráticas e capaz de pensar a sociedade para além da realidade vigente, caso contrário essa disciplina poderia ser vista como algo subversivo. Talvez esse ponto fosse um dos mais críticos, pois diante dessa realidade, romper com os limites de pensamento e partir para uma análise crítica da sociedade baseada na produção intelectual das ciências sociais mudaria todo o rumo da sociedade.

Para que essas aspirações realmente surtissem efeitos era preciso conhecer a realidade nacional, analisando os âmbitos regionais, homogeneizando problemas e a organização

sociocultural, para delimitar o que seria e como seria discutido. Com essa homogeneização poder-se-ia refletir o que o professor de sociologia deveria fazer diante da sua disciplina.

Como organizar teorias e conceitos das ciências sociais para transpor aos estudantes sem causar castrações teóricas, esquartejamentos de conceitos e principalmente comprometer seu sentido? Como fazer analogias sem cometer anacronismos? Todos esses questionamentos se chocavam com a perspectiva de se trazer a real função da sociologia no ensino secundário. Aos poucos, com muita discussão, chega-se a um consenso que a primeira funcionalidade da sociologia no ensino médio seria “[...] antes de tudo munir o estudante de instrumentos de análise objetiva da realidade social; [...]” (FERNANDES, 1954, p. 92), fazendo-o compreender sua vivência e seu papel enquanto agente social.

Com essa função a sociologia traria o aluno para o campo prático do debate, romperia com o modo de pensar estático que o condicionava a receber de maneira passiva tudo que lhe é imposto. Assim esse mesmo aluno, através da reflexão sociológica, utilizaria a objetividade para compreender os fenômenos sociais, interagindo, criticando e racionalizando sobre eles. Mas o trato de uma ciência social dentro de um país como o Brasil vai além da investigação das mudanças em seu cenário social, pois isso pode ocorrer de maneira lenta. Permanecem problemas oriundos de outras épocas, ou seja, nossa crise vai além de mudanças e passa a ser uma crise estrutural, sendo a sociologia uma disciplina de transformação do pensamento social, agindo de dentro (sala de aula) para fora (sociedade). Nesse sentido, se fazia necessário partir da compreensão da natureza humana situada dentro de determinado contexto para conseguir abranger sua atuação na vida social. Fernandes (1954) indica que para isso, independente da etapa em que a sociologia está sendo discutida, é necessário compreender o indivíduo nas suas relações mais íntimas, dentro da sociedade, pois, caso contrário, seu estudo continuará vazio, sem compreender o homem através da área de conhecimento que o está estudando:

As transformações ocorridas nas sociedades modernas substituíram largamente os ajustamentos sociais baseados no conhecimento pessoal íntimo e em normas estabelecidas pela tradição por ajustamentos sociais baseados em situações de interesses e em convicções sensíveis às flutuações dos movimentos sociais ou aos influxos da propaganda (FERNANDES, 1954, p. 93).

Um ponto que completa essa perspectiva é trazer o aluno para participar da coisa pública, da vida social, encarar os problemas sociais de maneira ativa, deixando de lado a passividade que marca a relação social das pessoas. A sociologia só conseguirá isso pontuando seu lugar na educação. Fernandes (1954, p. 94) evidencia “[...] que a posição da sociologia no sistema educacional brasileiro oscila de maneira irregular, ao sabor de inspirações ideológicas do momento”, sendo muitas vezes é apenas uma disciplina representativa e pouco atuante. Esse problema é apontado principalmente sob a ótica da formação do professor bem como da organização do programa de ensino de sociologia.

Essa reorganização do currículo de sociologia deve passar por um crivo que aborde questões atrativas, devendo repensar o papel da sociologia dentro da escola. Fernandes (1954) está preocupado com uma nova sociologia que rompa com o modelo de ensino secundário vigente, a saber:

O ensino secundário é *formativo* por excelência; êle não deve visar a acumulação enciclopédica de conhecimentos, mas a formação do espírito dos que o rodeia. Torna-se assim, mais importante a maneira pela a qual os conhecimentos são transmitidos, que o conteúdo da transmissão (FERNANDES, 1954, p. 95).

A sociologia pensada por Fernandes é libertadora e produtiva. Não fica apenas no campo teórico, presa aos manuais, ela transita entre o exercício pleno da cidadania e a intervenção da vida social.

Essa sociologia deve orbitar nas suas próprias concepções, fazendo uma junção entre o pensamento sociológico construído com o fazer do pensamento sociológico em sala de aula. Fernandes sugere que é preciso “[...] refletir sobre as possibilidades da introdução da sociologia no ensino secundário brasileiro à luz de argumentos fornecidos pela própria análise sociológica” (1954, p. 96), distanciando-se de uma influência metodista e conteudista da educação secundária.

Interessa a Fernandes (1954) compreender a quem o ensino de sociologia visa atender:

O ensino secundário preenche no sistema educacional brasileiro uma função educativa auxiliar e dependente. Seu objetivo consiste em preparar os educandos para a admissão nas escolas de nível superior. Por sua natureza e por seus fins, tem sido descrito como um “ensino aquisitivo”, de caráter

humanístico-literário, extensão enciclopédica e de ação propedêutica, mais prêso à *tradição acadêmica* herdada do passado, que às necessidades intelectuais impostas pelo presente (FERNANDES, 1954, p. 97).

Paralelo a um ensino secundário engessado numa relação de acúmulo de conteúdo, outro problema permeia a consolidação da sociologia no ensino secundário: o próprio sistema educacional brasileiro, dificultando o avanço da sociologia. Segundo Fernandes (1954), estamos diante de um sistema educacional que é baseado na conservação social, que se choca com uma educação transformadora da realidade social.

Esse modelo de educação arcaico tem como sustentação a influência de instituições sociais como a igreja e a família tradicional. Diante dessa realidade, só uma ruptura profunda através da sociologia poderá dar condições de um pensamento livre e autônomo que vá além de uma disciplina preparatória para o ensino superior. Toda defesa de Florestan Fernandes se resume no desejo que a sociologia ganhe uma nova roupagem e some saberes à outros conhecimentos científicos numa inclusão da realidade social brasileira e do pensar dessa realidade. Essa soma implica sobretudo na criação de condições mais justas e igualitárias, capazes de fornecer uma mobilidade social através da educação, sendo a sociologia capaz de superar as lacunas criadas por um sistema educacional moldado numa sociedade injusta e desigual.

Partindo desse pressuposto a sociologia vai sendo colocada entre o saber acadêmico e sua aplicabilidade em sala de aula. Durante muito tempo o grande desafio da sociologia, enquanto disciplina escolar, era superar a visão empírica que foi criada sobre si e mostrar-se cada vez mais associada à ciência que utiliza métodos, conceitos e teorias para sustentar sua permanência nesse currículo.

Como pode ser comprovado a sociologia em sala de aula foi capaz de subsidiar e ampliar as pesquisas sobre a produção do professor, do aluno e das instituições, como apontam alguns pesquisadores da área. Vemos que

Por sua ligação estreita com a escola, a pesquisa sobre o ensino de Sociologia sempre se caracterizou por sua natureza prática, uma vez que é na sala de aula que ela acontece e é por meio das práticas pedagógicas do professor que o conhecimento escolar da Sociologia se realiza (HANDFAS; MAÇAIRA; FRAGA, 2015, p. 15).

Os autores demonstram preocupação nas análises sobre o ensino de sociologia para que esse não se torne apenas uma soma de experiências e faça dos sujeitos simples espectadores. A tarefa de unir o conhecimento prático às teorias nunca foi fácil, principalmente para uma área de conhecimento que quando mal interpretada vai ser condicionada ao senso comum.

Para apoiar a disciplina uma grande ferramenta foi a abertura de canais onde o conhecimento e as experiências puderam ser discutidos entre os próprios professores, nos mais diversos espaços, principalmente retornando ao ambiente acadêmico. Segundo Handfas, Maçaira e Fraga (2015) o espaço adquirido pela sociologia conseguiu dar voz a tudo que era construído, “cujas experiências e especificidades de olhares vêm enriquecendo o debate a partir de novos elementos trazidos da escola e da universidade” (2015, p.16), mostrando a eficácia da sociologia. Todas essas informações foram construídas com base em diversos estudos como olhares diferentes, sendo avaliado cada aspecto subjetivo e seus objetos de pesquisa devidamente colocados à luz do conhecimento sociológico:

Avaliamos que esse conjunto de artigos, escritos por 40 autores que atuam em diferentes instituições de ensino da educação básica e do ensino superior, expressa o avanço do campo, sobretudo pelo fato de que eles tomam o debate sobre a Sociologia na educação básica sem perder de vista as dimensões prática e teórica do tema (HANDFAS; MAÇAIRA; FRAGA, 2015, p. 16).

Compreender o universo do campo escolar, da sala de aula e da aula de sociologia com as lentes de um sociólogo transforma a concepção de uso prático, além do empírico, da reflexão sociológica, que também não se limitará a produzir teorias de laboratórios sem experimentação ou sem finalidade de uso.

A práxis do conhecimento sociológico supera seu aspecto de “achismo” quando transforma sua produção em um caminho de mão dupla. Por isso reflete aquilo que nem toda ciência é capaz de fazer, principalmente diante de um público como os alunos do ensino médio que buscam utilização imediata do conhecimento adquirido, reflexo do mundo tecnológico que estão inseridos.

Para manter a sintonia entre escola e universidade, professores passam a fazer suas próprias análises sobre a sociologia dentro da escola. Essa tarefa muitas vezes torna-se

extremamente difícil, pois há necessidade de se fazer uma autocrítica sobre como se está conduzindo as aulas, se está atingindo seu público e como esse público utiliza esse conhecimento.

Handfas, Maçaira e Fraga (2015, p. 16) observam que no “[...] estado da arte da produção acadêmica sobre o ensino de Sociologia na educação básica”, cada ator social e instituição pesquisada aparece com uma riqueza de detalhes em seus mais diversos sentidos e nos permite mergulhar sobre a sociologia no ensino médio. Muito tem sido pesquisado com o intuito de diminuir as lacunas deixadas por uma disciplina ausente e que por diversas vezes que esteve presente não supriu de maneira plena seu papel dentro da escola. Mas nenhuma temática está esgotada.

Muitos dilemas e elementos que compõem o dia a dia escolar estão presentes, esperando os profissionais capazes de elucidar suas implicações na vida social dos estudantes. A partir do contanto com a sala de aula e a escola, a sociologia percebe a escassez e a necessidade gritante de se impor enquanto ciência. Hoje mais do que nunca essa disciplina luta por seu espaço e reconhecimento, porém para que essa luta se torne sólida temos a necessidade de engajar todos os setores da sociedade e partir de dentro da própria escola. Dentro da escola a sociologia enfrenta uma série de problemas em relação a sua própria afirmação, pois muitas vezes acaba sendo projetada como uma mera disciplina sem importância, porém diante disso tudo a sua percepção a partir da escola vai aos poucos se transformando. Conforme os referidos autores:

Se a obrigatoriedade da disciplina no ensino médio, por si só, ainda não foi capaz de corrigir as distorções e lacunas que ainda permanecem na escola e no currículo, tais como professores sem formação específica ministrando aulas de Sociologia, ou carga horária reduzida, certamente ela atuou como catalisador de um sentimento que há muito vinha rondando os setores que reivindicavam o retorno da Sociologia ao ensino médio (HANDFAS; MAÇAIRA; FRAGA, 2015, p. 16).

Sob a ótica desta percepção, seguimos o caminho árduo da resistência da sociologia enquanto disciplina, sendo necessário observarmos minuciosamente a visão de professores e alunos para compreender de maneira ainda melhor sua posição dentro do currículo inserido na escola. Nossa análise visa observar a disciplina de sociologia como uma ciência dentro da

escola, capaz de interferir nos aspectos sociais e políticos da sociedade. A obrigatoriedade desta disciplina lhe conferiu, até o ano de 2017, “o papel de fazer a ‘ponte’ entre sujeito e realidade, indivíduo e sociedade, passando pela formação do aluno enquanto cidadão” (Leal e Youg, 2015, p. 773), jogando sobre ela o peso de instruir intelectualmente, de maneira cívica, social e política o estudante de nível médio. Dessa forma, a sociologia não chega à escola apenas para suprir as necessidades de pensar a sociedade e intervir nela. De acordo com Leal e Youg (2015, p. 776) sobre a sociologia: “A pertinência da disciplina na fase instrucional básica dos discentes do ensino médio e, posteriormente, a adequação do modelo formativo dos licenciandos em ciências sociais, em termos de mediações pedagógicas para o ensino de sociologia na escola”, ou seja deve-se manter um elo entre estes dois campos de estudo.

No ensino de sociologia há um elemento diferenciado, uma janela que dá espaço às discussões e construção de análises sobre a realidade social em seus vários contextos e interpretações dos fatos sociais. A partir desse ponto vemos como a sociologia vai estar carregada simbolicamente como uma disciplina capaz de conduzir o pensamento social brasileiro dentro da escola. Isso ocorre quando há a legitimação da disciplina dentro do currículo como forma de aproximar o conhecimento universitário com o de nível médio.

Quando defendemos a introdução da disciplina no currículo do ensino médio devemos ter todo um embasamento construído nas práticas e no desenvolvimento da mesma enquanto uma sociologia voltada inteiramente para o espaço escolar. Talvez essa seja a maneira mais eficaz de se produzir um terreno fértil e próspero para a sociologia, envolvendo tudo que constitui os saberes sociológicos. Essa apropriação se faz necessária para garantir a defesa de sua permanência e legitimar sua função. A disciplina não será problematizada dentro do espaço escolar apenas por sua mediação pedagógica, mas de certo modo também seria um termômetro sobre a formação dos profissionais de ciências sociais que estariam sendo colocados no mercado de trabalho. Uma mediação pedagógica exige dentre outras coisas um profissional bem preparado, capaz de interagir com as teorias e conceitos sociológicos e conseguir, sem trazer perdas para o aluno, levá-lo a conhecer, discutir e compreender sua realidade social. Mas essa estratégia sozinha não faz da sociologia uma salvadora, sendo necessário considerar seus limites e possibilidades, conforme asseveram Leal e Yung (2015):

Entendemos por mediações pedagógicas no ensino de sociologia na escola o mecanismo didático-cognitivo de transposição do conteúdo de ciências

sociais a partir da adequação da linguagem acadêmica própria do ensino na graduação para o ensino escolar no nível médio, sem comprometer a densidade do saber sociológico (LEAL e YUNG, 2015, p. 774).

Nessa ótica a sociologia representa uma tríade de finalidades e tenta se adequar para atingir os objetivos que foram a ela delegadas. Os referidos autores também apontam para esses objetivos da sociologia que transitam entre uma finalidade intelectual e uma utilidade instrucional:

Como regra, podemos afirmar que as ciências sociais que chegam às escolas brasileiras resultam fundamentalmente da intersecção entre finalidade intelectual da disciplina, orientações curriculares e sua utilidade instrucional no ensino médio. O interesse pelo estudo sociológico desse tripé para entender como a disciplina figura no quadro de formação do alunato da escola desponta, no caso brasileiro, com a inserção da sociologia no currículo do ensino básico em todo país, em 2008 (LEAL e YUNG, 2015, p. 275).

Analisando essa contradição entre ser conhecimento científico e atender de maneira simples e imediatista o nível médio, além de ser pensada dentro de parâmetros curriculares genéricos, vemos a disciplina de sociologia passar a ser obrigatória dentro da formação em nível médio. Após extensivas lutas para seu reconhecimento, seu lugar não é um lugar privilegiado nem tão pouco permanente, já que sabemos que há interesses ideológicos acima do pensar sobre educação no Brasil. Como um contrapeso de sua permanência no currículo a sociologia tenta se encaixar no universo do ensino médio com uma série de limitações. O grande desafio é manter uma objetividade intelectual com uma roupagem que seja compreensível para os alunos do ensino médio.

Diante desse jogo, a disciplina está envolvida, como peça principal, em problemas de adequação ao currículo do ensino médio. No Brasil a sociologia tem recebido um papel revestido de responsabilidades que não se aplicam a outras áreas de conhecimento, ou seja:

A especificidade epistemológica das ciências sociais em face das demais disciplinas escolares; e a legitimidade institucional da sociologia que se associa à questão da coerência curricular da disciplina no sentido de acoplar propósitos civilizatórios (formar cidadãos esclarecidos e críticos) e

instrumentais (atender ao mercado de trabalho) (LEAL e YUNG, 2015, p. 776).

A dimensão formativa para a cidadania coloca a sociologia sob um aspecto de utilização técnica do seu conhecimento, algo que não pode ser cobrado em uma disciplina que vem das ciências sociais e humanas. Essa percepção que a diferencia de quase todas as outras disciplinas escolares mostra como sua afirmação dentro do âmbito escolar requer argumentos cada vez mais fortes para poder responder a todos os questionamentos sobre sua utilidade.

É preciso compreender como a sociologia consegue conduzir os conteúdos de “caráter fortemente teórico e hermenêutico das ciências sociais” (LEAL e YUNG, 2015, p. 776) para que possa trazer sentido para quem ensina e para quem aprende. Essa talvez seja a maior provocação diante do tema. Porém, além dessa, um segundo ponto a ser confrontado é a eficiência da sociologia no ensino médio. Essa elucidação demanda uma análise sobre o modelo de escola que temos.

A escola no Brasil, como elemento instrucional das massas, por várias vezes não conseguiu suprir as necessidades de seu público gerando um abismo entre teoria e prática. Para os sujeitos que estão inseridos nessa realidade existe uma dificuldade de compreensão sobre tudo que é proposto. Isso ocorre principalmente pelo fato da educação converter os sujeitos a partir da normatização que torna o processo de ensino e aprendizagem homogêneo. É neste ambiente que se tenta tornar comum o que é aprendido e o que é ensinado, “[...] que se edifica e se reproduz uma cultura comum de cidadania pautada na linguagem normativa do direito à igualdade no tratamento do alunato-cidadão” (LEAL e YANG, 2015, p. 776), daí surgem uma série de problemas que transparecem o nosso modelo falido de educação.

Portanto, estamos inseridos em um modelo de educação onde os próprios formuladores e agentes que fazem parte dos altos escalões, indo até o professor em sala de aula, muitas vezes não demonstram sensibilidade com as carências dessa educação. Esquecem que são parte fundamental de todo o processo educativo e dependem do atendimento ao seu público para coexistirem.

Essa característica da nossa educação uniformizou o ensino, porém criando critérios excludentes, pois quando tratamos todos como iguais criamos um ambiente fictício, não estamos trabalhando com a realidade dos sujeitos envolvidos. Desta forma, o ensino brasileiro passa a reproduzir as desigualdades que já são perceptíveis dentro da própria sociedade.

Nossa educação é baseada em um modelo burguês de venda de uma imagem de acessível a todos, mas em paralelo a isso somos extorquidos pelo sistema que esvazia de sentido nossa aprendizagem. Uma educação que molda e castra os sujeitos, tornando-os cada vez mais submissos, naturalizando todos os aspectos sociais que lhe são apresentados. Com a roupagem universal e democrática e com todos os seus problemas estruturais, a escola ainda figura como uma das instituições sociais mais presente na vida daqueles que a frequentam:

Ou seja, o espaço escolar, na verdade, seria menos um lugar que proporciona oportunidades de vida para uma mobilidade social entre agentes do campo social oriundos de classes sociais não dominantes e se traduziria mais em locus da perpetuação e renovação da cultura dominante (LEAL e YUNG, 2015, p. 777).

Para qualquer sujeito inserido na educação enquanto mediador (um professor, por exemplo) sabe-se que os elementos que nos são dados e as ferramentas utilizadas por nós muitas vezes se mostram ineficazes para atingir os resultados esperados. Seja por conta da institucionalização dos saberes, seja pela peculiaridade de nosso público, o qual, por muitas vezes, está em um ambiente onde não há espaço para ser tratado com a atenção merecida. Muitos jovens, principalmente no ensino médio, apresentam na sua formação escolar uma série de problemas de percurso que vão desde uma boa base dos níveis de ensino anteriores até a falta de igualdade de oportunidades.

Uma boa parte dos alunos, por conta das desigualdades sociais do nosso país, não possui um capital cultural que possa ajudar a expandir seu conhecimento, somando-se a isso temos profissionais que não conseguem enxergar esses problemas a olho nu na sala de aula. É dentro dessa instituição social, a escola, que por muitas vezes os elementos de distinção social vão passar despercebidos, sujeitos são silenciados e outros tantos se sentem presos a sistemas sociais que parecem sólidos e que não representam mobilidade para esses sujeitos.

É nesse ambiente que a sociologia vai tomando forma e aparece com uma problemática interna à própria disciplina e que vai além do sistema escolar. Ela passa a se questionar como pode fazer diferente dentro desse sistema. De acordo com Lahire *apud* Leal e Yung (2015):

a primeira seria a dimensão política da sociologia, que proporciona instrumentos de análise e crítica social; a segunda traduz-se no aspecto terapêutico da disciplina, o qual se refere à especificidade desse tipo de conhecimento que levaria à compreensão por parte do alunato do mundo social no qual vive e como o indivíduo se localiza nele; e a terceira seria de ordem cognitivo-científica, como saber, o mais “fielmente” possível, acerca dos eventos do mundo social (LAHIRE in LEAL e YUNG, 2015, p. 778).

Ante esse contexto, a sociologia deve ser pensada para além do componente curricular, mas também como instrumento de discussão da reprodução de desigualdade da sociedade e da própria escola. A disciplina de sociologia aparece neste contexto como mediadora entre o conhecimento de nível acadêmico e o de nível médio como ferramenta capaz de elucidar os problemas sociais e, por último, fazer o aluno refletir sobre sua realidade. Porém, para compreender como está sendo utilizada, é preciso conhecer a realidade onde ela está inserida, bem como os sujeitos envolvidos nesse processo.

Os sujeitos que compõem esse universo são alunos e professores que estão no mesmo campo, porém com objetivos e preparo diferentes. A sociologia é o produto comum a eles e o trato com ela deve ser observado como algo singular, para que possa trazer sentido a ambos. Estudando os personagens e os enredos, chegaremos mais próximo da prática sociológica para além dos manuais. Estaremos encarando o fazer sociológico em sala de aula e como aperfeiçoa-lo cada vez mais, assim: “interessa-nos saber sobre o diálogo entre a perspectiva de uma práxis emancipatória atribuída à sociologia e as representações do alunato sobre sua finalidade como disciplina escolar” (LEAL e YUNG, 2015, p. 778), para que assim todo o processo ganhe sentido.

Considerando todos esses elementos dentro de um contexto próprio teremos uma aproximação sobre o que realmente é a sociologia enquanto disciplina. Essa definição partirá da análise das mais diversas percepções dentro da particularidade de cada escola. Um exercício que quando visto como um todo produzirá subsídios para apoiar a criação de diretrizes e preencher lacunas dentro do ensino de sociologia.

Sabemos que várias vezes os próprios professores não estão bem preparados para lidar com as problemáticas que fazem parte do rol de temas da sociologia ou até mesmo sua prática pedagógica não dê conta de todos os requisitos para se ministrar a disciplina da melhor forma possível. Trata-se de uma situação que, segundo Leal e Yung (2015):

Isso se dá muito em função de carências didáticas e de conteúdo na formação de saberes docentes em ciências sociais, ainda na graduação e na licenciatura, o que ocasiona, muitas vezes, uma transposição mecânica de conhecimentos sociológicos adquiridos na universidade para o mundo social do alunato do ensino médio (LEAL e YUNG, 2015, p. 779).

Ao depararmos com essa realidade, temos um caminho ainda mais árduo a percorrer, pois a forma como esse profissional percebe a disciplina de sociologia e conduz suas aulas vai influenciar de maneira direta sobre a percepção do seu alunato. Discutir a sociologia no ensino médio envolve elementos que se não observados de maneira minuciosa passam por despercebidas, sendo que todas as questões são pertinentes. A construção do saber sociológico emana das particularidades desses elementos e exige um preparo cada vez maior de quem vai conduzir esse processo. Comprovamos a importância desses elementos quando Leal e Yung (2015) afirmam:

Consideramos, aqui, o mundo social do alunato do ensino médio como um lugar que deriva da intersecção entre sala de aula e contexto socioeconômico no qual os estudantes estão inscritos, o que decorre, também, muitas vezes, da discrepância entre o mundo social docente (locus que resulta da intersecção entre sala de aula e formação e saberes docentes) e aquele da experiência social do alunato quando da assimilação de conteúdos das ciências sociais (LEAL e YUNG, 2015, p. 779).

Percebe-se, assim, a importância do bom preparo e da visão sociológica do professor, para poder dar vida a sociologia e torná-la atrativa para seu público, pois de nada adianta este estar cheio de conteúdo, mas vazio de sentido. A sociologia só passa a fazer parte da vida do aluno quando este consegue traduzi-la para sua realidade, quando ele consegue se apropriar do conhecimento e aplicá-lo. Essa é uma característica comum dentro do(s) mundo(s) dos jovens e perceptível a partir do cotidiano escolar. Estes aspectos são necessários para dar voz aos alunos e conhecer sua visão sobre a sociologia. Assim, teremos a cumplicidade para fazer com que a sociologia seja frutífera e consiga manter seu propósito enquanto ciência aplicada no ensino médio. Contudo, é preciso compreender os limites da sociologia dentro do espaço escolar, tomando o devido cuidado para não criar estereótipos sobre o papel desta disciplina dentro da educação básica.

O discurso científico está presente hoje em nossas vidas de uma forma em que se torna quase impossível fugir dele sem se apresentar como um negador do conhecimento. Por outro lado, estamos também diante de uma segregação dos valores científicos em relação ao que tem prestígio e merece destaque e o seu oposto. Vemos que há uma necessidade de se explicar os fatos cotidianos, colocá-los à prova sob as lentes da ciência. É nesse mundo técnico que os indivíduos projetam sua existência e questionam até que ponto as coisas são realmente explicáveis e em contra partida, quando não encontram respostas, usam o senso comum para explicar questões científicas.

Esse processo de produção científica está postulado há bastante tempo, porém dentro desse universo a educação sempre foi questionada sobre avanços e retrocessos, sendo barreira entre ciência e apropriação de conhecimento produzido por ela. Ao remetermos a esse ponto a própria sociologia é perguntada sobre seu lugar e espaço enquanto ciência:

a sociologia participa das percepções e da imaginação social sobre a ciência? Em que medida os saberes desenvolvidos pela área se apresentam como pertinentes para a divulgação científica? (CARNIEL e BUENO, 2018, p.674).

Assim, vemos que há uma medida onde os saberes desenvolvidos pela área da sociologia se mostram pertinentes ou não para a divulgação científica. As contribuições da sociologia vão atender a determinados interesses, sendo descartada quando não for ocasionalmente útil. Para responder essas indagações é preciso aprofundar a análise da sociologia e sua concepção científica. Sabemos como ela está na linha de frente sempre que se questiona o valor da ciência. É interessante notar que diante de uma sociedade tecnocrata os campos de conhecimento que não trazem respostas imediatas para a vida das pessoas passam a ser desacreditadas e alimentadas por uma falsa ilusão de que a ciência é apenas aquilo que é provado, como se tudo pudesse ser colocado *in vitro*.

O conhecimento sociológico posto ao lado de outras áreas, principalmente as ciências da natureza parece, muitas vezes, não ser postulada como ciência. Isso acontece porque sua aplicabilidade está restrita a espaços únicos, quase sagrados, e a disseminação do que se é produzido por ela também fica restrito a esse ambiente. Notamos uma diferença em relação as ciências da natureza onde se exigem provas concretas e toda a produção é amplamente

divulgada e sempre há uma recepção notável desse escoamento. Vemos aqui um grande problema apontado pelos autores, que ocorre quando há um distanciamento da sociologia de outras áreas científicas e essa passa a ocupar um lugar subalterno de pouco destaque nessa hierarquia. Isso se dá pela dificuldade de conversações entre esses campos de conhecimento distintos que ficam no entrave tradicional entre as ciências humanas/sociais e ciências da natureza/exatas. O resultado desse embate apenas reproduz o que o senso comum afirma sobre o lugar da sociologia, onde:

Desse modo, tais formas de “distinção” no universo das ciências modernas não apenas enfraquecem o papel do conhecimento sociológico no conjunto das atividades acadêmicas, como também impactam profundamente o lugar que a sociologia ocupa nos processos de divulgação e de educação científica. (CARNIEL e BUENO, 2018, p. 675)

A sociologia busca se consolidar cada vez mais entre as ciências, procurando não perder espaço e mantendo sua autonomia científica. Seu aliado principal é a própria sociedade que, sendo seu objeto de estudo, não finda nem se esgota como campo a ser pesquisado. A investigação social é uma ferramenta útil e necessária que sempre estará a disposição da sociedade para o enfrentamento de seus principais problema e mazelas. Esse fato explica, ao menos em parte, o desinteresse da sociedade pelo o conhecimento sociológico. É um problema que se evidencia dentro da própria academia, porém por si só não se explica como a sociologia deixa de ser representativa dentro da vida social, criando quase um paradoxo. Intrigante é o fato que outros cursos com métodos e teorias não menos representadas socialmente estão em destaque e ganham notoriedade pelo *status* nessa mesma sociedade.

Quando se analisa a representação da sociologia no campo científico deve-se perguntar como ela é apresentada na esfera pública para além dos muros da universidade, no âmbito geral e não apenas entre as outras ciências. A esse respeito, um estudo interessante foi realizado por Carniel e Bueno (2018), no qual afirmam que é preciso que o pesquisador se pergunte sobre qual o seu lugar na “agenda pública das ciências”, trazendo a sociologia para o centro da discussão.

Transpondo para a realidade brasileira podemos compreender as semelhanças entre esses problemas. Aqui enfrentamos uma desvalorização por parte da comunidade científica, “[...] pois a ‘vocação pública’ de seus trabalhos parece ter convivido com diferentes formas de

elitismo acadêmico ao longo do século XX” (CARNIEL e BUENO, 2018, p. 675), sendo reproduzido em forma de inferiorização da área das humanidades.

Para ir a fundo nessa dimensão de valores invertidos devemos compreender como e onde a sociologia está sendo aplicada. Nossa produção acadêmica está muito comprometida em questionar e refletir nossa realidade social, tarefa muito árdua dentro de um país que apresenta um sentimento colonial enraizado nas elites e nos grupos dominantes, os quais não querem uma mudança no *status quo*. Neste contexto, o conhecimento, baseado principalmente nas ciências sociais seria uma das formas de superar essa realidade.

Vemos que essas amarras em relação à divulgação do conhecimento acadêmico resultou na limitação a um canal específico estabelecido através de um âmbito intelectual e restrito como apontam Carniel e Bueno (2018, p. 675): “Tais formas de engajamento com públicos e finalidades diversos, entretanto, parecem ter dependido dos fortes vínculos com os meios universitários e, particularmente, com os programas de pós-graduação, enquanto *locus* de legitimação científica das elites intelectuais do país”, mostrando que em vários momentos havia uma distinção entre o conhecimento acadêmico e os demais conhecimentos produzidos.

Este aspecto elitista de conhecimento constitui dentre outras coisas uma “[...] desvalorização simbólica de outros agentes e em outras formas de atuação profissional, como a docência na educação básica” (Carniel e Bueno, 2018, p. 676) que, de certa forma, atinge praticamente todas as disciplinas. Neste ponto vemos a sociologia fazer um caminho contrário, ao menos inicialmente, quando inserida na iniciativa pública, se distanciando “[...] tanto dos processos públicos de divulgação quanto da educação escolar (Carniel e Bueno, 2018, p. 676), impactando na divulgação dos saberes sociológicos.

Diante dessa problemática vários estudiosos que se debruçaram sobre a questão da sociologia e seus desdobramentos na esfera pública afirmam que esse processo amplia a produção acadêmica sociológica. Sendo assim, formulada uma atmosfera interna, sem expandir ou abrir diálogo entre os membros não acadêmicos, vemos uma resistência que perdurou por muito tempo em disseminar a sociologia.

Uma primeira abertura efetiva só veio ocorrer quando a discussão da obrigatoriedade da sociologia no ensino médio torna-se calorosa e necessita de pensadores capazes de formular essa integração e construir um currículo com potencial de dar conta da inclusão do ensino de sociologia. Conforme essa necessidade surge, ocorre também uma redimensão do

que é sociologia e como pode ser discutida fora do ambiente acadêmico. As afirmações feitas por Carniel e Bueno (2018), nesse contexto, justificam porque a sociologia não se consolidou ainda como uma disciplina de destaque na educação pública e fica nessa corda bamba dentro da formulação dos currículos do ensino médio. Nada mais evidente que uma disciplina que sai da universidade e ocupa agora um lugar público antes não frequentado.

Um aspecto positivo, talvez o principal, nisto tudo, foi a ampliação da formação de profissionais na área, bem como sua atuação, fazendo com que houvesse uma transmissão da sociologia para vários segmentos sociais. Os referidos autores indicam que “tudo isso contribuiu para a circulação das ideias produzidas cuja abrangência não se imagina em outros períodos de sua história” (Carniel e Bueno, 2018, p. 676), ou seja, agora o acesso a divulgação e ampliação da sociologia começam a se consolidar:

Um exemplo emblemático desse processo foi a repercussão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015, principal avaliação para o ingresso no ensino superior do país. Com o tema “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, a redação daquele ano colocou em evidência categorias, debates e perspectivas usualmente ativados por pesquisas sociológicas sobre desigualdades de gênero e sexualidade, balançando a invisibilidade histórica dessas formas de violência na escola (CARNIEL e BUENO, 2018, p. 676).

Mesmo com todo avanço ainda estamos, enquanto disciplina de sociologia, distantes de uma massificação do conhecimento comparado a várias outras ciências. Nossos pontos estratégicos de divulgação ainda persistem limitados e em muitos casos ficam apenas condicionados a sala de aula. A sociologia ainda precisa se impor e ganhar espaço se situando e se apresentando como elo fundamental para compreender todos os aspectos da sociedade. Sua roupagem ainda não transfigura um caráter científico para aqueles que se baseiam e a transformam em senso comum. Segundo Carniel e Bueno (2018, p. 677) essa desassociação das ciências sociais como área atuante, que tem valor utilitário direto na vida das pessoas “[...] subtrai grande parte de seu potencial transformador da ordem social”, relegando a sociologia apenas a condição de estudo da sociedade, como se esta estivesse separada de tudo.

Partindo desse ponto, vários pensadores da sociologia começaram a discutir um verdadeiro conhecimento sociológico transformador, presente na sociedade enquanto

fenômeno público. As somas desses estudos contribuem, segundo Carniel e Bueno (2018, p. 677, 678), para:

Uma primeira noção de público refere-se ao engajamento da sociologia no diálogo com todos aqueles que se colocam como interlocutores externos ao campo científico. Esse diálogo constitui a prática de sociologia pública tradicional, aquela que se destina à exposição dos resultados e das reflexões da sociologia profissional a uma audiência não especializada e que geralmente se materializa na produção de livros, debates, entrevistas ou artigos direcionados ao público considerado pelo campo científico sociológico como leigo (CARNIEL e BUENO, 2018, pp. 677-678).

Com isso, além de exercer uma verdadeira influência na construção de teorias no âmbito social, a sociologia estará voltada para a compreensão da realidade social e o sujeito que estará evidenciando isso se sentirá representado com um sentimento de pertença. A aceitação e compreensão desse conhecimento terá uma aplicabilidade capaz de transformar a percepção desse sujeito. Todo esse processo não ocorrerá de maneira rápida, mas de forma gradual. Para que isso aconteça vários setores devem ser mobilizados desde a universidade, passando pela escola e atingindo o público em sala de aula. Dessa forma, o conhecimento sociológico será refletido em outros canais e na realidade direta de cada indivíduo. Claro que tudo que foi explicitado precisa de lucidez para não se banalizar o conhecimento sociológico e transformá-lo em senso comum como apontam os autores:

Assim, o trabalho de publicizar conhecimentos sociológicos, em seu ponto de vista, não se relacionaria apenas com a tradução e divulgação desses saberes. Ele também ofereceria elementos pertinentes para a formulação de novas explicações, ao mesmo tempo objetivas e engajadas, cosmopolitas e provincianas, acerca dos efeitos gerados pela radicalização dos processos de mercantilização e de regulação do social em uma escala planetária (CARNIEL e BUENO, 2018, p. 678).

Construir um sujeito autônomo capaz de interpretar sua realidade com suporte em teorias e conceitos sociológicos é possível desde que a sociologia, legitimadora dessa construção, seja oferecida desde o ensino médio.

2.2.2. Os alunos e o conhecimento sociológico

Continuando nossos estudos, compreendemos a importância de intercalar a percepção dos alunos sobre a disciplina de sociologia, já que estes são os principais sujeitos da pesquisa. Suas falas conseguem dar o escopo do estudo realizado, evidenciando como se dá a relação entre professor e disciplina, disciplina e sala de aula e disciplina e realidade externa.

Ao analisarmos um estudo realizado por Erlando da Silva Rêses (2016), com o objetivo descrito acima, observamos as principais carências teóricas e metodológicas de um grupo específico de escolas do Distrito Federal. Esse aporte servirá para ilustrar como ouvir os alunos se faz pertinente para melhorarmos nossa prática pedagógica cotidiana, principalmente com o manejo da disciplina de sociologia. Quando tivermos ciência de como somos vistos por nosso público a conquista e ganho de espaço será mais amplo.

Rêses (2016) vai desenvolver seu diagnóstico utilizando métodos de pesquisas convencionais que darão uma mostra sobre o que passa na mente dos estudantes sobre a sociologia. As escolas que foram avaliadas têm características próprias e seguem o padrão em relação à aplicação do currículo. Mesmo sobre um currículo comum, acaba sendo influenciado pela subjetividade dos alunos e professores.

Todavia é pertinente destacar que as mesmas estão dispostas em setores diferentes, com contextos sociais diferentes, o que amplia a perspectiva sobre as diferentes percepções. Parece-nos clara a necessidade de dar voz aos alunos. Estes demonstram o quanto podem ajudar a construir uma disciplina forte a partir do momento que compreende bem os anseios desses jovens. Logo no início do estudo Rêses (2016) expõe a dimensão de sua pesquisa:

O estudo das unidades de contextos (UCs) na classe 01 indica o discurso do aluno acerca do papel da escola e da Sociologia em sua formação e representa 60% do total do corpus. A análise de conteúdo no discurso dos alunos revela uma reflexão a respeito de sua vida escolar (RÊSES, 2016, p. 94).

Essa pequena amostra indica que quando associada a escola a sociologia aparece uma coadjuvante para a formação dos alunos. Estes se veem colocados dentro de ambiente que muitas vezes valoriza uma área de conhecimento em função de outra. Esta realidade se faz presente em quase todas as etapas do estudo e quando partimos para a realidade de outras escolas esse aspecto parece permanecer. A sociologia chega a se martirizar em busca de uma

colocação e reconhecimento. Muito além da sua permanência no currículo conseguir atingir seu alunado e ganhar aliados tem sido grande desafio para a sociologia.

Podemos notar isso ao vermos a percepção do aluno sobre o professor de sociologia. Este profissional que mesmo vindo com uma boa formação e bem preparado vai encontrar um público cada vez mais exigente, que “além da postura metodológica do professor, o aluno entende que a disciplina deveria se diferenciar das demais, por exemplo, considerar os vários pontos de vista e opiniões” (Rêses, 2016 p. 94), ou seja, são sujeitos que querem ser ouvidos e encontram esse canal nas aulas de sociologia.

Pontuamos aqui aquele delicado elemento sobre a perspectiva da sociologia em sala de aula: como tornar atrativa e dar sentido a fala do aluno sem perder seu caráter científico? Talvez esse seja o impasse que alguns professores encontram e de certo modo vai implicar em outros momentos do percurso do processo de ensino-aprendizagem. Este aspecto problemático se desdobra na fase de avaliação, mesmo este não sendo o principal elemento do estudo. A avaliação deverá ser considerada em relação ao que o aluno construiu a partir de suas interpretações dos conceitos e teorias e aplicabilidade da mesma sobre uma determinada realidade social. Neste ponto cria-se quase um dilema diante da objetividade da sociologia e a subjetividade do aluno que quer ser ouvido.

Percebemos como os alunos mencionados no estudo de Rêses (2016) veem como a aplicabilidade dos conteúdos de sociologia ampliam seus tentáculos a fim de atingir uma realidade bem próxima e complexa desses jovens. Expressamos aqui a visão do aluno sobre a aplicabilidade da sociologia: “Na visão do aluno, os conceitos da Sociologia são aplicáveis ao cotidiano, porque eles estão vinculados à atualidade da realidade social e ajudam compreender a sociedade moderna [...]”. (RÊSES, (2016), p. 102), mostrando efetivamente o uso da sociologia.

Nesse processo de aproximação com o aluno, a sociologia começa a ganhar uma importância para o mesmo. Em alguns relatos colhidos por Rêses (2016) há os que defendem uma inserção da sociologia desde os anos iniciais do ensino fundamental. Esta fase é explicada pelo autor como um ponto de reconhecimento da disciplina, pois segundo ele “há uma associação entre conquista de direitos e exercício da cidadania. Nesse caso, a participação popular, social e política ganham sentido no discurso do aluno” (RÊSES 2016, p. 107), trazendo um sentimento de validação daquele conhecimento sociológico produzido.

Esta validação se faz tão pertinente na vida escolar do estudante porque é nela que ele refletirá todos os problemas sociais que fazem parte do seu universo. O aluno começa a compreender que ele é um sujeito de transformação da realidade social, que o que ele discute em sala, na aula de sociologia, pode ser enxergado com as lentes do conhecimento sociológico no seu entorno, principalmente quando parte para sua realidade local: “Um momento crucial no âmbito da intervenção na realidade social se insere no contexto de percepção sobre a cidade, ainda que seja de pessimismo, quanto à possibilidade de mudança social em sua própria localidade [...]”. (Rêses, 2016, p. 108)

É a partir dessas aulas de desse contato com a realidade que o aluno começa a se sentir cidadão. Ele agora pode intervir socialmente no seu âmbito público ou privado. Sentir-se cidadão ou criar este sentimento está expresso como finalidade da sociologia nos Parâmetros Nacionais Curriculares, afirmando a fala dos alunos como exposto adiante:

Esse discurso do aluno está em consonância com o que foi propugnado como formação específica para o campo das ciências sociais nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O documento salienta que os conhecimentos dessas ciências são imprescindíveis para o desenvolvimento pleno do cidadão (RÊSES, 2016, p. 108).

O conhecimento científico advindo das Ciências Sociais e expresso dentro do ambiente escolar, após ser inserido enquanto disciplina de sociologia, agora está sendo debatida e levada para outros espaços públicos, ou seja, “[...] a Sociologia assume o papel de aplicabilidade na realidade social, de forma intervencionista” (Rêses, 2016, p. 108), fazendo perceber que ela parte da esfera macro, que é a universidade e vai se infiltrando em outras esferas micro. A sociologia agora faz parte da vida do aluno, da sua cidade, do seu bairro, da sua comunidade e da sua rua. Uma contradição ainda existente é que mesmo rompendo essas barreiras a sociologia sente-se presa dentro do espaço escolar. Este espaço que devia ser caracterizado por uma pluralidade de ideias, sentimentos e sujeitos compartimenta os pensares, rotula os jovens e tenta padronizá-los. Esse fato acontece, como mencionado em outras partes deste trabalho, por uma visão conteudista e preparatória para avaliações externas em que as escolas se sujeitam a produzir índices e passam a não suprir as necessidades de formação integral dos alunos. Esse problema é tão notório que os próprios alunos o apontam como empecilho do desenvolvimento da sociologia. De acordo com Rêses (2016):

[...] contexto escolar, dinâmica de funcionamento da escola, abordagem teórico-metodológica do professor, comparação entre escola pública e privada, da crítica à formação do aluno e a preocupação com o seu ingresso no ensino superior. Esta situação apresentou outro problema em relação ao ensino de sociologia. Nesse caso, o que prevalece é a posição que o ensino no âmbito da escola pública e ensino médio como deve ser tratado rumo ao ensino superior (RÊSES, 2016, p. 108).

Em quase toda parte do texto, Rêses (2016) mostra o clamor dos alunos por uma disciplina que lhes concedam espaço para construírem a si próprios enquanto indivíduos dotados de autonomia. Vemos que “os discursos dos sujeitos revelaram concepções acerca da liberdade individual e, conseqüentemente, situaram a relação existente entre indivíduo e sociedade” (2016, p. 114), relação que é construída diretamente pela sociologia. Além de se sentirem autônomos, individualmente, os alunos encontram na sociologia a ferramenta capaz de construir uma consciência coletiva. Essa, por sua vez, carrega a responsabilidade de fazê-lo refletir sobre os problemas sociais que envolvem grupos maiores e permeiam outras realidades. É nesta parte que irão compreender o conceito de socialização e de viver e transformar a sociedade. Rêses (2016) conclui a esse respeito que:

Os fenômenos que constituem a sociedade têm sua sede na coletividade e não em cada um dos seus membros. É nela que se deve buscar as explicações para os fatos sociais e não nas unidades que a compõem. Portanto, os fatos sociais são formados pelas representações coletivas, isto é, “como a sociedade vê a si mesma e ao mundo que a rodeia”, através de suas lendas, mitos, concepções religiosas, crenças morais, etc. (RÊSES, 2016 p. 115).

O aluno agora compreende seu lugar de fala e ocupação dentro dos mais diversos âmbitos e instituições sociais. O intermédio da sociologia é eficaz neste sentido, pois colocar o aluno como protagonista de sua vida e este se encontra dentro desses espaços ocupados. A importância desse momento ganha dimensões amplas pois:

Essa etapa considera que as representações sociais, além de exprimirem um consenso entre indivíduos, marcado por certas modulações ou oposições individuais, são também caracterizadas por ancoragens das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas (RÊSES, 2016, p. 117).

Ainda assim o aluno sente dificuldades de compreender várias temáticas dentro da sociologia. Esse problema que está ligado à absorção do que está sendo discutido através do senso comum, o que acaba contextualizando uma universalização de conceitos. Um exemplo trazido pelo autor refere-se à banalização do conceito de cidadania onde:

A palavra cidadania, muito mais que o seu conceito, faz parte da maioria dos discursos contemporâneos que circulam em torno da questão política, econômica e social. O uso ambíguo da palavra ‘cidadania’, na atualidade, demonstra a pouca clareza do termo. Fala-se em cidadania, muitas vezes, de forma adjetiva, ilustrativa ou, no máximo, prospectiva, como algo a ser alcançado. Mas como acontece com todas as noções amplas demais, a de cidadania acabou servindo para tudo, o que é o mesmo que não ter serventia alguma. Portanto, é algo que muito se fala e pouco se sabe (RÊSES, 2016, p. 118).

Dentro da sociologia, para muitos alunos, tudo parece ser resumido a questão do exercício ou não da cidadania. Isso indica que por diversas vezes falhamos ao tentarmos construir o conhecimento sociológico em um país com uma democracia jovem e cheia de lacunas provenientes do processo histórico de construção social baseado num pensamento colonial enraizado na sociedade. Isso refletirá dentro da escola da seguinte maneira: por conta de tradições ou um caráter extremamente conservador alguns temas serão sensíveis de serem trabalhados abertamente em sala de aula. Desta forma, o papel do professor será exteriorizado a outros sujeitos. Rêses (2016) exemplifica a partir da seguinte experiência:

Em uma das nossas visitas, para realização de um grupo focal em Santa Maria, pudemos observar que uma das atividades desenvolvidas pelo professor da disciplina, tinha relação com nosso encontro. Acontecia naquele momento um debate sobre homossexualidade, com a presença de palestrantes externos à escola. O evento estava sendo realizado no auditório e contava com a presença de alunos do ensino médio. Em conversa com o professor responsável por essa atividade, fomos informados que diferentes atividades estavam sendo realizadas pelos alunos, com o tema movimentos sociais (RÊSES, 2016, p. 123).

Este exemplo passa a impressão de que alguns temas não podem ser discutidos pelos professores de sociologia e só podem ser levados para a escola por agentes externos. Para

causar uma falsa impressão de neutralidade, se o evento mencionado acima fosse diretamente conduzido do princípio ao fim por este mesmo professor, este talvez sofresse sanções por parte da escola. Isto pode ser confirmado por conta do estereótipo criado por alguns setores da sociedade de que a sociologia e outras áreas das Ciências Humanas doutrinam os alunos dentro do espaço escolar.

2.2.3. Os professores e o conhecimento sociológico

A questão sobre ser professor/a no Brasil é amplamente discutida nos mais diversos espaços sociais e este questionamento passa a ser mais incisivo quando tratamos do ser professor/a na educação básica. Há vários elementos que permeiam essa discussão e hipóteses que são formuladas partir da realidade profissional dessa categoria que está envolvida por representações e construções sociais que só pode ser realmente compreendida se for analisada desde o processo de formação do profissional.

Quando entramos no universo dos estudantes que estão em formação da docência nos deparamos com as primeiras indagações sobre suas expectativas para a vida profissional, dentre elas se aqueles que estão nas licenciaturas pretendem atuar na área. Parece uma pergunta óbvia, mas passa a ser complexa quando voltamos o olhar sobre o que é ser professor na realidade brasileira. De acordo com Silva, Silva e Melo (2019):

Mas, a indagação é pertinente se considerarmos o atual estágio de desvalorização social e política da carreira docente, além do abandono da profissão, provocado pelas precárias condições de trabalho e salariais que envolvem o exercício do trabalho docente no Brasil e o crescente abandono de estudantes do Ensino Superior (SILVA, SILVA e MELO, 2019, p. 193).

Essas análises estão baseadas nos números relativos ao abandono e aos estudantes que não concluem os cursos de licenciatura. O problema expresso em números elevados precisa ser observados diante do que ele vem a representar no desenvolvimento do campo educacional. O desânimo traduzido em desistências reflete as “[...] reais condições de trabalho e de vida que terão seguindo a carreira docente” (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 194), que é pouco valorizada social e politicamente. A maior preocupação em relação a este quadro

consiste em saber como serão esses profissionais nas suas respectivas áreas de trabalho. Sabendo que serão formadores de opinião, levando conhecimento e esclarecendo dúvidas de jovens que estão na sua fase de escolha, é imprescindível que o profissional tenha uma formação exitosa. Vemos que a partir desta temática haverá a construção de um discurso desacreditado da educação, que de maneira intencional quer legitimar a falta de incentivos, sejam eles econômicos, estruturais e pedagógicos para a educação pública. Por diversas vezes vários setores da sociedade tentou reduzir a importância da educação básica, vemos assim que: “É constante no discurso oficial a afirmação de que as instituições de ensino público não têm alcançado os resultados esperados e necessários para corresponder às demandas econômicas, políticas e sociais da contemporaneidade” (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 196).

De certa maneira as limitações impostas aos professores para sua atuação não se condiciona a ser algo passageiro e que possa ser resolvido de maneira rápida. Há um projeto de educação que não dê acesso e nem ofereça perspectivas de mudanças a curto ou médio prazo. Se os problemas são apresentados desde a formação de um jovem professor, esses irão acompanhá-lo muitas vezes pelo resto de sua vida na docência. Em suma, será criado um efeito cascata sobre todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, o jovem licenciando, o professor formado e em atuação e os estudantes que recebem desse profissional formado as orientações para construção do conhecimento. Se há qualquer interferência nesses elos todo o resultado final pode estar comprometido. A partir daí vemos a necessidade de ouvir os sujeitos e colocá-los em evidência, saber quem são de onde vem e quais seus objetivos dentro do espaço escolar. Isso se faz necessário, pois “é possível verificar que as condições materiais para o trabalho docente são usualmente, um elemento silenciado no discurso oficial” (Silva; Silva e Melo, 2019, p. 197) que limita a atuação do profissional em sala de aula. A desconstrução desse espaço silenciado vai criar um ambiente aberto para compreender os problemas da escola. Por exemplo, vemos o problema da evasão escolar no ensino médio que pode ser associado aos seguintes fatores:

[...] a presença de professores sem formação apropriada para o trabalho pedagógico com as disciplinas clássicas, as precárias condições arquitetônicas dos prédios escolares e a insuficiência de material pedagógico, e formação adequada para os professores não são objetivamente debatidas (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 196).

Portanto, quanto mais conhecermos a realidade em que estamos inseridos, mais fácil será superar alguns obstáculos de percurso. A educação básica pede esta atenção e só é ouvida quando há interesses escusos que colocam de lado seu fundamento principal que é atender a todos de maneira satisfatória.

Quando partimos para a delimitação da educação em disciplinas escolares percebemos como esse tom silenciado se concentra em algumas áreas. A sociologia, que entra de maneira tardia no ambiente escolar, enquanto disciplina obrigatória, por exemplo, luta dia após dia para mudar a forma como é vista. Esta é uma tarefa com um alto grau de dificuldade, pois carregamos um espírito de uma educação com uma “[...] perspectiva tecnicista, no passado, era a necessidade de priorizar a formação de sujeitos para se engajarem no mercado de trabalho (Silva; Silva e Melo, 2019, p. 199)” sem refletir sobre seu espaço no mundo.

Considerando esse histórico, o professor terá que superar tanto uma docência desvalorizada e que não lhe oferece, por diversas vezes, as ferramentas e as condições de trabalho, como também desconstruir um modelo de educação voltada principalmente para a formação da massa trabalhadora. A sociologia que repousa em meio a esse turbilhão de problemas tem a difícil tarefa de dar sentido a si mesma para o profissional docente e para o aluno. Essa tríade deve ser construída a fim de que sua presença no currículo não seja um mero instrumento didático, mas sim uma disciplina com efetiva utilização. Voltando aos problemas estruturais da educação, vemos a precariedade do trabalho docente a partir da sua atuação profissional que culmina na sua contratação. Muitos profissionais recém-formados estarão se submetendo a uma forma de atuação que o distancia da sua valorização. Podemos compreender melhor a partir da fala dos autores:

[...] o trabalho temporário tem se caracterizado como a primeira forma de atuação profissional de muitos graduandos e graduados dos cursos de Licenciatura, pois na ausência de concurso público, ou de estágios remunerados, a contratação para o trabalho como professor temporário (monitor) corresponde a um meio (por vezes, o único) de assumir a profissão (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 200).

Essa realidade que permeia a vida de vários professores pode ser um condicionador da permanência ou da desistência do profissional dentro da educação. Vemos, na figura do

professor que trabalha sob um regime de contrato temporário um sujeito que exerce as mesmas funções de um professor efetivo, mas que está desamparado legalmente de alguns direitos. No que diz respeito a essa situação, esse professor ainda sofrerá sanções e até mesmo ficará distante das lutas coletivas, pois sendo associado a um contrato será coagido a seguir determinadas diretrizes para ter como moeda de troca a continuidade de seu contrato. Portanto, temos um jogo de cartas marcadas que em paralelo a uma política de diminuição de vagas em concursos públicos cria amarras em um grupo de professores que depende desses contratos temporários para se manterem dentro do campo educacional. Essas medidas de manutenção de contratos, que deveriam ter um tempo de duração menor possível e que fere a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (nº 9.394/96) em vários aspectos, podem ser configurados como uma maneira prática de contratação, onde:

O trabalho temporário como elemento estrutural do sistema público do ensino, pois, a cada ano, os contratos são renovados e, mesmo com a realização de concursos públicos, o quadro de professores efetivos não tem sido estruturado, isso porque o número de professores convocados é sempre menor que o necessário (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 201).

Esta perspectiva é preocupante, pois faz com que o professor se sujeite as mais diversas situações dentro da escola. Este, por necessidade, sempre vai estar à disposição da escola, muitas vezes apenas como agente reproduzidor das desigualdades dentro da escola.

A desvalorização do profissional passa a ser institucionalizada, mas sem ter um padrão que atenda os mínimos interesses da parte mais prejudicada que é o professor. Estamos tratando de um campo que desrespeita toda uma formação, as regulações através das leis e ainda nivela por baixo o trabalho do professor, ou seja, “A variação da forma de contratação dos professores e do salário ocorre porque os estados brasileiros têm autonomia para decidir as formas do contrato que será realizado como trabalhadores da educação”. (Silva; Silva e Melo, 2019, p. 204)

Mesmo com algumas conquistas dos professores ainda há muito que se construir, porque de tempos em tempos somos golpeados e se baixarmos a guarda perderemos os poucos direitos conquistados até aqui. Uma das poucas vitórias dos últimos anos é proveniente de:

Uma luta histórica entre instituições representativas dos docentes e os governos foi travada, na última década, para reduzir o impacto da disparidade das políticas locais (dos estados e municípios) sobre a categoria. Como consequência, em 2008, foi instituído o Piso Salarial Nacional, Lei nº 11.738 [...] (SILVA; SILVA e MELO, 2019, p. 204).

A Lei do Piso deveria garantir um valor mínimo a ser pago por estados e municípios e assim equiparar a relação entre os profissionais docentes. Embora isso ainda não seja uma realidade que contemple toda categoria já foi um avanço diante de vários retrocessos sofridos pela educação. É preciso fazer uma reflexão sobre este tipo de vínculo empregatício sendo ocupado pelo professor da disciplina de sociologia com todos os encargos que esta área traz consigo.

Ilustrando o que foi dito temos a seguinte proposição: imaginemos um professor construindo uma discussão que seja pertinente para a sociologia, mas que seja um tabu para a sociedade. Ao se inverterm os papéis da reflexão sociológica e aquela temática gerar, de alguma forma, um desconforto para a comunidade escolar, o professor será orientado a encerrar a discussão, podendo ter como instrumento punitivo o encerramento de seu contrato.

De certa forma percebemos como há toda uma engrenagem funcionando com o objetivo de manter o professor diante da criação de um quadro de desvalorização. Sendo assim vamos compreendendo como é difícil exercer a docência no nosso país. É ainda mais preocupante como esses aspectos, por muitas vezes, passam despercebidos ou são silenciados de maneira sutil. Os estudantes são os principais prejudicados, porque acabam produzindo reflexões sociológicas limitadas, incidindo diretamente na forma como percebem a realidade.

Na experiência cotidiana o professor vai perdendo seu espaço e o estímulo para manter-se ávido na produção de conhecimentos junto aos alunos. As conjunturas devem estar atreladas entre instituições capazes de garantir seu trabalho autônomo, condições mínimas de trabalho e valorização do professor.

3. MÉTODO E ETAPAS DO TRABALHO

Nas secções posteriores encontra-se todo o processo metodológico de construção da pesquisa, baseado nas técnicas e procedimentos indicados para dar conta do objeto e da problemática. O caminho percorrido mostra sujeitos, campo de pesquisa e a disciplina de sociologia situada no contexto escolar.

3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referencial teórico-metodológico em que esta pesquisa foi construída tem como base o materialismo histórico dialético. Este método desenvolvido a partir das ideias de Marx e Engels explica as transformações da sociedade sobre um aspecto total dos meios que a forma, como sua perspectiva histórica, social e política, ou seja, o homem e sua relação com a matéria que constitui a história.

O materialismo vai além da concepção de compreensão de mundo, ele passa a analisar alterações na estrutura disso que é posto enquanto realidade. Nesta perspectiva Bottomore (2013, p. 384) aponta que “[...] o materialismo histórico não é uma filosofia; parece melhor considerá-lo antes como uma teoria empírica (ou, talvez mais exatamente, como uma coleção de teses empíricas)”, pois ele coloca à prova as experiências reais vividas a partir do mundo material daquilo que pode ser vivido e sentido.

Ao analisarmos o cotidiano do aluno em sala, numa aula de Sociologia, nos deparamos com uma realidade produzida de maneira pronta e acabada que terá implicações na sua formação enquanto sujeito social. Deste modo ao observarmos este fato consideramos todos os elementos envolvidos para acharmos a resposta para o nosso problema, mesmo que de forma condicional, já que:

Devemos ter presente que o materialismo histórico não pretende explicar todos os mínimos detalhes da história. Dentro de sua perspectiva ampla, muitos acontecimentos históricos, e certamente as formas específicas por eles assumidas, são acidentais. Nem essa teoria busca explicar cientificamente o comportamento individual, embora procure situá-lo dentro de seus limites históricos (BOTTOMORE, 2012, p.388).

Desta maneira vamos construir as teorias com base na apreciação da realidade, porém partindo do fundamento da mudança e da contradição, assim como propôs o materialismo histórico, pois o conceito sozinho não se faz compreensível sem o fenômeno, como o fenômeno não pode ser analisado de maneira isolada.

Mesmo sem essa divisão em compartimentos, entre sujeito e ferramenta, o materialismo histórico preocupa-se com a junção e derivação da coisa em si, para além da observação, indo até a essência da manifestação do fenômeno. Assim, “A tarefa de apresentar o materialismo histórico como uma teoria empiricamente plausível, sem reduzi-la a uma série de truísmos, tem se mostrado uma tarefa formidável” (BOTTOMORE, 2013, p. 388), aparece como desafio ao analisar a alienação do aluno sobre a disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Para compreender melhor tudo que foi analisado dentro do campo de pesquisa sobre esta perspectiva marxista, vamos observar o que diz Karel Kosik (2011) em *A Dialética do concreto*. Neste livro, Kosik (2011) nos leva a compreender o mundo além da objetivação que nos é apresentado. O autor constroi um alicerce entre a produção do conhecimento e a análise dos elementos que formam esse conhecimento, o que resulta nas interações sociais.

Segundo Kosik (2011), a realidade deve ser pensada de maneira complexa, pois nossa percepção, muitas vezes naturalizada sobre as realidades sociais nos distancia do entendimento do mundo material, portanto, “[...] a realidade não se apresenta aos homens a primeira vista, sob um aspecto que de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente [...]” (KOSIK, 2011, p. 13), devemos nos aprofundar e depois submergir dentro da realidade.

A obra de Kosik (2011) também nos remete ao mundo da “*pseudoconcreticidade*”, conceito formulado para explicar a realidade vista sob um ângulo aguçado do fenômeno, que pode ser definido como:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com sua regularidade, imediatismo e evidencia, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural [...] (KOSIK, 2011, p. 15).

Kosik (2011) sustenta que diante das vivências e experiências do mundo imposto como real e natural não conseguimos uma compreensão total da realidade. Muitos fenômenos passam despercebidos, outros são incorporados e massificados de modo a ser reproduzidos sem nenhum tipo de investigação. Nesse ponto o autor indica a necessidade da união entre fenômeno, estrutura e experiência em si, designando assim de estado da “praxis fragmentária do indivíduo” (KOSIK, 2011, p. 14), teoria que explica as mudanças do homem através da história. Portanto:

Nesta *praxis* se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move “naturalmente” e com quem tem de tem de se avir na vida cotidiana (KOSIK, 2011, p. 15-16).

Este é o aspecto que foi considerado no momento em que fizemos as análises, pois só indo além do conceito para compreender melhor o objeto pesquisado. Assim, ao nos apropriarmos do estudo de todos os âmbitos que a educação está inserida, sejam eles econômico, social ou político, foi possível refletir diretamente sobre o contexto da sala de aula.

De acordo com Kosik (2011, p. 16), “compreender o fenômeno é atingir a essência” e, em meio à pseudoconcreticidade, o fenômeno precisa se exaurir de sentido, mostrando-se assim o mais próximo possível do real.

3.2. DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A dimensão do espaço escolar é um campo propício para a construção de teorias sociais, sendo uma das principais instituições sociais onde o processo de socialização aprofunda a formação do indivíduo enquanto ser social.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 26), “[...] por método podemos entender o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos”. Dessa forma, o método científico deve constituir-se como uma ferramenta essencial nas pesquisas. Neste ponto do trabalho apresentaremos os caminhos que esta

pesquisa percorreu, sendo escolhidos de maneira minuciosa para atender aos elementos que dão sentido ao objeto pesquisado e melhor utilizar os sujeitos envolvidos.

O nosso campo de pesquisa é a Escola de Referência em Ensino Médio Gil Rodrigues (EREM), como são denominadas as escolas estaduais de Pernambuco que fazem parte do Programa de Educação Integral (PEI)². Esta escola fica situada no município de Vertentes no Agreste Setentrional de Pernambuco. Alguns motivos levaram a escolha dessa escola, dentre elas, ser o ambiente profissional do pesquisador, o que nesse caso permitiu uma melhor interação com os sujeitos, o ambiente, o fenômeno pesquisado e a prática da observação e as peculiaridades que a envolve.

Essa escola em particular, além de receber alunos da zona rural e urbana da cidade, também tem entre os matriculados alunos de cidades vizinhas como Taquaritinga do Norte e Toritama, estas duas últimas compõem a cadeia produtiva do Polo Têxtil do agreste pernambucano e ambas possuem duas escolas estaduais, sendo uma em tempo integral e outra semi-integral. Esse cenário em que a escola figura caracterizou um ambiente interessante para o desenvolvimento do trabalho.

A pesquisa social exige certo cuidado ao explorar elementos de natureza humana. Assim, para que não haja um equívoco nas análises “[...] a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1985, p. 38). A partir do momento que a coleta de dados acontece não serão apenas somatórios de uma teoria, mas também parte de uma nova teoria sendo construída, a qual se constitui a partir da dinamicidade da ação humana, tanto por parte do pesquisador, quanto por parte dos sujeitos envolvidos no processo.

2 Programa criado a partir da LEI COMPLEMENTAR Nº 125, DE 10 DE JULHO DE 2008 que no seu Art. 1º Fica criado, no âmbito do Poder Executivo, o Programa de Educação Integral, que tem por objetivo o desenvolvimento de políticas direcionadas à melhoria da qualidade do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e à qualificação profissional dos estudantes da Rede Pública de Educação do Estado de Pernambuco. Parágrafo único. O Programa de Educação Integral será implantado e desenvolvido, em regime integral ou semi-integral, nas Escolas de Referência em Ensino Fundamental, nas Escolas de Referência em Ensino Médio e nas Escolas Técnicas Estaduais, da Rede Pública Estadual de Ensino. Disponível em <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=2&numero=125&complemento=0&ano=2008&tipo=&url=> acesso em 06/05/2020 23:24

Assim, a pesquisa procura analisar as relações entre os fenômenos ocorridos no campo de pesquisa e o objeto pesquisado. Nesse processo de pesquisa há uma necessidade do contato direto entre os sujeitos pesquisados e as técnicas de abordagem e levantamento de dados.

Por ser uma pesquisa dentro da área das Ciências Sociais a abordagem qualitativa dá os subsídios para que a mesma aconteça, pois possibilita “trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21), já que esta é a proposta ao partimos para a análise da alienação enquanto fenômeno dentro do ambiente escolar, mais precisamente nas aulas de Sociologia.

A pesquisa qualitativa permite uma maior liberdade ao pesquisador que mediará os conceitos dos teóricos com o que for descoberto no campo de pesquisa. Assim, veremos que: “[...] a análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearão a investigação” (GIL, 1999, p. 133). Avaliar e identificar quais dados serão realmente utilizados é uma tarefa árdua e exclusiva do pesquisador que se debruçando junto a teoria terá o aporte necessário para concluir sua investigação.

A importância do teor qualitativo também se mostra a partir do momento em que o pesquisador: “Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não podem ser traduzidos em números. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 26)

Nesta perspectiva, ao analisar os diferentes contextos que o sujeito está inserido podemos ver a relação entre o fenômeno pesquisado e a forma que ele interfere na vida do sujeito. Isso fica evidente ao fazermos o refinamento de dados sobre como acontece a alienação da sociologia pelos/as alunos/as do Ensino Médio.

Remetendo aos objetivos da pesquisa, esta se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois tem o propósito de proporcionar uma visão geral sobre o problema pesquisado a partir de um “[...] levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 27), algumas das características do nosso trabalho. O modelo exploratório condiciona ao estudo de caso da nossa escola que compõe um universo singular, e, a partir dela, conseguimos abrir um horizonte de pesquisas dentro de outras instituições com mesmo formato.

Os procedimentos técnicos escolhidos para alicerçar o trabalho envolvem a pesquisa bibliográfica que permite a interação entre conceitos e teorias com os fenômenos, objetos e sujeitos pesquisados. Este universo bibliográfico foi constituído de livros, artigos de periódicos, materiais disponibilizados através da internet, bem como documentos como leis, decretos, parâmetros entre outros.

Inicialmente o instrumento principal de levantamento de dados foi à entrevista semi-estruturada. Esta modalidade de pesquisa compreende uma forma dinâmica de entrevista, deixando o entrevistado livre para fazer suas declarações sobre o tema proposto, no nosso caso a ideia era que evidenciasse sua relação direta com a disciplina de Sociologia.

É este tipo de entrevista “[...] que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2012, p. 64), havendo uma dinâmica simples de interação com o tema. Essa fonte é uma forma de conseguir dados primários e secundários que podem estar ou não ligados ao objeto pesquisado e também envolve diretamente os sujeitos nos achados da pesquisa. Por envolver agentes sociais deve-se ter cuidado nas análises, pois os entrevistados podem ou não ser favoráveis com os objetivos da pesquisa.

Devido à suspensão das aulas por conta da pandemia da COVID-19, através do Artigo 6º do Decreto Estadual Nº 48.810, DE 16 de Março de 2020³, houve uma interrupção na coleta das entrevistas. Neste momento acrescentamos à pesquisa a coleta de dados através de questionários, que Gil (2008, p. 121) define como o: “[...]conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

A ferramenta utilizada para realização desses questionários foi o *e-mail*, por onde foram estabelecidos todos os contatos e o envio dos mesmos. O questionário mostrou-se um método bastante eficaz diante das necessidades da pesquisa.

Nosso questionário é constituído de onze questões abertas onde os sujeitos responderam de maneira livre e espontânea sobre o tema geral da pesquisa: a disciplina de

3 Art. 6º-A. Fica determinada, a partir do dia 18 de março de 2020, a suspensão do funcionamento das escolas, universidades e demais estabelecimentos de ensino, público ou privados, em todo o Estado de Pernambuco. Disponível em <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=49423&tipo=> Acesso em 03.05.2020

sociologia. Diante do que foi perguntado conseguimos extrair através de análises o necessário para a construção de evidências para sustentar nosso problema de pesquisa.

Ainda sobre as técnicas de coleta de dados apresentamos os sujeitos e as categorias observadas a partir deles. Participaram da pesquisa através de questionários vinte alunos do Ensino Médio, sendo dez alunos do segundo e dez alunos do terceiro anos, mediante entrevista semiestruturada mais quatro alunos do segundo ano, totalizando vinte e quatro, além de três professores, quantidade total, que ministram a disciplina de Sociologia na escola campo de pesquisa. Os alunos escolhidos se enquadraram em algumas categorias como gênero, morador da cidade ou do campo e idade.

O critério de escolha desses sujeitos se deu a partir de amostras não probabilísticas que foram levadas em conta em meio as observações em sala de aula e dentro do ambiente escolar. A princípio os alunos do primeiro ano do ensino médio também iriam participar como sujeitos da pesquisa, mas diante das circunstâncias e por ser recém-apresentados a disciplina de Sociologia talvez esse aspecto pudesse distorcer o resultado da pesquisa.

Outro método eficiente de coleta de dados utilizado no trabalho foi à observação, que se encaixa bem na pesquisa social. Este método compreende a observação da realidade mediante vários pontos de vista. A observação dispensa intermediários, pois dependendo do tipo utilizado (observação simples, participante ou sistemática) o pesquisador estará próximo e/ou junto aos sujeitos e objeto da pesquisa. Neste momento, a apropriação do método de observação simples foi o mais indicado, pois “[...] a observação simples é muito útil quando dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, ou que se situem estreitamente no âmbito de condutas privadas” (GIL, 2008, p. 102), como no caso desta produção.

Na pesquisa qualitativa a análise dos dados conta com o pressuposto de que nem todas as informações serão homogêneas, principalmente porque os sujeitos entrevistados podem estar em situações diferentes e, assim, geram opiniões diversas. Cabe ao pesquisador adentrar na experiência vivida pelo sujeito para interpretar suas formulações sobre o tema. O trabalho parece árduo, porém o pesquisador detém a base teórica para comparação e interpretação destes dados.

Dessa forma, a base teórica adotada para esta pesquisa nos subsidiará em todas as fases da pesquisa, garantindo o seu desenvolvimento. Vale ressaltar que o trabalho de

pesquisa não acontece de forma retilínea, porque é perpassado por diversos entraves e imprevistos, os quais, quando bem trabalhados, não comprometem o desenvolvimento da pesquisa, mas pelo contrário, contribuir ainda mais para a riqueza dos dados e para uma melhor articulação do processo de análise.

As análises podem ser feitas desde os primeiros contatos com os dados, pois “[...] não há fronteiras nítidas entre coleta das informações, início do processo de análise e a interpretação” (GOMES *apud* MINAYO, 2012, p.81). Os mesmos critérios serão estabelecidos para a observação, na qual os elementos observados passarão por uma profunda fase avaliativa de relevância para que apenas o necessário seja estabelecido.

4. ANÁLISE

Para se constituir a análise de dados é necessário conhecer a estrutura da escola campo. A escola faz parte do Programa de Educação Integral (PEI), que apenas se difere de uma escola de ensino regular no tempo de permanência do aluno dentro deste espaço. Esse modelo de educação implantado na rede pública de Pernambuco é alvo de diversas críticas de professores, sindicatos e diversos estudiosos da educação no estado, pois não garante a formação integral do sujeito, diferente do que era prometido no seu projeto inicial.

Em Pernambuco o PEI é regulado a partir da aplicação das avaliações em larga escala, o que distorce o sentido total da avaliação, do trabalho do professor e da produção do aluno. Esse modelo vai configurar as “políticas de caráter gerencial atreladas à educação, evidenciando sua presença na proposta de educação em tempo integral de Pernambuco” (Silva, 2018, p. 44), ou seja, a escola aparecerá com aspectos empresariais, com metas a cumprir, objetivos a serem atingidos sem levar em conta todo o processo de ensino-aprendizagem.

Esta perspectiva de educação reflete dentro do seu jogo de interesses, no trabalho do professor que por diversas vezes deixa seu conteúdo de lado, independente da disciplina, para trabalhar e discutir os escritores necessários para o preparo dos estudantes para as avaliações externas como Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE), como foi evidenciado por SILVA (2018):

Como exemplo, é trazido o excessivo treinamento dos estudantes das EREM para as avaliações pautadas no modelo de múltipla escolha (resposta ao item), o qual pode ser considerado uma fraude, pois o professor abre mão de trabalhar os conteúdos pertinentes à sua área de atuação para produzir, aplicar ou revisar com os estudantes, testes simulados das avaliações em larga escala (SILVA, p. 16).

Este ato por si só coloca em discussão o caráter alienante do modelo de educação produzido em Pernambuco, além do mais condiciona todos os sujeitos envolvidos a participarem como meros instrumentos utilizados pelo estado para construir o produto de seu interesse. Todo um processo de ensino-aprendizagem, todo um preparo, toda uma prática será reduzida a números que por diversas vezes não reflete o desempenho das escolas. Desta forma Silva (2018) salienta que:

Levando em consideração as relações de poder que perpassam a configuração destas políticas, as quais se delineiam como ferramentas de controle sobre o processo educativo, a partir da afinada relação existente entre seus objetivos e a avaliação, recaindo, principalmente, sobre o desenvolvimento do trabalho docente, dotando-o de um caráter alienado, subjugado aos ditames dos indicadores de desempenho (SILVA, 2018, p. 64).

Este fenômeno também terá reflexo na atividade produzida pelo aluno, que também passa a ser alienada. Esse efeito cascata que condiciona os principais envolvidos nessa teia de alienação é mantido para que a educação do estado de Pernambuco seja vista e apreciada por outras unidades federativas como uma das melhores do país. O resultado dessa prática é o seguinte:

O estado de Pernambuco, ao longo dos últimos 10 (dez) anos, vem ganhando significativo destaque no cenário das políticas públicas em educação, principalmente no que diz respeito ao nível médio. Esse destaque é proveniente, entre outros fatores que serão aqui tratados, da acentuada curva de ascensão que foi desencadeada na média do IDEB no nível de ensino em questão, fazendo, inclusive, com que fosse considerado como o “melhor ensino médio do Brasil”. É possível perceber os esforços desempenhados pela base governamental na direção de corroborar essa premissa a partir dos documentos de análise da realidade educacional que são lançados pela secretaria de educação (SILVA, 2018, p. 65).

Esta afirmativa pode ser comprovada a partir do exemplo do estado da Paraíba, que dez anos após a criação do PEI em Pernambuco adota esse modelo de educação e cria também um PEI a partir da Lei Estadual Nº 11.100, de 06 de abril de 2018⁴ regulando seu ensino integral sob este modelo.

Partindo deste ponto observemos como a disciplina de sociologia está presente na educação estadual de Pernambuco, utilizando os Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco (PEBEP) na sua versão mais recente do ano de 2013. Estes documentos estão divididos em dois exemplares: Parâmetros Curriculares de Filosofia e de Sociologia – Ensino Médio (2013a) e Parâmetros na sala de aula Sociologia - Ensino Médio (2013b)⁵ disponibilizados pela Secretaria de Educação e Esportes (SEE) de Pernambuco.

O primeiro documento em destaque traz a trajetória da sociologia e sua entrada enquanto disciplina no ensino médio. Logo em seguida começa a se pensar as atribuições da disciplina, o espaço ocupado por ela no currículo e sua relação com a escola. Desta forma é apontada a complexidade da sociologia na escola:

O pensar sociológico implica a apropriação das bases teórico-conceituais inerentes à própria Sociologia como ciência. Esse não é, pois, um processo natural e um tipo de pensamento que se desenvolve com base em temas abertos e sem intencionalidades claramente definidas. Assim, desenvolver esse tipo de pensamento implica a mediação didática de conceitos e teorias próprios da Sociologia, porque é no cerne dessa ciência que se encontram os instrumentos teórico-metodológicos para isso (PERNAMBUCO, 2013a, p. 43).

Vemos que há uma necessidade se traduzir o conhecimento produzido nas Ciências Sociais para a sala de aula. É a partir deste entendimento que o professor irá fazer o uso “do

4 Cria o Programa de Educação Integral, composto por Escolas Cidadãs Integrais – ECI, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas – ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas - ECIS e institui o Regime de Dedicação Docente Integral – RDDI e dá outras providências. Disponível em: <http://www.al.pb.leg.br/wp-content/uploads/2018/04/DPL-12.04.2018.pdf>, acesso em maio de 2020.

5 PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco. Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia – Ensino Médio. Juiz de Fora: Caed/UFFJF, 2013^a. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/fil_soc_parametros_em2013.pdf; PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco. Parâmetros na sala de aula Sociologia - Ensino Médio. Juiz de Fora: Caed/UFFJF, 2013b. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PSAdigital_SOCIOLOGIA_EM.pdf. Acesso em maio de 2020.

Ensino de Sociologia, tomando-o como espaço para o desenvolvimento dos conceitos e temas das Ciências Sociais como um todo” (PERNAMBUCO, 2013a, p. 43).

A própria disciplina defenderá a constituição de elementos capazes de fazer o aluno refletir sobre o conhecimento sociológico trazido para a sala de aula. A sociologia enquanto disciplina carrega o papel de ser capaz de levar o sujeito a um pensamento crítico, mas sabemos que essa não é uma função exclusiva dela. Porém, os Parâmetros Curriculares indicam que:

Nessa perspectiva, o pensamento crítico só pode formar-se, se houver as ferramentas teóricas que permitam perceber os fenômenos sociais criticamente. Está posta a interdependência entre o domínio teórico e a constituição de uma atitude crítico-reflexiva, especialmente no caso dos conhecimentos sociológico, antropológico e político nos quais o ser humano, sua cultura e sociedade, bem como seu contexto sócio-histórico-político são os principais objetos de conhecimento, fundamentais para a formação humana, em especial, para a constituição de uma humanidade desalienada (PERNAMBUCO, 2013a, p. 46).

Aqui percebemos como as Ciências Sociais podem adquirir diferentes formatos e se encaixar diante do condicionamento ideológico, histórico ou social, porém sem perder a perspectiva de ser um conhecimento combativo diante da alienação. A sociologia vai se permitir desenvolver esse aspecto, mas nem sempre terá espaço para colocar isso em prática.

No segundo documento, Parâmetros na sala de aula Sociologia - Ensino Médio (2013b) temos uma série de orientações sobre temáticas a serem discutidas, propostas metodológicas e descrições de processos avaliativos. Uma coisa que chama a atenção são as orientações sobre avaliação, as quais se contradizem em relação à forma como a disciplina deveria construir o conhecimento sociológico que no fim das contas só se converterá em uma nota de desempenho. Segue o exemplo sobre as perspectivas de avaliação:

Contudo, para uma avaliação geral da *atividade*, a partir da qual seja possível apreender a aprendizagem-desenvolvimento dos estudantes, desenvolvida como síntese do processo, são necessários momentos de sistematizações, que possam evidenciar as novas elaborações conceituais dos estudantes (PERNAMBUCO, 2013b, p. 21).

A avaliação é o processo que se encerra dentro da construção do conhecimento e deve ser o momento em que o professor deve ampliar sua visão sobre seu público, melhorando sua prática pedagógica. A sociologia não pode ficar condicionada apenas a avaliar os alunos a partir de uma visão conteudista, como é estimulado dentro do modelo de avaliação em larga escala.

Outro aspecto peculiar da sociologia dentro da rede estadual de Pernambuco é a ausência da criação de vagas para o exercício efetivo de professores formados na área. Esse fato pode ser comprovado ao verificarmos que o último edital contendo vagas para professores da disciplina de sociologia data do ano de 2008, através da Portaria Conjunta SAD/SEE nº 104, de 11/08/2008⁶.

Naquela oportunidade foram disponibilizadas 185 vagas para a disciplina de sociologia. Doze anos depois é possível compreender o déficit de profissionais atuando em seu campo de formação, principalmente porque este período coincide com a implantação do PEI.

É neste modelo de educação que a disciplina de Sociologia está inserida dentro da escola campo pesquisada. Trata-se de um ambiente que está a mais de uma década sem um profissional das Ciências Sociais ministrando as aulas de sociologia. Este aspecto vai contribuir diretamente para valorização da disciplina dentro da escola, pois na maior parte das vezes os professores não saem em defesa da disciplina, pois simplesmente não veem nela seu principal instrumento de trabalho.

Os alunos estão situados neste meio e fazem suas próprias interpretações sobre a disciplina, que por muitas vezes acontecem de maneira equivocada por não conseguirem ir além do que para a escola é uma simples disciplina. Pensando nesse sentido, observamos como todos os elementos citados, somados a outros comprovam como o conhecimento produzido pelo aluno torna-se alienado, conforme pode ser observado na análise dos dados coletados.

4.1. ANÁLISE DOS SUJEITOS PESQUISADOS

⁶ Portaria que permite a abertura do Concurso Público de Provas e de Títulos, para o preenchimento de cargos integrantes do Quadro Permanente de Pessoal do Sistema Público Estadual de Educação. Edital disponível em: http://www.upenet.com.br/concluido/2008/professor_II_estado_pe_08/arquivos/MANUAL%20DO%20CANDIDATO%20SEDUC.pdf. Acesso em maio de 2020.

4.1.1. Professores

A pesquisa tem, enquanto sujeitos secundários, os professores que ministram as aulas da disciplina de sociologia na escola campo. Utilizamos um questionário composto por 11 questões para conhecer o perfil desses docentes. Esses sujeitos compreendem dois professores e uma professora que serão identificados no texto como: Professor 1, Professor 2 e Professora 3, como pode ser descrito no quadro abaixo:

Quadro 1: Perfil dos professores

Nome	Formação Acadêmica	Tempo lecionando a disciplina de Sociologia	Tipo de Vínculo
Professor 1	História	13 anos	Efetivo (Ens. Integral)
Professor 2	História	3 anos	Efetivo (Ens. Integral)
Professora 3	Pedagogia	10 anos	Efetivo (Ens. Regular)

Fonte: Pesquisa de campo com aplicação de questionário.

O perfil apresentado dos professores comprova um aspecto mencionado no texto que diz respeito a falta de profissionais formados na área das Ciências Sociais. Todos os professores/as que lecionam a disciplina de sociologia tem formação distinta a ela, sendo dois com formação em licenciatura em História e uma com Licenciatura em Pedagogia. Estes professores/as possuem vínculos efetivos, sendo dois trabalhando no regime de dedicação exclusiva (por estarem lotados no PEI) e uma no regime regular. Estes pontos merecem ser destacados pois a partir desse formato de vínculo que haverá a distribuição das aulas.

O Professor 1 tem sua carga-horária distribuída entre as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, o Professor 2 tem a seguinte composição de carga- horária, Geografia e Sociologia e a Professora 3 ministra as disciplinas de Projeto de Vida, Arte e Sociologia. Em suas respostas ao questionário, quando perguntado o que a disciplina de sociologia representa para a escola, fica evidente que ela compreende apenas um complemento de carga-horária, como pode ser verificado na seguinte fala:

A escola geralmente não dá importância e o espaço que a sociologia deveria ter. Geralmente é complemento de carga horária e se entrega a disciplina à profissionais sem formação na área. (Professor 2).

Esta fala carrega um estigma muito grande sobre a sociologia, pois fica evidente que o trato que é dado à disciplina será absorvido pelo aluno do ensino médio. O professor fica condicionado a receber ou não aquela disciplina e às vezes a aceita em detrimento de outras. Não há um critério rigoroso sobre o processo de escolha, os que estão há mais tempo com a disciplina se identificaram com ela e deram continuidade ao exercício das aulas de sociologia.

Quando questionamos sobre o que a sociologia, enquanto disciplina, representa para eles as respostas divergem, mas uma fala chama a atenção porque diz que a sociologia é “uma forma de ver e reconhecer o mundo criticamente” (Professora 3), pois expressa um papel quase que exclusivo da disciplina para uma leitura crítica e profunda sobre os fatos, tirando essa função de outras áreas do conhecimento.

A prática pedagógica dos professores/as representa também um objeto que tem caráter imprescindível de análise, principalmente quando perguntamos sobre as formas de avaliação aplicadas por eles. Os procedimentos avaliativos são bem diversificados, mas sempre culminam na tradicional avaliação de zero a dez pontos. A composição das médias bimestrais, segundo um dos professores/as, se expressa da seguinte forma: “através de atividades escritas, produções textuais, conversas debates e apresentações em grupos” (Professora 3), o que condiciona os alunos a estudarem para a obtenção meramente representativa da nota.

A menção sobre a avaliação nos parece ainda mais pertinente quando perguntamos se a quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões, pois diante da realidade de uma escola que funciona no regime em tempo integral, com um total de 45 (quarenta e cinco) horas/aula semanais, o professor só dispõe de 1 (uma) única aula de sociologia. Neste item as respostas foram unânimes em dizer que esse tempo é insuficiente para o objetivo da disciplina, sendo mais bem expresso da seguinte forma: “infelizmente apenas uma aula por semana é insuficiente para um maior aproveitamento” (Professor 1), sendo esta realidade presente em toda a rede estadual.

Há também uma grande preocupação sobre o entendimento das temáticas trabalhadas pelos alunos a partir da visão dos professores/as. Para compreender este fenômeno duas

questões foram formuladas: Os/as alunos/as conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Os/as alunos/as conseguem fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento? Segundo os professores, na maior parte das vezes isso acontece, mas com ressalvas, pois alguns alunos apresentam dificuldades para compreender e que é explicitado:

Alguns sim, pois por ser uma disciplina que se fala diretamente de nossa convivência social chama a atenção dos alunos. Outros não, pois não foram formados a expressar suas opiniões (Professora 3).

Vemos que os professores descrevem várias dificuldades diante da disciplina de sociologia, seja por ser um espaço dentro do currículo como também sua representatividade no espaço escolar. A defesa da permanência do Ensino de sociologia na educação básica perpassa por este aspecto de busca de sentido para o aluno. Vale mencionar aqui que algumas disciplinas perderam espaço no currículo do ensino médio em Pernambuco, mesmo antes da aprovação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017. Este fato faz menção as disciplinas de Direitos Humanos e Língua Estrangeira- Espanhol que foram silenciadas e excluídas postulando pouca ou quase nenhuma resistência ou defesa quando isto se consolidou.

Diante desse quadro fica um sentido de alerta sobre a disciplina de sociologia e seu futuro na rede estadual de ensino. Não há nenhuma garantia de permanência da mesma, nem tão pouco algo que a legitime, pois até o quadro profissional é insuficiente para ministrar as aulas, daí vem a necessidade de explorar o tema junto aos alunos e os conscientizar da importância da sociologia dentro do ensino médio. Essa é a proposta ao se evidenciar a alienação que envolve a produção em sala de aula hoje.

A voz do professor de sociologia parece continuar silenciada na realidade pesquisada, inserido no modelo de educação em Pernambuco. Assim, como a própria disciplina de sociologia, ela só compreende, no universo de importância, uma disciplina que será contemplada com algumas questões dentro dos poucos vestibulares tradicionais existentes e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Aliás, o ENEM nos últimos anos colocou temas vivenciados a partir das abordagens sociológicas nas suas propostas de tema de redação, mas isso ainda representa o mínimo da representatividade das outras áreas.

Os professores/as pesquisados/as também apontaram caminhos para que a disciplina melhorasse. Esta visão de melhoria seria em relação a percepção do público, das aulas e da escola. Tivemos os seguintes relatos:

Livros mais direcionados nos aspectos das ações sociais. Os oferecidos pelo governo são cansativos para o pouco espaço que a sociologia tem no currículo (Professor 1).

Seria preciso, em primeiro, lugar, que a disciplina fosse trabalhada por profissionais da área. Também é imprescindível a ampliação da carga horária; uma aula apenas não é suficiente para se promover as discussões que a disciplina sugere (Professor 2).

Mais aulas semanais e uma revisão nos conteúdos programados para a disciplina por turma. E ainda livros didáticos com uma linguagem acessível para os alunos (Professor 3).

Vejamos que as falas são um pouco desconexas em relação aos temas livro didático e aos conteúdos trabalhados. Sabemos que o processo de escolha do livro didático, por exemplo, passa diretamente pelo o crivo do professor/a através, que através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Depois o professor recebe os exemplares aprovados pelo Ministério da Educação (MEC). O exemplar utilizado na escola atualmente é *Sociologia para jovens do século XXI* (2016) que foi aprovado no PNLD (2018) e escolhido em consenso pelos próprios professores. Em relação aos conteúdos, os temas propostos são desenvolvidos pelo a SEE-PE e seu corpo técnico, chegando pronto até o professor que pode adequá-lo à sua realidade. Novamente percebemos duas coisas pertinentes à pesquisa: a formação acadêmica implica diretamente em fatores fundamentais para que as aulas sejam proveitosas e a questão tempo e quantidade de aulas são insuficientes.

4.1.2. Alunos

A pesquisa tem, enquanto sujeitos primários, os alunos da disciplina de sociologia de turmas de segundos e terceiros anos da escola campo. Também utilizamos um questionário composto por 11 questões para conhecer o perfil dos alunos. Os questionários foram distribuídos para dez alunos do segundo ano e dez do terceiros ano, que durante o texto serão identificados como estudantes e enumerados de 1 ao 20. Estes alunos foram distribuídos em

algumas categorias, mostrando uma heterogeneidade dos sujeitos. Ao diagnosticarmos os sujeitos podemos analisar suas falas e construir as discussões necessárias para explicar nosso objeto de pesquisa. A tabela abaixo mostra o perfil dos alunos:

Tabela 1: Perfil dos Alunos

Variável	Quantidade	Porcentagem
SEXO		
Masculino	9	45%
Feminino	11	55%
CIDADE		
Vertentes	14	70%
Toritama	4	20%
Taquaritinga do Norte	2	10%
LOCAL DE MORADIA		
Zona Rural	4	20%
Zona Urbana	16	80%
IDADE		
15 anos	4	20%
16 anos	11	55%
17 anos	5	25%

Fonte: Pesquisa de campo com aplicação de questionário.

Nesta fase da pesquisa os alunos estiveram participando como sujeitos primários, tendo voz ativa sobre a disciplina de sociologia. O teor das questões respondidas está diretamente ligado ao universo da sociologia em sala de aula e seu espaço dentro da escola. Para realizar a análise da percepção dos alunos sobre a disciplina de sociologia foi necessário se aprofundar na fala dos mesmos e ter a sensibilidade para compreender o que foi transmitido nelas. A princípio todos responderam as questões de maneira espontânea destacando seu conhecimento sobre o tema.

Após ser feita uma breve apresentação da proposta e fins da pesquisa foi disponibilizado o questionário para que o aluno/a respondesse e assim contribuísse para a pesquisa. Com intuito de saber como era a percepção dos mesmos sobre a disciplina de sociologia formulamos a seguinte questão: O que a disciplina de sociologia representa para você? Desta questão recebemos as mais variadas respostas, desde algumas que direcionavam para a definição de sociologia, até outras que envolviam outras áreas de conhecimento. Analisamos que a maior parte dos alunos/as entendem ser uma área que ajuda a entender melhor a sociedade, que traz clareza sobre a convivência social e o comportamento humano. Em contrapartida alguns não conseguiram expressar seu entendimento sobre o que a disciplina representava para eles. Separamos algumas dessas falas que indicam os dois casos citados acima:

Nos mostra os acontecimentos com mais clareza, o seu estudo se dá por meio da englobação, dando assim um grande significado de ser uma ciência para o entendimento da história da humanidade (Estudante 1). Uma forma melhor de planejarmos a vida (Estudante 14).

Representa o estudo das sociedades através do tempo, a moral e a ética dos indivíduos no tempo hodierno e explicação para as diversas relações do homem (Estudante 5).

Muitas coisas, como saber como conviver com as pessoas na sociedade (Estudante 7).

Uma ciência ideal para explicar os fenômenos que ocorrem dentro da sociedade em seu contexto histórico e cotidiano (Estudante 18). Apenas uma matéria escolar (Estudante 19).

Logo de início percebemos como a maior parte dos alunos/as não têm uma relação de aproximação com a disciplina de sociologia a ponto de definir o real sentido dela para a construção do seu conhecimento, destacando o valor dessa área em detrimento de outras. A sociologia neste caso passa a mostrar que há um distanciamento entre seu sentido e sua representação para o aluno, essa característica envolve vários fatores apontados dentro dessa pesquisa.

Assim como foi perguntado aos professores sobre a dimensão da representação da sociologia dentro da instituição escolar, perguntamos aos alunos/as o que ela representa para a escola. Neste momento tivemos uma grande surpresa em relação às respostas, pois muitos expressaram de maneira objetiva o que também foi evidenciado pelos professores, houve

também os que dimensionaram sua afirmativa anterior para além da sala de aula, apenas ampliando o espaço, vejamos alguns exemplos:

- Uma disciplina que deve ser abordada para a formação de cidadãos com moral, ética e empatia (Estudante 5).
- Representa uma oportunidade muito boa e interessante para que os alunos conheçam e se aprofundem nesta ciência que visa estudar e compreender a sociedade (Estudante 6).
- Só mais uma matéria (Estudante 7).
- Por parte da direção da escola é uma disciplina fundamental. Da parte dos alunos não é vista com bons olhos (Estudante 9).
- Uma disciplina obrigatória na grade curricular (Estudante 13).
- Uma disciplina até que indispensável (Estudante 14).
- Não tem muito valor, sendo às vezes não levada a sério (Estudante 15).
- Apenas uma matéria escolar (Estudante 19).
- Representa a compreensão da relação entre escola e aluno e a formação dos processos de ensino e aprendizagem (Estudante 20).

Com estes relatos percebemos como a disciplina de sociologia inserida dentro da escola é vista pelos/as alunos/as. Considerando as falas, fica perceptível que o trato da disciplina pela escola reflete na interação da mesma com os alunos, impactando no sentido e valorização da sociologia. A participação dos/as alunos/as expande as nossas hipóteses sobre todo o processo de alienação da sociologia, pois a partir dela ficamos próximo da realidade com a qual eles estão cotidianamente interagindo.

Com isso vamos acrescentando os elementos necessários para ampliar ainda mais nossos estudos, sendo imprescindível saber se os alunos conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de sociologia. Esta indagação parece simples, mas ao longo da análise das respostas nota-se que os/as alunos/as tornam essa dimensão do questionário complexa, principalmente diante de algumas respostas. Os/as alunos/as demonstram que estão, até certo ponto, fora de sintonia com os conteúdos e outra parcela segue o enredo da fala dos professores quanto à complexidade dos temas.

Se o público não consegue compreender bem o que está sendo apresentado não temos uma processo de ensino-aprendizagem completo. A concepção de construção de conhecimento passa a ser questionada e temos um agravante quando tratamos diretamente da sociologia escolar. O conhecimento sociológico está diante de uma barreira que deve ser

superada e é neste sentido que as falas sobre os aspectos da compreensão das temáticas são pertinentes. As principais interações neste sentido foram as seguintes:

- Sim, pelo fato de se tratar de um assunto inevitável de se falar, pois convivo em uma sociedade, os assuntos (questões) abordados pela sociologia estão presentes no dia a dia de milhares de pessoas e isso faz com que elas involuntariamente acabem discutindo sobre esses assuntos, tendo assim uma certa naturalidade de se pronunciar sobre o assunto que é a sociedade (Estudante 2).
- Intermediário. Mesmo tratando-se de coisas de fácil assimilação, pois estuda a sociedade, muitas vezes acabamos adentrando em um assunto de grande complexidade no qual precisamos debater e analisar vários fatores para uma melhor construção de conclusões. O que acaba tornando muitas vezes o estudo de algum assunto algo difícil (Estudante 4).
- Sim, apesar de alguns conteúdos serem um pouco complexos, são sim de fácil compreensão. Associo isso ao meu interesse pela disciplina (Estudante 6).
- Sim, os assuntos abordados são mais da atualidade e fáceis de entender os que não são é só dá uma pesquisada em histórias passadas que também dá para entender (Estudante 11).

Este quadro nos mostra que mesmo diante dos esforços para tornar os conteúdos mais didáticos, muitos alunos/as apresentam dificuldades para assimilar o conhecimento sociológico. Diante desta situação a disciplina de sociologia permeia o campo do desinteresse e em vários casos provoca o distanciamento dos alunos/as com a mesma.

Assim como foi questionado aos professores sobre como ocorria o processo avaliativo, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de explicar sobre esse tema tão importante. A avaliação se apresenta para os alunos/as como um método tradicional de medida de conhecimento e passar a ser institucionalizado através da divisão em três etapas: uma atividade flexível (seminário, debate, produção textual, etc.) com o valor de quatro pontos (4,0). Outra atividade caracterizada como um teste semanal (com questões abertas e/ou fechadas chamadas pelos alunos de “ats”) com o valor de seis pontos (6,0) somada a uma avaliação bimestral com o peso equivalente a dez pontos (10,0). A soma dessas atividades é dividida por dois e resultarão na média bimestral do/a aluno/a, vemos um processo quase que mecânico, sem muita abertura para inovações. Os relatos direcionam para isto:

- Estudamos um determinado assunto e depois somos cobrados um teste de avaliação de 0 a 10 (Estudante 1).
- Os professores passam os assuntos ao decorrer do bimestre, e quando chega a data prevista eles aplicam um teste de 0 a 10 pontos pra avaliarem o desenvolvimento do aluno (Estudante 2).
- Da forma convencional. Estudamos sobre um determinado assunto e posteriormente é nos cobrado a resolução de um teste que nos avaliará de 0 até 10. Também apresentamos trabalhos e há a discussão sobre o estudo abordado (Estudante 4).
- Através de provas e da participação do aluno em sala de aula, de acordo com o empenho do estudante ele recebe suas avaliações pelo professor (Estudante 6).
- O professor nos avalia de acordo com a nossa participação dentro de sala de aula, pelas nossas atividades e por meio de provas (Estudante 8).
- Por “Ats” e provas bimestrais, que são essenciais para o autoconhecimento (Estudante 12).
- Prova padrão (Estudante 13).
- Com provas normais (Estudante 14).
- Após o conteúdo passado durante o bimestre, além de um teste uma prova para realmente fixar o que foi aprendido (Estudante 15).
- Depois do conteúdo abordado, seguimos com o método de provas e “Ats” valendo pontos que é realizado em ambas as matérias durante todos os semestres (Estudante 18).
- Por meio de “Ats” e avaliações referentes a textos (Estudante 19).

Após a formalização da avaliação o conhecimento do/a aluno/a é condicionado e transformado em números sendo que para muitos o que foi produzido torna-se descartável. A nossa preocupação incide sobre como esses jovens levarão este aprendizado para suas vidas muito além das avaliações, da sala de aula e da escola. Diante do cenário pesquisado, que repercute em outras realidades, a reflexão acerca da alienação da disciplina fica exposta como um dos princípios para construir estratégias que garantam a permanência da sociologia no ensino médio.

Continuando nossa análise verificamos até que ponto os/as aluno/as conseguem fazer relações entre a disciplina e os acontecimentos da sociedade. Essa percepção contribui mostrando a capacidade de formular respostas diante dos problemas sociais apresentados no ambiente onde o/a aluno/a está inserido/a. Se ele se reconhece como sujeito social terá grande capacidade de interferir nessa sociedade. A questão formulada foi: Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Para ela

obtivemos algumas respostas que mostram como alguns/mas alunos/as conseguem associar o aprendizado das aulas em questões práticas da vida cotidiana e outros não:

- Sim. Quando falamos do Brasil, a primeira coisa que lembramos é a liberdade do povo, o que não era possível durante a ditadura (Estudante 1).
- Sim. Quando vemos o contexto do Brasil, vemos um povo que sempre quer ter a liberdade de expressão e autonomia, o que não era viável durante o período de 21 anos que o Brasil viveu uma ditadura militar (1964-1985). No contexto do século XXI, a maioria dos brasileiros abomina qualquer incitação à ditadura de maneira positiva. Essa rejeição também pode ser vista em diferentes localidades do mundo. Na Alemanha, o nazismo foi um movimento forte no século anterior, no qual uma grande parcela dos alemães se julgavam superiores por meio da segregação com a teoria fatídica da raça ariana. Hoje, os alemães rejeitam qualquer alusão positiva do nazismo, como também é visto no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, há também o impasse da KKK (Ku Klux Klan) que ainda existe nos dias atuais, mas felizmente, por causa da evolução dos direitos dos negros e a luta do próprios por respeito e dignidade, não tem a mesma força que possuíam no passado. A KKK era uma organização criminoso que atentava a vida de pessoas negras das formas mais covardes possíveis e que agora é criticada por diversas pessoas (Estudante 4).
- A sociologia de fato é a explicação para as relações do homem. Encontro relações sociológicas nas minhas relações interpessoais e fora delas também, como na política e na sociedade em que vivo (Estudante 5).
- Sim, exemplo a violência, que na disciplina de sociologia estudamos como ela começou, porque ela acontece, e o que podemos fazer para reduzi-la (Estudante 8).
- Sim, tudo que envolve a sociedade, envolve a sociologia, exemplo: O novo Covid-19, ele afetou todos os grupos sociais (Estudante 12).
- Sim, o fato de existir cada vez mais pessoas depressivas, já que isso é um fator social, cabe à sociologia junto a psicologia social, de modo que se chegue a uma análise concreta sobre esta problemática (Estudante 15).
- Não faço nenhuma relação entre as duas coisas (Estudante 19).

Se há uma aplicabilidade do conhecimento construído nas aulas de sociologia, uma parcela de alunos/as começa a se interessar pelas discussões. Porém, ainda são constantes as dificuldades apresentadas pelos/as professores/as para conquistar seu público, como também há resistência por parte deles se apoiando na complexidade de conceitos e teorias que alegam ser “chatas”.

Quando falamos sobre o tempo e quantidade de aulas de sociologia ofertadas dentro do currículo estamos dispostos a conhecer o público pesquisado a partir de seu entendimento do que seria o método ideal para construir debates e discussões sociológicas. Como vimos os professores formularam em seus discursos a necessidade de mais tempo, condicionando um aumento de aulas na grade curricular. A maior parte dos alunos concorda com essa afirmativa. Segue o pensamento dos/as alunos/as sobre a durabilidade das aulas:

- Às vezes não. Tem muitos assuntos que são difíceis de serem explicados e abordados em sala de aula e acabam sendo debatidos em outras aulas (Estudante 1).
- Geralmente não. Muitos assuntos são difíceis de serem abordados, fazendo com que acabem sendo debatidos em várias aulas que poderiam ser utilizadas pra outras discussões (Estudante 4).
- Não, não são suficientes. Para a formação de cidadãos com moral e ética fortificada, precisamos de mais aulas de sociologia, já que essa é uma ciência imprescindível para a formação do jovem (Estudante 5).
- Sim, mas acho necessário mais tempo de aula da disciplina, pois é uma disciplina que tem grande valor para sociedade (Estudante 8).
- A quantidade de aula e o tempo dela são suficientes (Estudante 10).
- No meu ponto de vista se todos colaboraram é mais que suficiente (Estudante 14).
- Infelizmente não, mesmo a escola fazendo parte do sistema integral, sociologia só possui uma aula na grade curricular, o que na maioria das vezes, acaba sendo pouco tempo de aula (Estudante 20).

É importante destacar também que muitos alunos entendem que uma aula semanal de cinquenta minutos é suficiente para construir os debates e discussões. Vale lembrar que durante a fase de observação e contato inicial com os sujeitos, alguns não tinham conhecimento sobre a quantidade exata de aulas, defendendo que eram duas aulas semanais, o que causou espanto diante da falta de informação dos mesmos.

Sabendo da associação da disciplina de sociologia com outras disciplinas da área da Ciências Humanas vemos que é imprescindível que o/a professor/a não utilize do caminho da transdisciplinaridade. Propomos uma questão para ver se isso realmente acontece e se o aluno/a consegue identificar o uso desse recurso na aula. Sobre a associação da disciplina de sociologia com outras disciplinas pelos/as professores/as obtivemos as seguintes respostas:

- Sim. Todos os professores que já passaram por mim na disciplina de sociologia possuíam também o domínio em outras áreas das ciências humanas, o que facilita alusões (Estudante 4).
- Sim, o professor consegue realizar pontes não só com a atualidade, mas também com outras áreas, como a ética e a filosofia moderna (Estudante 5).
- Sim, ele sempre relaciona a sociologia com conhecimentos geográficos e históricos (Estudante 8).
- Eu acho que consegue, mas não faz (Estudante 9).
- Sim, com o envolvimento de História e Filosofia muitas vezes (Estudante 12).

O professor precisa se apropriar bem das temáticas a fim de formular aulas dinâmicas, sendo seu público um grupo exigente que geralmente busca por novidades. Assim, a tarefa de construir sociologia na sala ganha uma conotação de dificuldades tanto para o/a aluno/a quanto para o/a professor/a. Neste instante começa a preocupação sobre a postulação da defesa da disciplina por estes sujeitos. Por exemplo, os/as alunos/as quando perguntados se a permanência ou retirada da disciplina de sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação responderam que:

- Sim. Ela muito importante para nós alunos e ela propõe um entendimento de várias indagações. Além de trabalhar com ética e moral, ajuda a discutir problemas de economia (Estudante 1).
- Sim. Não só porque tem muito a ver com a área que quero cursar no futuro, mas porque é importante para mim como cidadão. Sempre questionamos a capacidade das matérias de filosofia e sociologia sem lembrarmos que elas como todas as outras disciplinas estão ligadas. A geografia e história precisam muito das outras duas ciências humanas, pois elas proporcionam um melhor entendimento de várias indagações. Além das duas trabalharem com moral e ética que são essenciais para qualquer profissional e as duas são usadas para discutir os problemas socioeconômicos, não que a filosofia interfira também, mas de maneira mais sigilosa, pois é por meio da sociologia que será debatido uma solução viável para os problemas. Nunca questionamos a importância da química e física por serem disciplinas que parecem estar mais distantes de nós, entretanto quando nos é demonstrado sua importância, simplesmente nos silenciemos por darmos noção de tamanha ignorância que tínhamos sobre as disciplinas (Estudante 4).
- Faria, já que a Sociologia é importante para a formação dos jovens, já que é através dela que aprendemos sobre o homem e as suas relações e a ética em sociedade (Estudante 5).

- Haveria sim, uma grande diferença. A sociologia abriu e vem abrindo cada vez mais minha mente, compreendo inúmeras coisas a partir dos primeiros contatos com a disciplina (Estudante 6).
- Com certeza. Na sociologia a convivência humana e suas construções, desconstruindo conceitos criados pela sociedade, esse estudo faz com que nós estudantes, possamos ver os “erros” na atual sociedade e mais para frente podemos construir uma sociedade “melhor”, sem tantos preconceitos e tabus. Sem a sociologia na grade curricular, muitos jovens nem iriam ter a curiosidade para estudar sobre nossa sociedade, fazendo com que “erros” da atual sociedade continuem acontecendo em gerações futuras (Estudante 8).
- Sim, sem seu conhecimento básico não saberia distinguir onde uma ciência social está presente em meu cotidiano, nem como ela influencia no contexto histórico (Estudante 18).
- Não, pois não tenho interesse nessa área (Estudante 19).
- Faria. Se a disciplina Sociologia for retirada da grade curricular, muitos alunos não compreenderão a importância de seus comportamentos e relações com outras pessoas e com o meio que vive (Estudante 20).

Destacamos estas falas, porque mesclam uma necessidade de permanência da disciplina de sociologia no ensino médio com uma carência de um discurso firme de defesa dela no currículo. A falta de engajamento de alguns/mas alunos/as podem ser mais bem entendidas conforme compreendemos o contexto em que ela está inserida. Para tanto, buscamos verificar o que atrai e chama a atenção dos sujeitos nas aulas de sociologia, pois partindo desse aspecto é possível mapear estratégias para melhorar o convívio com a disciplina. Vejamos o que foi postulado:

- O modo como a sociedade é estudada, os experimentos sociais, mas principalmente saber como a sociedade funciona (ou deveria funcionar). (Estudante 1).
- Os fatos abordados pelos professores sobre as relações dos indivíduos através do tempo e as diversas teorias de sociólogos que explicam diversas situações hodiernas e suas possíveis causas (Estudante 5).
- A dinâmica da disciplina, as relações do trabalho, os sistemas em que as sociedades estão dispostas, são exemplos. Associe também a uma imensão e particular vontade de aprender mais a respeito da disciplina (Estudante 6).
- O que me chama mais atenção é a matéria em si, porque ela aborda temas do nosso cotidiano, e nos faz refletir sobre o que é a sociedade, qual o nosso papel e qual o nosso lugar nela (Estudante 8).
- Os métodos usados para abordar um tema, suas relações com o cotidiano e a maneira que conseguimos discutir um assunto (Estudante 20).

Por último, fazendo uma ponte com as proposições anteriores, construímos uma questão que permite um canal de sugestões sobre a disciplina de sociologia. Alguns/as aluno/as enxergam que há necessidade de mudanças e sugerem ações que, no entender deles, transformariam o contato com a disciplina, outros apenas concordam com tudo que está sendo proposto. Alguns exemplos podem ser percebidos nas falas a seguir:

- Aulas práticas, pesquisas em campo com pessoas reais não só nos livros (Estudante1).
- Ter mais oportunidades de mostrar para os jovens que a sociologia é uma matéria de vários conhecimentos (Estudante 2).
- Melhorar a didática no sentido de inserir o aluno na aula e também melhorar a interação dos alunos com a disciplina (Estudante 3).
- Mais professores formados na área, mais aulas e mais relações de como o jovem pode aplicar a sociologia na sua vida enquanto estiver na escola e quando sair dela (Estudante 4).
- Ela é boa assim mesmo mais é porque eu não vejo ela como uma disciplina, por isso (Estudante 7).
- Ser mais moldável para cada aluno (Estudante 9).
- Não sugiro nada, pois só há um problema que são os alunos desinteressados (Estudante 10).
- Acho que deveria ser uma aula onde houvesse prática, não só a avaliação de textos chatos, mas sim um vínculo e nutre professor é aluno que permitisse um debate simples, a formação de grupos para entender costumes e comportamentos diferentes (Estudante 13).
- A disciplina de sociologia é ótima do jeito que é. É claro, tudo precisa de mudanças positivas, no entanto talvez fosse mais importante mudar o jeito como ela é mostrada ao aluno na maioria das vezes (de forma tediante), de modo a tornar as aulas mais interessantes e divertidas (Estudante 15).
- Para mim já está bom do jeito que está (Estudante 16).
- Textos menores e menos complexos (Estudante 19).
- Sugiro, se possível, um aumento no número de aulas e também que a sociologia deixe de ser só abordada em sala de aula, poderiam existir algumas aulas práticas, como entrevistar pessoas a respeito do seu comportamento na sociedade, análises, etc. (Estudante 20).

Agora percebemos com maior precisão os anseios dos/as alunos/as e também como eles estão distantes do real sentido da sociologia escolar. Com isso devemos prosseguir as

análises para compreender esse fenômeno que vai se caracterizando enquanto alienação, pois é diante das falas dos alunos, que se deixa transparecer como se dá esse processo.

A alienação vai estar presente no simples fato do condicionamento da produção de conhecimento nas aulas de sociologia através da conversão do mesmo em uma nota. Mesmo sendo uma instrução para todas as disciplinas esse ato vai inferir diretamente na maneira como o aluno/a enxerga a sociologia. Vemos que a maior parte deste público desconhece foi orientado a agir dessa forma, porém esta produção tem um peso maior diante da sociologia, pois seria através dela que o aluno/a compreenderá as relações sociais.

Percebemos também a deficiência em se construir um argumento sólido sobre a importância e a permanência da sociologia no Ensino Médio. A alienação faz com que a sociologia, no caso diagnosticado, não conquiste o prestígio e a importância merecida. Percebemos que algo do tipo só acontecerá quando esta estrutura de alienação for rompida.

Se o aluno/a não reflete sobre sua atividade em sala de aula, alienando está produção, que passará a ser coisa e não terá sentido para si a tendência é este distanciamento. A sociologia vai sendo sufocada e não consegue se expandir. A maior dificuldade dentro desse problema tem sido construir sentido para essa área de conhecimento.

Este aspecto de alienação também faz com que os alunos não consigam compreender as temáticas trabalhadas. Por muitas vezes nos deparamos com dificuldades de entendimento de casos voltados para o cotidiano deles por não conseguirem interpretar elementos simples. Assim destacamos que a alienação contribui de maneira significativa para a consolidação do senso comum. Os sujeitos envolvidos por muitas vezes tentam explicar os fatos sociais a partir do ‘achismo’, sem preocupação com a verdade trazida pela sociologia.

A alienação presente nas aulas de sociologia, construída sobre a égide de um tempo de aula reduzido, falta de formação qualificada, métodos e currículos esvaziados e todo um sistema de desvalorização formulado pelo sistema educacional, vai se perpetuando e nos deixando apreensivos. A sociologia de maneira sutil vai sendo golpeada e pode até desaparecer do ambiente escolar, pois aqueles que poderiam estar na linha de frente da defesa, por conta da alienação não conseguem compreendê-la.

5. CONCLUSÃO

Ao longo do estudo percebemos como a sociologia, enquanto disciplina do ensino médio, é primordial para a construção de um pensamento social coerente. A partir do senso comum visualizamos as escolas apenas como espaço de reprodução do conhecimento e os jovens como figuras iguais e comuns na sociedade. Enquanto profissionais da educação, devemos fazer da sociologia um debate diário a fim de tornar a escola um espaço de formação integral em seus mais diversos aspectos e anseios, principalmente preparando para a vida social.

A disciplina de sociologia entrou nesta pesquisa como uma peça fundamental a ser discutida, pois as aulas geralmente compreendem um espaço de discussão e construção coletivas e de conhecimento social.

Nossa preocupação, durante a pesquisa, se voltou para o fato de que os/as alunos/as, por muitas vezes, não demonstram ter consciência de seu protagonismo dentro da sociedade, ficando atônitos e à margem das decisões sobre seu presente e seu futuro. A sociologia tem como função essencial fornecer as ferramentas necessárias para que esses jovens consigam construir um pensamento emancipador e transformador da estrutura da sociedade.

Quando trabalhamos a categoria alienação, tivemos a preocupação de mostrar como ela está presente em vários aspectos da vida social. Não seria diferente com a escola. Para a compreensão desse contexto, tomamos como categoria principal a alienação. Esta categoria abrange as relações de trabalho e produção, trabalho e resultado de trabalho. Mas nosso recorte epistemológico foi a alienação dos/as alunos/as em relação a disciplina sociologia, por sujeitos específicos, os alunos, no espaço escolar. A alienação passou a ser uma categoria fundamental para compreender o distanciamento, o desinteresse e vários outros problemas que circundam esta disciplina.

Por várias vezes esta categoria nos direcionou para outros campos, mas nosso foco era analisar como a educação tem sido modificada para atender interesses escusos dos grupos detentores do poder ao longo da história.

Ao fim desta etapa de produção, chegamos diante da apropriação do problema central da alienação em relação à sociologia pelos/as alunos/as do ensino médio. A partir dos teóricos trabalhados vimos como a educação permanece atendendo a interesses burgueses e não é

fomentada para diminuir a disparidade entre as classes sociais. A educação para o filho do trabalhador vem sendo sucateada dia após dia, quando deveria estar sendo melhorada. Se a educação não consegue dialogar com os problemas sociais ela passa a ser insuficiente para resolver as questões simples dentro da sociedade.

As relações sociais são complexas e quando não as compreendemos, somos engolidos pelo senso comum e guiados como massa. A alienação, seja ela do trabalho ou, no caso do nosso objeto de pesquisa, do/a aluno/a em relação a sociologia, contribui para o aumento das injustiças sociais e amplia os privilégios das classes dominantes.

É angustiante ver que jovens que estão prestes a sair do ensino médio não conseguem ter uma perspectiva de futuro, pois acham que a realidade que está diante dos seus olhos é a única. Compreender todo este processo de alienação da disciplina já se estabelece como o início de um bom combate.

Para além do debate ao compreendermos os fatores que fazem com que o/a aluno/a não se identifique com os conteúdos da disciplina de sociologia, temos diagnóstico que pode contribuir para que o/a professor/a possa mudar suas estratégias metodológicas. Desse modo, podemos partir da reflexão para uma transformação na qual alunos e alunas são os protagonistas. A alienação passará a ser percebida e problematizada, seus agentes causadores poderão ser apreciados e combatidos de perto, pois nosso trabalho partiu da percepção dos principais interessados: alunos/as e professores/as.

Garantindo o protagonismo dos/as alunos/as é possível confrontar toda uma teia de elementos que constituem a alienação, ou seja, este conceito agora se mostra em forma de fenômeno, partindo de uma hipótese de que esta realidade não aparece isolada, por se tratar de um problema em rede. O simples fato apresentado sobre a formação dos/as professores/as ministrando a disciplina de sociologia, bem como a falta de vagas em concurso público mostra como há uma falta de interesse do poder público em ampliar e melhorar a oferta dessa disciplina dentro do ensino público no estado de Pernambuco.

Assim, para que esta pesquisa não fique apenas no âmbito da academia, ela precisa apresentar uma contrapartida social. Por isso, propomos apresentar seu resultado na escola campo através de seminários com as turmas das três séries do ensino médio para que os/as alunos/as compreenda a realidade da sociologia dentro de seu espaço escolar. Dessa forma, estaremos intervindo e contribuindo através da construção de uma proposta de ementa para

ser apresentada à gestão administrativa da escola campo e concorrer ao espaço de uma disciplina eletiva que terá como tema central o conhecimento sociológico aplicado aos problemas contemporâneos e locais. Sabemos que uma disciplina eletiva, com duas aulas de cinquenta minutos, não é a solução para a situação da sociologia na referida escola, mas será um importante canal para aumentarmos as discussões no ambiente escolar.

Todo esse esforço se faz necessário para que a sociologia seja valorizada dentro da escola. Diante deste momento de término, mesmo que seja parcial, já estamos cheios de esperança, pois o espaço dado à sociologia através da construção desse estudo já representa um marco. Assim, esperamos que a temática abordada neste trabalho possa contribuir para a ampliação da produção voltada para o ensino de sociologia no ensino médio.

6. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4ª ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP (FEU), 1999

CARNIEL, Fagner; BUENO, Zuleika de Paula. **O Ensino de Sociologia e os seus públicos**. Educ. Soc., Campinas, v. 39, n. 144, p. 671-685, Sept. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000300671&lng=en&nrm=iso>. access on 16 May 2020. Epub June 28, 2018. <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018186181>. Acesso em 12/05

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2008

FERNANDES, Florestan. **O ensino de Sociologia na Escola Secundária brasileira**. In: **I CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**. Anais. São Paulo, 1954. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1693&Itemid=170 Acesso em 26/04

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GORENDER, Jacob. Apresentação. In. MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2013

HANDEFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (Orgs). **Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: Instituições, práticas e percepções**. 1ª Edição, 353pp. Rio de Janeiro - Editora 7 letras, 2015

LEAL, Sayonara; YUNG, Tauvana. **Por uma sociologia do ensino de sociologia nas escolas: da finalidade atribuída à experiência social do alunato**. Estudos de caso no Distrito Federal. Soc. estado., Brasília, v. 30, n. 3, p. 773-796, Dec. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922015000300773&lng=en&nrm=iso> Acesso em 12/05

LOMBARDI, José Claudinei. A educação e a Comuna de Paris: notas sobre a construção da escola pública, laica, gratuita e popular. In. ORSO, P. J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. (Orgs). **A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade**. São Paulo: Ícone Editora, 2002

KANT, Immanuel. **Resposta à questão:** que é esclarecimento? Trad. Márcio Pugliesi. *Cognitio*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2. ed. 9. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Trad. Aderson Gonçalves. São Paulo: Boitempo, 2012

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe:** Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação:** da antiguidade aos nossos dias. 3ª ed. Trad. Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007

MARX, Karl. “Instruções para os Delegados do Conselho Geral Provisório. As Diferentes Questões”. Trad. José Barata-Moura. In. **Obras Escolhidas em três tomos**. Lisboa: Editorial Avante, 1982

_____. **A Guerra Civil na França**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011b

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004

_____. **O Capital:** Crítica da economia política. Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2013

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família, ou, a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011

_____. **Manifesto comunista**. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010

_____. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011^a

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** um guia prático. Itabuna (BA): Via Litterarum, 2010.

MINAYO, M. C. S (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32.. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de & COSTA, Ricardo C. R. da. **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANIERE, Jesus. Apresentação. In. MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004

RÊSES, Erlando da Silva; SANTOS, Mário Bispo dos; RODRIGUES, Shirlei Daudt. **A sociologia no ensino médio: cidadania e representações sociais de professores e estudantes**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012

SILVA, Adriano Carvalho Cabral da. **A relação entre o docente do ensino médio (em tempo) integral e seu trabalho no contexto da gestão por resultados**. 2018. 116f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, 2018

SILVA, João Carlos da. **Educação e alienação em Marx**: contribuições teórico-metodológicas para pensar a história da educação. Revista HISTEDBR on line. Campinas, n. 19, p. 101-110, 2005. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis19/art07_19.pdf Acesso em 23/05

SILVA, Giordanna Araújo; SILVA Pércia Alves; MELO, Elizabete Amorim de Almeida. In. BODART, Cristiano das Neves (Org.). **Sociologia e Educação: debates necessários**. Ma-ceió: Editora Café com Sociologia, 2019

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista da educação**. In. WOJNAR, Irena; MAFRA, Jason Ferreira (Orgs.). **Bogdan Suchodolski**. Trad. Jason Ferreira Mafra, Lutgardes Costa Freire e Denise Henrique Mafra. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010

7. APÊNDICES

Apêndice I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei ser entrevistado (a) e participar da pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado: “Alienação em relação à disciplina de sociologia no ensino médio”. Foi informado ainda que a pesquisa é orientada pelo professor Drº. Luciano da Silva.

Afirmo que aceitei por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de contribuir para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é um trabalho de conclusão do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional- PROFSOCIO, ministrado pela associada Universidade Federal de Campina Grande- UFCG.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de questionário aplicado a partir da assinatura deste termo.

Fui informado que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto o recebimento de uma cópia deste termo devidamente assinada.

VERTENTES, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da testemunha: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Apêndice II- Questionário aplicado aos professores

-Qual sua formação?

-Há quanto tempo você ministra a disciplina de Sociologia nessa instituição?

-O que a disciplina de Sociologia representa para você?

-O que a disciplina de Sociologia representa para a escola?

-Os alunos conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Explique.

-Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

-Os alunos conseguem fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

-A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análise e discussões?

-Os/as alunos/as conseguem fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

-A permanência ou a retirada da disciplina de Sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação?

O que você sugere para melhorar a disciplina de Sociologia?

Apêndice III- Questionário aplicado aos alunos/as

Idade:

Sexo:

Mora no campo ou na cidade?

-Você cursa a disciplina de sociologia?

-O que a disciplina de sociologia representa para você?

-O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

-Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim? Não?
Explique.

-Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

-Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

-A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

-O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

-A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

-O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

-O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Apêndice IV- Dados coletados a partir do questionário aplicado aos professores

PROFESSOR 1

-Qual sua formação?

História.

-Há quanto tempo você ministra a disciplina de Sociologia nessa instituição?

13 anos.

-O que a disciplina de Sociologia representa para você?

A amostra dos resultados, dos acontecimentos, dos fatos da sociedade que poderão servir para serem usados em outras sociedade.

-O que a disciplina de Sociologia representa para a escola?

A valorização da disciplina na escola está começando a acontecer.

-Os alunos conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia?

Explique.

Sim, temos que usar da provocação comparativa dos conteúdos com o espaço do estudante.

-Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Observação, atividades escritas, seminários.

-Os alunos conseguem fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, com certeza. A relação dos fatos que ocorrem e a objetividade que a sociologia mostra faz que isso aconteça.

-A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análise e discussões?

Infelizmente apenas uma aula por semana é insuficiente para um maior aproveitamento.

-Os/as alunos/as conseguem fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim.

-A permanência ou a retirada da disciplina de Sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação?

Levaria muito prejuízo a retirada da disciplina.

-O que você sugere para melhorar a disciplina de Sociologia?

Livros mais direcionados nos aspectos das ações sociais. Os oferecidos pelo governo são cansativos para o pouco espaço que a sociologia tem no currículo.

PROFESSOR 2

-Qual sua formação?

Minha formação é em História.

-Há quanto tempo você ministra a disciplina de Sociologia nessa instituição?

3 anos

-O que a disciplina de Sociologia representa para você?

Sociologia representa uma oportunidade de fazer com que o jovem reflita sobre os problemas sociais, a sociedade em que ele está inserido e, assim ele possa atuar como sujeito transformador dessa sociedade.

-O que a disciplina de Sociologia representa para a escola?

A escola geralmente não dá importância e o espaço que a sociologia deveria ter. Geralmente é complemento de carga horária e se entrega a disciplina à profissionais sem formação área.

-Os alunos conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia?

Explique.

Sim.

-Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

As avaliações são geralmente dissertativas, mas usa-se outros meios avaliativos: debates, pesquisas, relatórios e seminários.

-Os alunos conseguem fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, relacionam com alguns problemas da atualidade: violência, corrupção, entre outros.

-A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análise e discussões?

Não.

-Os/as alunos/as conseguem fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, relacionam com História, Filosofia.

-A permanência ou a retirada da disciplina de Sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim.

-O que você sugere para melhorar a disciplina de Sociologia?

Seria preciso, em primeiro, lugar, que a disciplina fosse trabalhada por profissionais da área. Também é imprescindível a ampliação da carga horária; uma aula apenas não é suficiente para se promover as discussões que a disciplina sugere.

PROFESSOR 3

-Qual sua formação?

Pedagogia.

-Há quanto tempo você ministra a disciplina de Sociologia nessa instituição?

10 anos.

-O que a disciplina de Sociologia representa para você?

Uma forma de ver e reconhecer o mundo criticamente.

-O que a disciplina de Sociologia representa para a escola?

Uma transmissão de conteúdos e conhecimentos sobre alguns sociólogos importantes.

-Os alunos conseguem compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia?

Explique.

Alguns sim, pois por ser uma disciplina que se fala diretamente de nossa convivência social chama a atenção dos alunos. Outros não, pois não foram formados a expressar suas opiniões.

-Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Através de atividades escritas, produções textuais, conversas debates e apresentações em grupos.

-Os alunos conseguem fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, em nossa convivência, exercício de cidadania, conhecer o teórico da prática que já vivenciam.

-A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análise e discussões?

Não, temos apenas uma aula semanal.

-Os/as alunos/as conseguem fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, com disciplinas como Filosofia, Geografia e História.

-A permanência ou a retirada da disciplina de Sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação?

Para a formação de todos, pois seríamos meros receptores de conhecimento, sem a formação crítica em nossas vidas.

-O que você sugere para melhorar a disciplina de Sociologia?

Mais aulas semanais e uma revisão nos conteúdos programados para a disciplina por turma. E ainda livros didáticos com uma linguagem acessível para os alunos.

Apêndice V- Dados coletados a partir do questionário aplicado aos alunos/as**Estudante 1**

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Nos mostra os acontecimentos com mais clareza, o seu estudo se dá por meio da englobação, dando assim um grande significado de ser uma ciência para o entendimento da história da humanidade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa um meio de ensinar os jovens a pensar, analisar, opinar e criticar, os conhecimentos adquiridos sobre o contexto de algum questionamento.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, porque fala dos acontecimentos da nossa sociedade.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Estudamos um determinado assunto e depois somos cobrados um teste de avaliação de 0 a 10.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim. Quando falamos do Brasil, a primeira coisa que lembramos é a liberdade do povo, o que não era possível durante a ditadura.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Às vezes não. Tem muitos assuntos que são difíceis de serem explicados e abordados em sala de aula e acabam sendo debatidos em outras aulas.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim. Possui domínio em outras áreas das ciências humanas.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim. Ela muito importante para nós alunos e ela propõe um entendimento de várias indagações. Além de trabalhar com ética e moral, ajuda a discutir problemas de economia.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

O modo como consigo entender o porquê um determinado país está em uma determinada situação.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Conectar mais o aluno a aula, encurtar os textos e falar de um jeito mais simples.

Estudante 2

Idade: 16 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim, estudo essa disciplina na minha escola.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Uma melhor forma de entender como as pessoas se comportam em sociedade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

É uma auxiliadora, ela me ajuda a entender certos comportamentos das pessoas que estão ao meu redor, fazendo com que eu tenha uma melhor compreensão de quem as pessoas são.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, pelo fato de se tratar de um assunto inevitável de se falar, pois convivo em uma sociedade, os assuntos (questões) abordados pela sociologia estão presentes no dia a dia de milhares de pessoas e isso faz com que elas involuntariamente acabem discutindo sobre esses assuntos, tendo assim uma certa naturalidade de se pronunciar sobre o assunto que é a sociedade.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Os professores passam os assuntos ao decorrer do bimestre, e quando chega a data prevista eles aplicam um teste de 0 a 10 pontos pra avaliarem o desenvolvimento do aluno.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

O leque de questões que a sociedade aborda é bem grande, dentre essas questões acho muito interessante ressaltar o convívio em grupo uma disciplina bastante estudada e muito importante para o desenvolvimento de uma sociedade estável.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Nem sempre o tempo de sala de aula é necessário para explicar todo o conteúdo proposto pelo professor.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, a medida em que nos aprofundamos em qualquer disciplina percebemos que todas estão interligadas facilitando a associação entre elas.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Claramente seria uma grande diferença não só na minha formação mas também de todos, levando em conta a importância que a sociologia tem nas vidas das pessoas.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

O modo como a sociedade é estudada, os experimentos sociais, mas principalmente saber como a sociedade funciona (ou deveria funcionar).

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Aulas práticas, pesquisas em campo com pessoas reais não só nos livros.

Estudante 3

Idade: 17 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Representa diversos conhecimentos.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa um momento de compreensão e desenvolvimentos para todos os alunos.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, consigo compreender através de textos e explicações do próprio professor.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia? Através da compreensão dos textos.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim. Aqui no Brasil podemos ver como exemplo a Ditadura Militar.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

São um pouco curto a quantidade de tempo. Mas dá para análises e discussões.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento? Sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, porque através dessa disciplina conseguindo vários conhecimentos para minha formação.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Em tudo, porque através dos textos, das explicações me chama muita atenção.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Ter mais oportunidades de mostrar para os jovens que a sociologia é uma matéria de vários conhecimentos.

Estudante 4

Idade: 16 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

A disciplina de sociologia significa ver os acontecimentos com mais clareza. A sociologia é uma ciência que tem a função de nos fazer entender o contexto da sociedade em que vivemos, fazendo interseções com acontecimentos históricos para entender o porquê da situação e qual o seu viés. O seu estudo se dá por meio da “englobação” do comportamento do ser humano em divergentes meios. Dando assim um grande significado de ser uma ciência indispensável para o entendimento da história da humanidade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa um meio de educar e atentar o jovem a pensar e indagar por si mesmo, dando assim, a possibilidade por meio do conhecimento adquirido, analisar situações com opiniões críticas sobre o contexto de algum questionamento.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Intermediário. Mesmo tratando-se de coisas de fácil assimilação, pois estuda a sociedade, muitas vezes acabamos adentrando em um assunto de grande complexidade no qual precisamos debater e analisar vários fatores para uma melhor construção de conclusões. O que acaba tornando muitas vezes o estudo de algum assunto algo difícil.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Da forma convencional. Estudamos sobre um determinado assunto e posteriormente é nos cobrado a resolução de um teste que nos avaliará de 0 até 10. Também apresentamos trabalhos e há a discussão sobre o estudo abordado.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim. Quando vemos o contexto do Brasil, vemos um povo que sempre quer ter a liberdade de expressão e autonomia, o que não era viável durante o período de 21 anos que o Brasil viveu uma ditadura militar (1964-1985). No contexto do século XXI, a maioria dos brasileiros abomina qualquer incitação à ditadura de maneira positiva. Essa rejeição também pode ser vista em diferentes localidades do mundo. Na Alemanha, o nazismo foi um movimento forte no

século anterior, no qual uma grande parcela dos alemães se julgavam superiores por meio da segregação com a teoria fatídica da ração ariana. Hoje, os alemães rejeitam qualquer alusão positiva do nazismo, como também é visto no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, há também o impasse da KKK (Ku Klux Klan) que ainda existe nos dias atuais, mas felizmente, por causa da evolução dos direitos dos negros e a luta dos próprios por respeito e dignidade, não tem a mesma força que possuíam no passado. A KKK era uma organização criminosa que atentava a vida de pessoas negras das formas mais covardes possíveis e que agora é criticada por diversas pessoas.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Geralmente não. Muitos assuntos são difíceis de serem abordados, fazendo com que acabem sendo debatidos em várias aulas que poderiam ser utilizadas pra outras discussões.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim. Todos os professores que já passaram por mim na disciplina de sociologia, possuíam também o domínio em outras áreas das ciências humanas, o que facilita alusões.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim. Não só porque tem muito a ver com a área que quero cursar no futuro, mas porque é importante para mim como cidadão. Sempre questionamos a capacidade das matérias de filosofia e sociologia sem lembrarmos que elas como todas as outras disciplinas estão ligadas. A geografia e história precisam muito das outras duas ciências humanas, pois elas proporcionam um melhor entendimento de várias indagações. Além das duas trabalharem com moral e ética que são “excenciais” para qualquer profissional e as duas são usadas para discutir os problemas socioeconômicos, não que a filosofia interfira também, mas de maneira mais sigilosa, pois é por meio da sociologia que será debatido uma solução viável para os problemas. Nunca questionamos a importância da química e física por serem disciplinas que parecem estar mais distantes de nós, entretanto quando nos é demonstrado sua importância, simplesmente nos silenciemos por darmos noção de tamanha ignorância que tínhamos sobre as disciplinas .

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A maneira como consigo assimilar e entender como e por que um país está em determinada situação. Mostrando como é interessante entender um momento histórico por meio do que o povo da época estava enfrentando, além de, a sociologia me fascina por me dá uma maior voz na aula de poder expressar meus pensamentos e poder discutir com os colegas de uma forma mais lúcida.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Melhorar a didática no sentido de inserir o aluno na aula e também melhorar a interação dos alunos com a disciplina.

Estudante 5

Idade: 15 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Representa o estudo das sociedades através do tempo, a moral e a ética dos indivíduos no tempo hodierno e explicação para as diversas relações do homem.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Uma disciplina que deve ser abordada para a formação de cidadãos com moral, ética e empatia.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, o professor tem uma boa didática.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Através da didática dos professores e de provas aplicadas para testar o conhecimento.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

A sociologia de fato é a explicação para as relações do homem. Encontro relações sociológicas nas minhas relações interpessoais e fora delas também, como na política e na sociedade em que vivo.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Não, não são suficientes. Para a formação de cidadãos com moral e ética fortificada, precisamos de mais aulas de sociologia, já que essa é uma ciência imprescindível para a formação do jovem.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, o professor consegue realizar pontes não só com a atualidade, mas também com outras áreas, como a ética e a filosofia moderna.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Faria, já que a Sociologia é importante para a formação dos jovens, já que é através dela que aprendemos sobre o homem e as suas relações e a ética em sociedade.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Os fatos abordados pelos professores sobre as relações dos indivíduos através do tempo e as diversas teorias de sociólogos que explicam diversas situações hodiernas e suas possíveis causas.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Mais professores formados na área, mais aulas e mais relações de como o jovem pode aplicar a sociologia na sua vida enquanto estiver na escola e quando sair dela.

Estudante 6

Idade: 15 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim, curso a disciplina na escola em que estou estudando atualmente.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Representa para mim uma oportunidade de ampliar meu conhecimento a respeito das interações e tudo que ocorre ou ocorreu no campo social.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa uma oportunidade muito boa e interessante para que os alunos conheçam e se aprofundem nesta ciência que visa estudar e compreender a sociedade.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, apesar de alguns conteúdos serem um pouco complexos, são sim de fácil compreensão. Associo isso ao meu interesse pela disciplina.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Através de provas e da participação do aluno em sala de aula, de acordo com o empenho do estudante ele recebe suas avaliações pelo professor.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim. Podemos observar que aprendemos que ao longo do tempo pessoas realizaram revoluções que visavam melhorias por direitos e que nos dias atuais se nós quisermos reivindicar algo podemos nos unir e lutar por nossas metas.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Infelizmente não, a disciplina, para ser bem compreendida, necessita de alguns debates, que na maioria das vezes não são possíveis devido ao tempo ser bastante curto, além do mais, as aulas são poucas em relação às demais.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

O professor consegue fazer relações entre a sociologia e outras áreas do conhecimento.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Haveria sim, uma grande diferença. A sociologia abriu e vem abrindo cada vez mais minha mente, compreendo inúmeras coisas a partir dos primeiros contatos com a disciplina.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A dinâmica da disciplina, as relações do trabalho, os sistemas em que as sociedades estão dispostas, são exemplos. Associe também a uma imensão e particular vontade de aprender mais a respeito da disciplina.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Apenas mais tempo e mais aulas para aprender.

Estudante 7

Idade: 16 anos.

Sexo: Masculino

Mora no campo ou na cidade? Campo.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Muitas coisas, como saber como conviver com as pessoas na sociedade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Só mais uma matéria.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim? Não? Explique.

Sim e não. Às vezes dá.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Com provas e atividades.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, tipo as pessoas que são racistas é um exemplo e outras coisas.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento? Sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Não.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Nada.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Ela é boa assim mesmo mais é porque eu não vejo ela como uma disciplina, por isso.

Estudante 8

Idade: 15 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Campo.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Para mim a disciplina representa uma oportunidade para conhecer melhor o mundo em que vivemos hoje.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa uma forma de interação no qual podemos compreender os acontecimentos da nossa sociedade.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, além de uma disciplina muito interessante, o professor faz com que todos os assuntos se tornem de fácil compreensão.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

O professor nos avalia de acordo com a nossa participação dentro de sala de aula, pelas nossas atividades e por meio de provas.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, exemplo a violência, que na disciplina de sociologia estudamos como ela começou, porque ela acontece, e o que podemos fazer para reduzi-la.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim, mas acho necessário mais tempo de aula da disciplina, pois é uma disciplina que tem grande valor para sociedade.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, ele sempre relaciona a sociologia com conhecimentos geográficos e históricos.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Com certeza. Na sociologia a convivência humana e suas construções, desconstruindo conceitos criados pela sociedade, esse estudo faz com que nós estudantes, possamos ver os “erros” na atual sociedade e mais para frente podemos construir uma sociedade “melhor”, sem tantos preconceitos e tabus. Sem a sociologia na grade curricular, muitos jovens nem iriam ter a curiosidade para estudar sobre nossa sociedade, fazendo com que “erros” da atual sociedade continuem acontecendo em gerações futuras.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

O que me chama mais atenção é a matéria em si, porque ela aborda temas do nosso cotidiano, e nos faz refletir sobre o que é a sociedade, qual o nosso papel e qual o nosso lugar nela.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

O que deveria melhorar era o tempo das aulas, aumentando o número de aulas na semana.

Estudante 9

Idade: 17 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de Sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Para mim é modo de compreender a sociedade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Por parte da direção da escola é uma disciplina fundamental. Da parte dos alunos não é vista com bons olhos.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim? Não? Explique.

Sim, mas acho que falta algo que prenda mais a atenção dos alunos. 5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de

Sociologia? Por provas, como as outras.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, em vários pontos diferentes.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Não.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Eu acho que consegue, mas não faz.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Com ela podemos entender grande parte do que acontece hoje.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Ser mais moldável para cada aluno.

Estudante 10

Idade: 15 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Eu só estudo sociologia na escola, para mim eu não curso essa matéria.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Representa uma forma de aprender bem como funciona a sociedade e como ela é na realidade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa um meio de aprender sobre um meio social.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, presto atenção, procuro algo que não deu para compreender e tiro minhas dúvidas. **5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?** O professor faz perguntas oralmente, atividades e testes.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

A quantidade de aula e o tempo dela são suficientes.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, o professor consegue.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, pois na sociologia aprende-se muito sobre o comércio meios de produção e etc.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A explicação sobre trabalhos, capitalismo, etc.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Não sugiro nada, pois só há um problema que são os alunos desinteressados.

Estudante 11

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

A disciplina de sociologia representa uma aproximação com o estudo da sociedade para que temos contato com o mundo social e aprofundar os conhecimentos que se passa ao nosso redor.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

A representação da disciplina de sociologia na escola vem mostrando o cunho social tratando de assuntos atuais sobre a sociedade.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, os assuntos abordados são mais da atualidade e fáceis de entender os que não são é só dá uma pesquisada em histórias passadas que também dá para entender.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

As avaliações ocorrem de acordo com o assunto abordado analisando os problemas sociais e encontrar a solução para eles.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, associando a disciplina em meio a pandemia do covid-19 a sociedade tem se resultado em pleno caos social em resolução de um isolamento social.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Não, infelizmente o horário da escola é difícil de ter várias aulas por semana mesmo sendo um sistema integral.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, ele sempre faz comparações.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Faria. Se a disciplina for retirada da grade curricular existe assuntos que não vão ser conhecidos por alunos futuros.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A temática, a boa explicação de fatos e a discussão de argumentos.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Sugiro aulas práticas, como por exemplo: fazer questionários sociais e entrevistas.

Estudante 12

Idade: 16 anos

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim, é uma boa disciplina.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Conhecimento sobre a sociedade, as leis fundamentais, estudo sobre às instituições sociais, todo o conjunto em si.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representação, somos uma instituição social ótima, a escola é um poço de conhecimento, a sociologia é fundamental.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, meu professor abordar fatos comuns que a maioria vive, o que nós faz entender ainda mais.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Por Ats e provas bimestrais, que são essenciais para o autoconhecimento.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, tudo que envolve a sociedade, envolve a sociologia, exemplo: O novo Covid-19, ele afetou todos os grupos sociais.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Não, deveria ter mais aulas na semana.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, com o envolvimento de História e Filosofia muitas vezes.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, acho a Sociologia necessidade para a formação de qualquer indivíduo, é obrigatório saber sobre os conhecimentos da sociedade.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A participação de todos, na leitura ou até mesmo no envolvimento através de exemplos do cotidiano.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Mais apresentações envolventes, que envolvam mais os alunos.

Estudante 13

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Campo.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

O estudo de como a sociedade se comporta como um todo, sabendo por exemplo culturas diferentes, costumes, crenças etc.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Uma disciplina obrigatória na grade curricular

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, consigo entender os assuntos sim, pra intermédio do meu professor.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Prova padrão.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, tá pra ver claramente como a sociedade se estrutura tanto na matéria como na vida real. É fácil perceber o que é estudado na matéria, como as culturas que são fruto de um trabalho uma crença, são passadas de gerações em gerações.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Não.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Dependendo do professor, sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

A inteligência do ser humano em se organizar em 'colônias' mesmo havendo conflitos, e é uma diversidade incrível.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Acho que deveria ser uma aula onde houvesse pratica, não só a avaliação de textos chatos, mas sim um vínculo e nutre professor é aluno que permiti-se um debate simples, a formação de grupos para entender costumes e comportamentos diferentes.

Estudante 14

Idade: 17 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Uma forma melhor de planejarmos a vida.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Uma disciplina até que indispensável.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, até porque são de fácil compreensão.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Com provas normais.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, consigo, mas prefiro não citar se não criar um texto.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

No meu ponto de vista se todos colaboraram é mais que suficiente.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Pelo que me lembre consegue sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Em algumas áreas da minha vida sim.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Praticamente tudo.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Por enquanto não sugiro nada.

Estudante 15

Idade: 17 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Uma ciência de grande importância levando em consideração levando em conta que ela estuda as relações humana e a sociedade como um todo.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Não tem muito valor, sendo às vezes não levada a sério.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim? Não? Explique.

Sim, falando-se das relações humanas é inevitável não falar das atividades que o homem desempenha, como economia e negócios gerais e desse modo se aprende muito.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Após o conteúdo passado durante o bimestre, além de um teste uma prova para realmente fixar o que foi aprendido.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, o fato de existir cada vez mais pessoas depressivas, já que isso é um fator social, cabe à sociologia junto a psicologia social, de modo que se chegue a uma análise concreta sobre esta problemática.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, de forma clara e objetiva.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, pois perderia de ter conhecimentos gerais da sociedade a que faço parte.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

O fato que uma análise geral sobre a sociedade auxilia minha auto análise como individuo.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

A disciplina de sociologia é ótima do jeito que é. É claro, tudo precisa de mudanças positivas, no entanto talvez fosse mais importante mudar o jeito como ela é mostrada ao aluno na maioria das vezes (de forma tediante), de modo a tornar as aulas mais interessantes e divertidas.

Estudante 16

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Campo.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Para mim ela mostra como um meio de estudo pelo qual conhecemos melhor nossa sociedade, padrões de relações sociais interação social e cultura da vida cotidiana.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Ela ajuda muito em nossas relações como seres humanos em questão de sociedade, educação...

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim. São assuntos que chamam atenção pois se trata da sociedade que estamos inclusos em questão de sociedade, educação...

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Através de compreensão de textos e trabalhos

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, nos problemas que podem ser atuais ou passados.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim. Porém se tivéssemos mais aulas seria melhor.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

A retirada sim, é de extrema importância o estudo da sociologia para minha formação.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Porque ela trata dos nossos interesses como participantes e influenciadores da nossa sociedade.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Para mim já está bom do jeito que está.

Estudante 17

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

É importante, pois a partir dela surgem vários valores éticos na sociedade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Uma matéria essencial para ser estudada.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, por que não é difícil compreender.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Não está tendo avaliações mas geralmente em forma de prova valendo dez pontos

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, o casamento é um fato social.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, pois querendo ou não cai em vestibular.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Citações de sociólogos.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Ter mais citações de sociólogos.

Estudante 18

Idade: 16 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Uma ciência ideal para explicar os fenômenos que ocorrem dentro da sociedade em seu contexto histórico e cotidiano.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Uma matéria essencial para a formação humana.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de Sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim, muitos deles podemos encontrar presentes em pequenas ações de nosso ciclo social, e, a partir do que é apresentado nas aulas podemos identificar bem cada um deles.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de Sociologia?

Depois do conteúdo abordado, seguimos com o método de provas e at's valendo pontos que é realizado em ambas as matérias durante todos os semestres.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, desde sua influência dentro de termos como a Instituição Social, presente em casamentos, colégios e outras relações humanas, podemos encaixar também, as Ações Sociais que fazemos constantemente sorteados por algum sentido, entre várias outras especialidades da sociologia.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a Sociologia e outras áreas de conhecimento?

Consegue.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Sim, sem seu conhecimento básico não saberia distinguir onde uma ciência social está presente em meu cotidiano, nem como ela influencia no contexto histórico.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

O quanto ela pode caracterizar coisas que passam despercebidas nas ações que realizados diariamente.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Adotar mais fatos que evidenciam a sociologia em momentos históricos, demonstrando sua verdadeira importância.

Estudante 19

Idade: 16 anos.

Sexo: Masculino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Apenas uma matéria escolar.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Apenas uma matéria escolar.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim. O professor entende bem o assunto e apresenta exemplos para facilitar a aprendizagem.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de sociologia? Por meio de ATS e avaliações referentes a textos.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Não faço nenhuma releção entre as duas coisas.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Sim.

8º) O/a professor/a consegue fazer relações entre a sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, usando exemplos.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Não, pois não tenho interesse nessa área.

10º) A permanência ou retirada da disciplina de sociologia do currículo do ensino médio faria alguma diferença para sua formação?

As diversas áreas que abrange uma sociedade.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Textos menores e menos complexos.

Estudante 20

Idade: 17 anos.

Sexo: Feminino.

Mora no campo ou na cidade? Cidade.

1º) Você cursa a disciplina de sociologia?

Sim.

2º) O que a disciplina de sociologia representa para você?

Representa uma forma de compreender melhor as relações sociais entre diferentes pessoas e entender como as coisas acontecem em nossa sociedade.

3º) O que a disciplina de sociologia representa para sua escola?

Representa a compreensão da relação entre escola e aluno e a formação dos processos de ensino e aprendizagem.

4º) Você consegue compreender os assuntos abordados nas aulas de sociologia? Sim?

Não? Explique.

Sim. Os assuntos de sociologia são abordados de forma que se encaixem em nosso cotidiano, o que facilita muito a compreensão da disciplina.

5º) Como ocorrem as avaliações na disciplina de sociologia?

As avaliações ocorrem de acordo com o assunto estudado, onde ocorre um debate e compreensão do que foi abordado, para em seguida analisar problemas sociais dentro do contexto e buscar uma forma para resolvê-los.

6º) Você consegue fazer alguma relação dessa disciplina com os acontecimentos da nossa sociedade? Em quê?

Sim, com a pandemia do Covid-19, a sociedade se mostra em completa balbúrdia devido as ordens de isolamento social, o que afeta as relações entre o ser humano e a sociedade.

7º) A quantidade e tempo de aula são suficientes para a construção de análises e discussões?

Infelizmente não, mesmo a escola fazendo parte do sistema integral, sociologia só possui uma aula na grade curricular, o que na maioria das vezes, acaba sendo pouco tempo de aula.

8º) O/A professor/a consegue fazer relações entre sociologia e outras áreas de conhecimento?

Sim, através de comparações usadas para explicar determinado conteúdo.

9º) A permanência ou retirada da disciplina de Sociologia do currículo do Ensino Médio faria alguma diferença para sua formação?

Faria. Se a disciplina Sociologia for retirada da grade curricular, muitos alunos não compreenderão a importância de seus comportamentos e relações com outras pessoas e com o meio que vive.

10º) O que chama sua atenção numa aula de sociologia?

Os métodos usados para abordar um tema, suas relações com o cotidiano e a maneira que conseguimos discutir um assunto.

11º) O que você sugere para melhorar a disciplina de sociologia?

Sugiro, se possível, um aumento no número de aulas e também que a sociologia deixe de ser só abordada em sala de aula, poderiam existir algumas aulas práticas, como entrevistar pessoas a respeito do seu comportamento na sociedade, análises, etc.